Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Instituto de Letras

Tatiana de Castro Lopes

Para além do terno e do chapéu de couro: mulheres masculinas em *The Well of Loneliness* e *Grande Sertão: Veredas*

Rio de Janeiro
2016

Tatiana de Castro Lopes

Para além do terno e do chapéu de couro: mulheres masculinas em *The Well of Loneliness* e *Grande Sertão: Veredas*

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Literatura Comparada.

Orientadora: Profª. Dra. Eliane Borges Berutti

Rio de Janeiro

2016

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

L864 Lopes, Tatiana de Castro.
Para além do terno e do chapéu de couro: mulheres masculinas em the well of loneliness e Grande sertão: veredas / Tatiana de Castro Lopes. – 2016.
154 f.

Orientadora: Eliane Borges Berutti.
Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Hall, Radclyffe, 1886-1943. The well of loneliness – Teses. 2. Rosa, João Guimarães, 1908-1967. Grande sertão : veredas – Teses. 3. Identidade sexual na literatura – Teses. 4. Homossexualismo na literatura – Teses. 5. Hall, Radclyffe, 1886-1943 - Personagens – Mulheres – Teses. 6. Rosa, João Guimarães, 1908-1967 – Personagens – Mulheres – Teses. 7. Literatura comparada – Inglesa e brasileira – Teses. 8. Literatura comparada – Brasileira e inglesa – Teses. I. Berutti, Eliane Borges. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 82.091

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese desde que citada a fonte.

_____ _____

Assinatura Data

Tatiana de Castro Lopes

Para além do terno e do chapéu de couro:

mulheres masculinas em *The Well of Lonelliness* e *Grande Sertão: Veredas*

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Literatura Comparada.

Aprovada em 29 de março de 2016.

Banca Examinadora:

_____

Profª. Dra. Eliane Borges Berutti (Orientadora)
Instituto de Letras - UERJ

_____

Profª. Dra. Maria Conceição Monteiro
Instituto de Letras - UERJ

_____

Profª. Dra. Fernanda Teixeira de Medeiros
Instituto de Letras - UERJ

_____

Prof. Dr. Maurício de Bragança
Universidade Federal Fluminense

_____

Prof. Dr. Leonardo Berenger
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2016

DEDICATÓRIA

Ao meu filho, Pietro, que foi trazido ao mundo ao mesmo tempo em que este estudo se iniciou. Por todos os olhares e sorrisos que me fizeram amar transbordando. Pelos meus livros rabiscados por ti que me ensinaram o valor de estar junto e me fizeram prosseguir. E por todo acolhimento que sei que retribuirá ao mundo.

AGRADECIMENTOS

À professora doutora Eliane Borges Berutti agradeço pela destreza ímpar em orientar minha ideias. Seus incentivos, ensinamentos e sua sensibilidade foram fundamentais para que eu percorresse um longo caminho acadêmico desde a especialização em 2004, passando pelo mestrado até o fim deste doutorado.

Aos professores de literatura e teoria desta universidade que contribuíram de forma direta ou não, que reacenderam meu interesse a cada encontro e ampliaram minhas perspectivas da arte e da vida. Agradeço pela inspiração que apenas a lembrança de suas imagens e de suas aulas é capaz de despertar. Em especial, Maria Conceição Monteiro, Ana Lucia de Souza Henriques, Fernanda Medeiros, Lucia de la Roque e Vitor Hugo.

Aos amigos que aqui fiz e transformaram esta jornada acadêmica em momentos de troca, companheirismo, incentivos e alegrias, tornando o percurso mais leve.

Ao Ricardo que esteve presente desde o início. Agradeço por me mostrar o quanto podemos superar cada obstáculo, ressaltando minha resiliência e perseverança. Reconheço no seu olhar o orgulho por esta trajetória.

Aos meus pais, Elita e Lopes, não há palavras que dê conta da minha gratidão. Agradeço por terem vindo a esta universidade durante todo o primeiro semestre deste doutorado para que eu pudesse trazer meu filho e seguir com a minha escolha da amamentação. Por terem oferecido colo a ele e a mim sempre que precisamos. Por todos os dias em que cuidou do meu maior amor como o maior amor para que eu pudesse desenvolver esta tese. Por todo amor, pelo acolhimento que me ofereceram durante toda a minha vida, por tudo, desde sempre, jamais terei como retribuir.

Quão danoso é para nossos nervos sermos constantemente obrigados a fechar todos esses pensamentos e sentimentos em nossos corações.[1]

Krafft-Ebing

[1] O texto em língua estrangeira é: “How injurious it is to our nerves constantly to be compelled to shut up all these thoughts and feelings in our hearts.”

RESUMO

LOPES, Tatiana de Castro. *Para além do terno e do chapéu de couro*: mulheres masculinas em The Well of Loneliness e Grande Sertão: Veredas. 2016. 154f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

"Para além do terno e do chapéu de couro: mulheres masculinas em *The Well of Loneliness* e *Grande Sertão: Veredas*" objetiva discutir questões acerca da masculinidade exercida por mulheres biológicas, bem como fazer uso da literatura como instância reflexiva acerca dessas formas plurais de masculinidades. O *corpus* literário desta tese é formado por romances de literatura inglesa (*The Well of Loneliness* publicado em 1928, de Radclyffe Hall) e brasileira (*Grande Sertão: Veredas* publicado em 1956, de Guimarães Rosa). O capítulo teórico se propõe a problematizar conceitos como sexo, gênero, determinismo biológico e sistema binário através de teorias que reúnem aspectos *queer*, filosófico, antropológico, fenomenológico e psicanalítico. O segundo capítulo aborda questões relevantes acerca da inversão da protagonista de *The Well of Loneliness*, bem como de sua autora, enfatizando uma fortuna crítica sobre o romance e seu tema tão condenado. O terceiro capítulo, que focaliza o romance *Grande Sertão: Veredas,* traça um percurso teórico que dialoga com os aspectos filosóficos dessa obra de Guimarães Rosa. Ao final da pesquisa, a conclusão propõe reflexões sobre subjetividades que possam ser plurais e fluidas, que estejam para além do corpo biológico, para além das arbitrariedades sociais. Ademais, a conclusão aponta para a possibilidade de sistemas sociais que congreguem em vez de segregar, que abriguem em vez de marginalizar o sujeito e seus desejos.

Palavras-chave: *Transgender*. Subjetividades. Masculinidades. Pluralidade.

ABSTRACT

LOPES, Tatiana de Castro. Beyond the suit and the leather hat: masculine women in The Well of Loneliness and Grande Sertão Veredas. 2016. 154f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

"Para além do terno e do chapéu de couro: mulheres masculinas em *The Well of Loneliness* e *Grande Sertão: Veredas*" aims at discussing issues about the masculinity biological women practice as well as using literature as reflexive instance about these plural forms of masculinities. The literary *corpus* of this dissertation is formed by an English novel (*The Well of Loneliness* which was published in 1928, by Radclyffe Hall) and a Brazilian one (*Grande Sertão: Veredas* which was published in 1956, by Guimarães Rosa). The theoretical chapter proposes the problematization of concepts such as sex, gender, biological determinism and binary system by the use of theories which join queer, philosophical, anthropological, phenomenological and psychoanalytical aspects. The second chapter broaches relevant issues concerning the inversion of the protagonist of *The Well of Loneliness*, as well as its author´s, highlighting critical articles about the novel and its so condemned theme. The third chapter which focuses on *Grande Sertão: Veredas* draws a theoretical trajectory that dialogues with philosophical aspects of this masterpiece by Guimarães Rosa. At the end of the research, the conclusion proposes a reflexion about subjectivities which are allowed to be plural and fluid, that are beyond the biological body, beyond social arbitrarities. Moreover, the conclusion points to a possibility of social systems that gather instead of segregating, that shelter instead of marginalizing the subject and his/her desires.

Keywords: Transgender. Subjectivities. Masculinities. Plurality.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	9
1	***TRANSGENDERISM:* O PLURAL QUE VIGORA**	11
1.1	**A desconstrução de destinos biológicos e a cultura da fluidez**	11
1.2	**A subjetividade *queer* em negociação**	15
1.3	**Molduras linguísticas, definições monolíticas e a ousadia da expansão**	33
2	**MOVIMENTOS *EM THE WELL OF LONELINESS*: ENTRE CRIADOR E CRIATURA**	37
2.1	**Julgamentos da obra: condenações e acolhimentos**	37
2.2	**Reflexões sobre o romance e algumas possibilidades teóricas**	41
2.3	**Despatologização da inversão**	57
2.4	**Corpos que ousam**	66
2.5	**Masculinidades**	74
2.6	**O império dos determinismos e a abjeção do ser trans**	81
3	**SER-TÃO PLURAL**	89
3.1	**O ouro de Rosa**	89
3.2	**O Menino, Reinaldo, Diadorim e Maria Deodorina: devaneios e descentramentos**	92
3.3	**O corpo *transgender*: hibridismo e primitividade**	108
3.4	**Travessias constantes no caminhar**	121
3.5	**Colheitas no sertão: ser e não ser, eis a questão**	135
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	143
	REFERÊNCIAS	149

INTRODUÇÃO

A pesquisa que culminou nesta tese teve início em 2004, quando no último ano do curso de Especialização em Literaturas de Língua Inglesa fui apresentada à peça *M. Butterfly*, do dramaturgo norte-americano David Henry Hwang. A referida peça focaliza um diplomata francês, Bernard Bouriscot, que tem um relacionamento com uma mulher chinesa, cuja identidade, descoberta após vinte e um anos, era não apenas de um homem biológico, mas também de um espião. Ambos foram julgados e sentenciados a seis anos de prisão por espionagem. Naquele momento em que eu desconhecia totalmente o assunto e suas implicações foi relevante saber que aquela era uma história baseada em acontecimentos reais.

Tal situação levou-me a refletir a respeito da expressão de gênero e da possibilidade de uma sublimação dessa expressão na biologia. A partir dessa reflexão, investiguei significados para o termo *transgender* e encontrei nas palavras de Leslie Feinberg, importante ativista político, em seu livro *Transgender Warriors: Making History from Joan of Arc to RuPaul*, um conceito que consegue dar conta daquilo que me proponho a analisar:

> Hoje a palavra *transgender* tem, pelo menos, dois significados coloquiais. Tem sido usada como termo guarda-chuva para incluir todos/as aqueles/as que desafiam as fronteiras do sexo e do gênero. Também é usada para traçar uma distinção entre aqueles/as que mudam o sexo atribuído no nascimento e aqueles/as de nós cuja expressão de gênero é considerada inapropriada para nosso sexo. (FEINBERG, 1996, p.x)

É importante mencionar que ao fazer uso do termo "*transgender*", refiro-me a todos os indivíduos que são audazes a ponto de expressar um gênero que não está em concordância social com seu sexo biológico. São aqueles/as que desafiam as fronteiras estabelecidas com a expressão de gênero estereotipada.

Com esse conceito perseverando em minhas reflexões e a possibilidade de investigar subjetividades tão instigantes e nada normativas, fiz o curso de Mestrado também em Literaturas de Língua Inglesa relacionando essa obra a questões de sexualidade presentes em *Cat on a Hot Tin Roof*, de Tennessee Williams.

Mais tarde, no entanto, esta tese teve seu ponto de partida quando fui arrebatada pela leitura de *Grande Sertão: Veredas* de Guimarães Rosa, um romance invadido por questões filosóficas profundas sobre vários aspectos da vida, inclusive sobre a questão do gênero. Ao me aproximar do fim da leitura do romance, situação que me entristeceu, pensei que eu havia de encontrar uma forma de perpetuar minha relação com ele. E a partir do encontro entre essa obra e eu, esta tese foi conjecturada.

A fim de estabelecer uma estrutura comparativa neste estudo, fui ao encontro da obra de Radclyffe Hall, *The Well of Loneliness*, que descreve com destreza ímpar um estereótipo de identidade rotineiramente marginalizada. Sendo assim, uma das principais proposições que norteiam tanto as obras supracitadas quanto esta pesquisa é a problematização da relação entre sexo biológico, expressões de gênero, formas de masculinidades e desejos.

É importante esclarecer que esta tese não se propõe a ser uma crítica literária dos romances já referidos, mas uma análise das questões centrais dessas duas obras através de algumas perspectivas teóricas.

1 *TRANSGENDERISM*: O PLURAL QUE VIGORA

1.1 A desconstrução de destinos biológicos e a cultura da fluidez

É fundamental apresentar os/as *transgenders* como sujeitos provocadores da estrutura social enquanto sistema binário. São eles/elas que levam ao colapso os muros erguidos entre o homem e a mulher, o masculino e o feminino. Hoje, diferentemente de transexuais, eles/elas não se submetem a cirurgias de readequação genital a fim de se tornarem biologicamente “homens” ou “mulheres”. Em vez disso, eles/elas ameaçam o determinismo biológico, expõem a ambiguidade, a contradição. Para eles/elas não há a escolha de corresponder a este sistema dual simplesmente porque não há esconderijo permanente para a expressão de gênero. Para o *transgenderism,* não há outra opção a não ser a exposição da ousadia e a consequente ameaça – situação daqueles/as que expressam o gênero de maneira diferente.

Na introdução de *Transgender Equality*, o doutor em direito pela Manchester Metropolitan University Jamison Green aponta que o termo "*transgender"* não engloba os mesmos aspectos se considerarmos tempos diferentes. Na explicação mais antiga e também mais restrita do termo, *transgender* era o sujeito que estava em harmonia com a contradição existente entre seu corpo biológico e sua expressão de gênero. Eles/elas poderiam até ser motivo de pesquisas antropológicas, mas não chegavam aos consultórios médicos, pois não demandavam adequação a um dos lados do binário, assim como os/as transexuais. Uma definição mais recente do termo surgida na última década do século XX, no entanto, o torna mais abrangente por se referir a todos cuja aparência e/ou características são percebidas de forma atípica em relação ao gênero que deveriam expressar. *Transgender* tornou-se um termo guarda-chuva, referindo-se não apenas, mas inclusive a pessoas *gender queer*, também a *cross-dressers* masculinos e femininas, mulheres e homens cuja aparência não estão em acordo com o sexo biológico, independentemente de suas orientações sexuais. (GREEN, 2000, p.3)

Traçando uma perspectiva histórica, é importante mencionar que, em algumas comunidades antigas, *transgenders* eram respeitados/as e esta condição

vista como uma situação natural. Eram, portanto, indivíduos abençoados por unir o masculino e o feminino em um corpo quase sagrado, criaturas afortunadas e completas em si.

Por exemplo, em *Gender Outlaw,* Kate Bornstein, escritora norte-americana, atriz e teórica *queer*, expõe que, no início do século XIX, o gênero feminino podia ser atribuído a uma criança com o corpo biológico masculino pelos habitantes da ilha Kodiak, localizada na costa sul do Alasca. Tais crianças eram consideradas especiais e reconhecidas desde cedo pelos objetos com os quais preferiam brincar. Mais tarde, eram essas as “mulheres” que trariam grande sorte a seus maridos. Ademais, na cultura xamanista, para um homem tornar-se líder espiritual deve experienciar parte de sua vida no outro gênero, o que prova que, em algumas culturas, a evolução é alcançada justamente a partir dessa fluidez. (BORNSTEIN, 1994, p.22)

As características definidas como "masculinas" ou "femininas" variam de acordo com o tempo, lugar e cultura. No entanto, a sociedade é levada ao entendimento equivocado de que as regras sociais que vivenciam no momento são as que sempre valeram em todos os tempos, lugares e culturas. É, portanto, uma supervalorização da própria vivência e das perspectivas "individuais". É, além disso, uma tentativa de tornar atemporal o momentâneo, bem como uma universalização do regional, já que tais categorias não são fixas.

Vale ressaltar que o sexismo instaurado na sociedade contemporânea pode também ser visto como uma questão cultural e histórica. Sendo assim, analisamos que a homossexualidade, a transexualidade, o *transgenderism*, bem como outras possibilidades de expressão de gênero ou de exercício do desejo não foram vistas como problemáticas em todos os tempos e/ou em todo lugar.

Neste momento, vale estabelecer certa diferenciação entre os conceitos de identidade e subjetividade, uma vez que os termos serão usados com frequência nesta tese. Para tal, farei uso da explicação de Kathryn Woodward:

> Os termos identidade e subjetividade são ocasionalmente usados de forma que sugerem que eles são intercambiáveis. Na verdade, há muito de sobreposição entre eles. *Subjetividade* inclui nosso senso do eu. Envolve pensamentos e emoções conscientes e inconscientes que constituem nosso senso de ‘quem somos’ e os sentimentos que são trazidos às diferentes posições dentro da cultura. Subjetividade envolve nossos sentimentos e pensamentos mais pessoais. Ainda, nós experimentamos nossa subjetividade em um contexto social onde a linguagem e a cultura dão

> significados à experiência de nossos eus e onde adotamos uma identidade. [...] Assim, sujeitos são submetidos ao discurso e devem assumir-se como indivíduos que se posicionam. As posições que assumimos e com as quais nos identificamos constituem nossas *identidades*.[2] (WOODWARD, 2002, p.39)

Leslie Feinberg, escritora e ativista *transgender*, foi um dos pioneiros nos estudos sobre o genêro capaz de levar tais questões ao grande público. Em *Transgender Warriors*, Feinberg aponta vários exemplos de tribos nativo-americanas nas quais as identidades *transgenders* não eram apenas integradas, mas principalmente exaltadas. Além disso, nessas tribos, não havia conceitos do tipo "anormalidade" ou "preconceito", pois esses foram juízos trazidos pelos colonizadores. Para exemplificar tal situação, aponto Spotted Eagle, um apache que dizia que "ser mulher era um *plus* e ser *Two-Spirit* era ainda melhor. Eu realmente não tinha qualquer ideia negativa sobre ser *Two-Spirit* até deixar a reserva." (FEINBERG, 1996, p. 28)[3]

Ser *Two-Spirit* neste contexto significa ser homem e mulher em um só corpo, ou seja, ser *transgender*. Mas, diferentemente da forma como é aludida hoje, naquele tempo e lugar, essa condição remetia a algo positivo, como se fosse um presente. Podia, inclusive, ser interpretado como uma representação quase sagrada da subjetividade, pois fazia referência à espiritualidade e não ao corpo e seu "mau uso" como nos apresenta a contemporaneidade.

Outra explicação da subjetividade *transgender* que também aborda essa perspectiva para além do corpo aparece em *TransLiberation: Beyond Pink or Blue*:

> Mulher ou homem. Mulher feminina ou homem masculino. E se você não pudesse ou quisesse espremer seu corpo e espírito nessas categorias, ou amasse alguém que não pudesse ou quisesse? Como você se definiria?

---

[2] O texto em língua estrangeira é: The terms identity and subjectivity are occasionally used in ways which suggest that the terms are interchangeable. In fact, there is a great deal of overlap between the two. **Subjectivity** includes our sense of self. It involves the conscious and unconscious thoughts and emotions which constitute our sense of 'who we are' and the feelings which are brought to different positions within culture. Subjectivity involves our most personal feelings and thoughts. Yet we experience our subjectivity in a social context where language and culture give meaning to our experience of ourselves and where we adopt an identity. […] Subjects are thus subjected to discourse and must themselves take it up as individuals who so position themselves. The positions which we take up and identify with constitute our **identities**. (Emphases in the original)

[3] O texto em língua estrangeira é: "Being a woman was a plus and being Two-Spirit was even better. I didn´t really have any negative thoughts about being Two-Spirit until I left the reservation."

> Que combinação de palavras poderia se aproximar da sua identidade? (FEINBERG, 1998, p. 67)[4]

São, portanto, *transgenders*, pois ousam cruzar as barreiras firmemente construídas para a manutenção da expressão de gênero subordinada à biologia. Ao cruzá-las, sujeitos como estes, não deixam essas barreiras intactas; elas são enfraquecidas e, por vezes, destruídas.

Esse binarismo que estratifica o ser homem e o ser mulher em molduras um tanto rígidas é desmontado pela análise da identidade *transgender*. O indivíduo *transgender*, enquanto sujeito, é capaz de se expressar de forma alheia ao que é imposto visualmente, ousando, desta forma, no âmbito individual. Ousa ainda mais na esfera social, onde tanto o julgamento quanto as punições são austeros e destes não se escapa. Vale salientar as palavras da historiadora norte-americana Susan Stryker:

> Muitos mudam o gênero que lhes foi atribuído no nascimento porque sentem fortemente que pertencem a um outro gênero no qual viveriam melhor; outros querem alcançar um novo lugar, um espaço ainda não claramente definido ou concretamente ocupado; e ainda há outros que simplesmente sentem a necessidade de escapar das expectativas sociais atadas ao gênero inicialmente imposto a eles. De qualquer modo, *é o movimento através de uma fronteira imposta socialmente para longe de um lugar inicial não escolhido* – em vez de qualquer destino particular ou modo de transição – que melhor caracteriza o conceito de "*transgender*" [...]. (STRYKER, 2008, p.1)[5]

Em *The Second Sex*, Simone de Beauvoir problematiza essa arbitrariedade de gênero em relação ao sexo biológico e questiona as determinações impostas à mulher na sociedade: "ninguém nasce mulher, mas em vez disso, torna-se uma. Nenhum destino biológico, psicológico ou econômico determina a imagem que uma

---

[4] O texto em língua estrangeira é: "Woman or man. Feminine female or masculine male. What if you couldn´t – or wouldn´t – squeeze your body and spirit into those categories, or loved someone who couldn´t or wouldn´t? How would you define yourself? What combination of words could approximate your identity?"

[5] O texto em língua estrangeira é: "Some people move away from their birth-assigned gender because they feel strongly that they properly belong to another gender in which it would be better for them to live; others want to strike out toward some new location, some space not yet clearly defined or concretely occupied; still others simply feel the need to get away from the conventional expectations bound up with the gender that was initially put upon them. In any case, *it is the movement across a socially imposed boundary away from an unchosen starting place*–rather than any particular destination or mode of transition–that best characterizes the concept of "transgender" […]."

mulher apresenta na sociedade". (BEAUVOIR, 1989, p.267) [6] Esta ideia pode perfeitamente se adequar a uma percepção não normativa da sexualidade e da expressão de gênero assim como é proposta aqui. De acordo com a teoria de Beauvoir, o determinismo biológico é desconstruído e a biologia se torna apenas mais um item que pode ou não ser útil no processo dialético de construção da subjetividade do indivíduo. Ademais, como precisamente coloca Toril Moi, "[...] fatos biológicos isolados não nos dão base para concluir qualquer coisa sobre o significado e o valor que eles terão para o indivíduo e para a sociedade." (MOI, 1999, p.69) Essa proposição corrobora a afirmativa da biologia como uma instância arbitrariamente determinista e, além disso, inspirada no dualismo cristão, binária.

1.2 **A subjetividade *queer* em negociação**

A artificialidade dos conceitos sobre o que é ser homem e o que é ser mulher advém de uma arbitrariedade imposta a um sistema social propositalmente débil e, por consequência, manipulável. Essas imposições derivam de ideais de sociedade formulados por discursos reguladores, sendo alguns deles: o discurso do Estado, do cristianismo, da biologia, entre outros.

Inicialmente, o Estado, formulador de regras é composto por sujeitos que necessariamente sofrem influências de todas as outras instâncias. São, portanto, na maioria das vezes, cidadãos que se constroem com base em uma formação cristã e subordinada à biologia. O cristianismo, enquanto discurso regulador tem como ferramenta importante o poder do conhecimento através das confissões, do juízo e da penalização sobre tudo aquilo que é abstrato, invisível. Portanto, governa o concreto por meios obscuros, intangíveis. A biologia, por sua vez, exerce um poder de proporções incomensuráveis, pois tem por propósito original funcionar como um discurso que não é construído, mas sim determinado pela natureza. Desta forma, tudo aquilo que a biologia nos apresenta é visto como natural e, por outro lado, aquilo que ela desaprova é marginalizado, rotulado como anormal, pois é a biologia,

[6] O texto em língua estrangeira é: "One is not born a woman, but rather becomes a woman. No biological, psychological, or economic fate determines the figure that the human female presents in society."

enquanto instância superior que define os parâmetros de normalidade científica. Ademais, não podemos desprezar o peso que a ciência assumiu ao longo dos séculos, nem como ela, tão poderosa e de proporções avassaladoras assume, frequentemente, o papel de um Deus.

Se estabelecermos, no entanto, uma relação entre a biologia e os estereótipos de gênero, constataremos o quanto os pressupostos biológicos ainda não dão conta de corresponder às diversas possibilidades de realidades, o quão problemáticas e culturalmente relativas essas conjecturas se mostram ser. Consequentemente, as fronteiras entre o que é certo e errado, o que se apresenta como fluxo principal e como *queer* continuam embaçadas. Não pretendo, contudo, que essas fronteiras sejam aclaradas, mas sim inexistentes. Que o sujeito transite livremente e sem julgamentos.

Na reflexão sobre a barreira que se impõe entre o normativo e o *queer*, é relevante a percepção de que os papéis que o indivíduo representa, bem como seus desejos, não estão engessados. Desta forma, a fluidez pode se tornar o normativo, o habitual, pois a identidade é construída mediante uma relação comutativa entre o que o mundo apresenta e a forma que o sujeito recebe e dialoga com tais representações.

Neste momento, faz-se importante uma tentativa de elucidação do termo *queer*. Em *Bodies That Matter: on the Discursive Limits of "Sex"*, Judith Butler, filósofa norte-americana e uma das principais teóricas sobre as questões *queer* na contemporaneidade, explica algumas representações que o vocábulo tem assumido:

> O termo *queer* tem operado como uma prática linguística cujo propósito tem sido envergonhar o sujeito que nomeia ou, preferivelmente, produzir um sujeito através dessa interpelação vergonhosa. "*Queer"* deriva sua força através da invocação repetitiva pela qual se conectou à acusação, patologização, insulto. Essa é uma invocação pela qual um laço social entre as comunidades homofóbicas é formado através do tempo. (BUTLER, 1993, p.226)[7]

No caso deste estudo, especificamente em relação ao gênero, é importante ressaltar que uma das formas de fluidez pode ser exemplificada quando nem

[7] O texto em língua estrangeira é: "The term queer has operated as one linguistic practice whose purpose has been the shaming of the subject it names or, rather, the producing of a subject through that shaming interpellation. "Queer" derives its force precisely through the repeated invocation by which it has become linked to accusation, pathologization, insult. This is an invocation by which a social bond among homophobic communities is formed through time."

todos/as aqueles/as cuja expressão de gênero está em desconformidade com o sexo atribuído no nascimento tem orientação sexual para o mesmo sexo. Ou seja, uma mulher biológica que expressa o seu gênero de forma masculina não necessariamente desejará uma mulher biológica apenas por estar se expressando de forma masculina. O desejo não tem amarras, nem com o Estado, nem com o cristianismo ou com a biologia, sequer com a expressão de gênero. O desejo não segue regras, ainda que a necessidade delas se mostre socialmente imperativa.

É sabido que as questões de gênero estão, em geral, submetidas a discursos arbitrários e impositivos. Nesse sentido, Friedrich Nietzsche esclarece com detalhes o despotismo impresso nesses conceitos:

> Dividimos as coisas por gênero, designamos a árvore como feminina, o vegetal como masculino: que transposições arbitrárias! A que distância voamos além do cânone da certeza! [...] que delimitações arbitrárias, que preferências unilaterais, ora por esta, ora por aquela propriedade de uma coisa! As diferentes línguas, colocadas lado a lado, mostram que nas palavras nunca importa a verdade, nunca uma expressão adequada: pois senão não haveria tantas línguas. A "coisa em si" (tal seria justamente a verdade pura sem consequências) é, também para o formador da linguagem, inteiramente incaptável e nem sequer algo que vale a pena. Ele designa apenas as relações das coisas aos homens e toma em auxílio para exprimi-las as mais audaciosas metáforas. (NIETZSCHE, 1978, p.55)

Ironicamente, o filósofo ainda se refere a este lugar de onde vem tanta arbitrariedade, onde qualquer rótulo se torna possível: "Em todo caso, portanto, não é logicamente que ocorre a gênese da linguagem, [...] provém, senão de Cucolândia das Nuvens, em todo caso não da essência das coisas." (NIETZSCHE, 1978, p.56)

E assim ocorre, não apenas com a linguagem, mas também com as imposições ao sujeito. É certamente em Cucolândia das Nuvens que têm origem todas essas regras prescritas para a coletividade. O gênero não é estabelecido a partir do que chamam de essência (e aqui não me refiro a qualquer característica fixa do sujeito, mas ao que aflora em seus instintos), mas sim a partir de convenções bastante convincentes. Essas regras são responsáveis pela opressão da pluralidade individual e a elas é acrescentada a vigilância despótica, quase que estabelecida como mais uma instituição no século XX, marcando presença no sujeito, controlando e punindo escolhas não normativas.

Impressiona notar que verdades a respeito de sexo e gênero têm sido difundidas com agressividade, ainda que não me refira exclusivamente ao aspecto físico. Instituições responsáveis por este processo de "lavagem cerebral" podem se

considerar bem sucedidas no sentido de que aquilo que é apresentado ao seu grande público não é sequer questionado, na maioria das vezes, mas acolhido como natural. São, portanto, as imposições mascaradas de natureza.

A sexualidade como nos apresentam tem desempenhado, ao longo dos séculos, um aspecto manipulador e sendo assim, tem conquistado o *status* de verdade sagrada no imaginário social.

Em *História da Sexualidade*, volume I, Michel Foucault esclarece que ainda no século XVII os códigos de decência eram menos castradores e, portanto, experimentava-se a sexualidade com mais liberdade. Com o advento da burguesia vitoriana, contudo, a sexualidade teve de ser resumida à sua função procriadora e aprisionada ao quarto do casal. Este, por sua vez, era necessariamente formado por um homem e uma mulher, heterossexuais normativos. Uma vez que a sexualidade foi reduzida ao ritual da procriação, uma nova configuração de verdade sexual foi estabelecida e imposta a qualquer indivíduo que quisesse ser aceito e viver de acordo com as regras sociais. Por consequência, a vigilância tornou-se obrigatória para comportamentos sexuais não normativos e prazeres considerados “estranhos”, ambos vistos como pecados graves e merecedores de punições. Durante a era vitoriana, portanto, o prazer é censurado e o sexo passa a fazer parte do que há de sujo no humano. (FOUCAULT,1988, p.9)

Sendo assim, aqueles que ousavam procurar por esses prazeres “estranhos” ou tinham comportamento sexual não normativo, suspeito, eram condenados por este pecado grave. Expressões sexuais insubordinadas eram punidas e consideradas desordem mental. Prisões e sanatórios foram povoados por indivíduos rotulados como insanos e suas loucuras recebiam diferentes nomes, tais como: desequilíbrio psíquico, neurose genital, loucura moral, entre outros termos pejorativos. Finalmente, o regular foi estabelecido em oposição ao marginal.

A era vitoriana originou pensamentos que difundiam a intolerância, o preconceito e a segregação. Vale ressaltar que algumas dessas regras castradoras ainda vigoram em pleno século XXI, pois foram consolidadas e promovidas ao *status* de Verdade. Por essa razão, forma-se um abismo entre a sociedade e o indivíduo devido à característica imperativa dos desejos e do exercício da subjetividade, originando vários conflitos relacionados à construção da identidade. É convencionado e difundido que o sujeito correto, cuja moral é ilibada deve “praticar” uma única identidade ao longo da vida, emoldurada, rígida. São as verdades que

inviabilizam ou tentam descredenciar o processo constante de formação do indivíduo.

Todavia, o que percebemos no sujeito pós-moderno é que a identidade é um aspecto de identificação fluida. Como bem aponta Tennessee Williams, “Admitamos ou não para nós mesmos, somos todos assombrados por uma sensação verdadeira e terrível de impermanência.” (WILLIAMS, 1976, p.12)[8] A sensação é verdadeira devido à inevitabilidade da constituição fluida humana e pode ser terrível quando aquilo que é surpreendente ou fora do padrão nos incomoda, nos ameaça e desafia todo um modelo previamente formulado e internalizado. Por quem? Pelos outros, especialistas em transformar sujeitos em Outros.

Apesar de sabermos que essa inconstância, que o transpor limites é o curso provável na trajetória de qualquer indivíduo, ainda que ele não perceba desta forma, no caso do/a *transgender*, essa situação fica evidente, uma vez que ele/a não cabe no binário homem/mulher, masculino/feminino tão difundido e reproduzido por todos.

Por qual motivo e quando esses padrões de exercício da sexualidade e do gênero foram impostos? Quais são as leis que regem e delimitam as fronteiras entre o conservadorismo e a transgressão de gênero? Reforçando a ideia anteriormente apresentada por Nietzsche acerca do gênero, Susan Stryker explica em *Transgender History*,

> Histórica e culturalmente, tem havido muitos sistemas diferentes para organizar as pessoas em gêneros. Algumas culturas, incluindo muitas nativo americanas, têm três ou quatro gêneros sociais. Alguns atribuem o gênero social ao trabalho que as pessoas desempenham em vez de atribuir ao corpo no qual eles vivem. Em algumas culturas, as pessoas podem variar seu gênero social baseadas em sonhos ou visões. Em algumas, elas mudam o gênero com um bisturi. O importante é ter em mente que gênero é histórico (muda através do tempo), que varia de lugar para lugar e de cultura para cultura, e que é contingente (depende de muitas coisas diferentes e aparentemente não relacionadas que se combinam). (STRYKER, 2008, p.11)[9]

[8] O texto em língua estrangeira é: “Whether or not we admit it to ourselves, we are all haunted by a truly awful sense of impermanence.”

[9] O texto em língua estrangeira é: “Historically and cross-culturally, there have been many different systems of organizing people into genders. Some cultures, including many Native American cultures, have had three or four social genders. Some attribute social gender to the work people do rather than to the bodies they live in. In some cultures people can change their social genders based on dreams or visions. In some they change it with a scalpel. The important things to bear in mind are that gender is historical (it changes through time), that it varies from place to place and culture to culture, and that it is contingent (it depends on a lot of different and seemingly unrelated things coming together).”

A ideia expressa por Stryker sobre atribuição de um gênero ao corpo em que o individuo vive sugere uma certa transitoriedade, sendo o corpo apresentado como um instrumento para manifestações relevantes, mas não como sede principal e determinista de todos os outros aspectos da vida do sujeito.

Apreciar a diversidade no que diz respeito à identidade do sujeito, sua sexualidade, bem como sua expressão de gênero e todas as outras características que constroem continuamente o indivíduo é um movimento importante que deve ser feito a fim de se conquistar uma sociedade humanamente enriquecida através de sua pluralidade. Progredimos em diversas áreas, mas o que chamamos aqui de *transgenderism* ainda precisa de muito mais investigação, conhecimento, divulgação e acolhimento. É simples compreender que ninguém escolhe sofrer, ser apontado e prejudicado ao longo da vida. Portanto, ser *transgender* pode não ser uma escolha, mas uma característica inata, uma urgência do “eu”.

A partir desse momento, faz-se necessária uma explicação capaz de distinguir as fronteiras possíveis entre instinto e desejo. Para tal, usarei propostas tanto de Sigmund Freud quanto de Gilles Deleuze.

Foi a partir da psicanálise que o conceito de *Instink* (instinto) passou a ser articulado por um novo conceito, o *Trieb* (pulsão). O instinto, por sua vez, é o que busca a satisfação das vontades e é reconhecido como o aspecto físico das necessidades, o que incita à ação, cujo objetivo é reduzi-las até que o organismo se encontre em estado de “equilíbrio” ou ausência de tais necessidades. Todo instinto tem quatro componentes: fonte, finalidade, pressão e objeto. E é a articulação entre eles que determinará o estado de equilíbrio ou satisfação. Essa satisfação é, contudo, momentânea, uma vez que as pulsões tem origem interna ao organismo e têm por característica a constância. (FREUD, 1996, p.118-121)

O desejo, por outro lado, passa pelo campo dos aspectos mentais e recorro à filosofia para tal explicação. Segundo Deleuze, ele está no campo do construtivismo, pois nunca se apresenta isolado, mas contextualizado em agenciamentos. Em entrevista a Claire Parnet, em 2005, Deleuze afirma que desejar vem sempre em um conjunto, que desejar é construir. No desejo, portanto, estão contidas as relações dialéticas, os processos de construção e desconstrução, as pontes entre sujeitos e objetos.

No entanto, o que se observa é que tais oportunidades são frequentemente negadas ao sujeito, sendo tanto seus instintos quanto seus desejos policiados e

interrompidos. A "obrigatoriedade" que o sujeito tem de desempenhar o papel esperado pela sociedade resulta, muitas vezes, em indivíduos que tentam caminhar na contramão de seus desejos, suprimem os instintos e se fecham em uma prisão. Ter de agir de tal forma determinada por outrem pode ou não estar em acordo com o próprio desejo. Quando sim, há benefícios inegáveis na sensação de pertencimento, de ser abrigado socialmente. Quando não, a dissonância entre o esperado por outros e o desejado por si gera sensações intermináveis de angústia, de ser negligenciado e de abandono social. Como o sociólogo polonês e professor emérito das universidades de Leeds e Varsóvia, Zygmunt Bauman ilustra em seu livro *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*,

> As pessoas que vestem o manto podem achá-lo bonito, aconchegante e confortável, podem nunca sair sem ele e recusar-se a trocá-lo por qualquer outra coisa, mas a crença de que podem despir o manto é o que o faz ser percebido como “leve”, nunca irritante ou opressivo. É a situação “sem alternativas”, o destino sem saída do morador do gueto que faz com que a “segurança da mesmice” seja sentida como uma gaiola de ferro — apertada, incômoda, incapacitante e à prova de fuga. (BAUMAN, 2003, p.107)

Em outros termos, quando o indivíduo apresenta qualquer traço que o coloque na posição do Outro marginalizado, que esteja fora daquilo que é considerado “normal”, mas pode, por motivos variados, se despir de tal característica ou disfarçar-se sem dificuldade, é como se este usasse um leve manto, podendo tirá-lo ou pôr a qualquer momento de acordo com sua vontade. Por outro lado, se o sujeito não tem escolha (como é o caso do/a *transgender*, pois sua diferença reside inclusive no âmbito visual) e aquele aspecto que o diferencia, que o marginaliza não pode ser apagado quando essa diferença não for conveniente, tal situação configura uma prisão da qual não é possível sair. Essa marginalização coloca o sujeito em um gueto involuntário; é a marca que não se apaga, neste caso, é o *transgenderism* que não se esconde.

Jack Halberstam, nascido Judith Halberstam, teórico *queer*, professor e diretor do *Center for Feminist Research* da Universidade do Sul da Califórnia, traz à luz parte do caminho que percorreu em sua autopercepção e consequente nomeação da sua identidade de gênero. Segundo ele,

> […] o livro é uma tentativa de tornar minha própria masculinidade feminina plausível, crível e real. Por um longo período da minha vida, fui estigmatizado por uma masculinidade que me marcava como ambígua e ilegível. Como muitos outros *tomboys*, fui confundido com menino por toda

> minha infância, e como muitos outros adolescentes *tomboys*, fui forçado a ter uma aparência feminina durante a adolescência. Quando crianças de gênero ambíguo são constantemente desafiadas acerca de suas identidades de gênero, a cadeia de reconhecimentos errôneos pode verdadeiramente produzir um novo reconhecimento: em outras palavras, ser constantemente confundido com um menino, para muitos *tomboys*, pode contribuir para a produção de uma identidade masculina. Não foi antes dos meus vinte e poucos anos que finalmente descobri uma palavra para minha própria configuração de gênero: *butch*. (HALBERSTAM, 1998, p.19)[10]

Halbestam que nasceu mulher biológica, mas se expressa de forma masculina de tal maneira que é inquestionavelmente lido como homem, dirige um centro universitário de pesquisas feministas, o que pode parecer uma incoerência. No entanto, são essas aparentes contradições que uma sociedade acolhedora deve se empenhar em apagar. Um sujeito que se expressa de forma masculina, mas que escolhe gerenciar pesquisas em benefício de mulheres, sejam estas biológicas ou na maneira de expressar seu gênero. Mais importante que isto é compreender que assim como masculinidade não está estritamente ligada ao homem, "*feminist*" (neste caso, de *Center for Feminist Research*) não necessariamente estará atrelado à mulher.

Como sujeito que transpõe barreiras, ultrapassa limites, o/a *transgender* pratica permanentemente a fluidez da qual a linguagem não pode dar conta. Por isso, Leslie Feinberg perguntou-se por qual motivo se descrevia como mulher masculina: “esses conceitos não são muito limitadores? Sim. Mas colocar as duas palavras juntas é revolucionário, é explodir a crença de que expressão de gênero está ligada ao sexo de nascimento como cavalo e carruagem.” (FEINBERG, 1998, p.9)[11]

É perceptível como sexualidade e desejo são arbitrariamente atrelados, configurando mais uma das imposições preestabelecidas por esferas sócio-reguladoras tais como o Estado, a Igreja e a medicina. É esperado de determinado indivíduo que ele deseje tais pessoas e de formas regulamentadas pela sociedade.

---

[10] O texto em língua estrangeira é: “[…] this book is an attempt to make my own female masculinity plausible, credible, and real. For a large part of my life, I have been stigmatized by a masculinity that marked me as ambiguous and illegible. Like many other tomboys, I was mistaken for a boy throughout my childhood, and like many other tomboy adolescents, I was forced into some semblance of femininity for my teenage years. When gender-ambiguous children are constantly challenged about their gender identity, the chain of misrecognition can actually produce a new recognition: in other words, to be constantly mistaken for a boy, for many tomboys, can contribute to the production of a masculine identity. It was not until my midtwenties that I finally found a word for my particular gender configuration: butch.”

[11] O texto em língua estrangeira é: “Isn´t each of those concepts very limiting? Yes. But placing the two words together is incendiary, exploding the belief that gender expression is linked to birth sex like horse and carriage.”

O dizer não ao poder, contudo, como sugere Jack Halberstam, pode não ser necessariamente um não impetuoso e audaz, mas um não se importar com o que impõem como importante e é, antes de tudo, um sim para o eu. Compreendemos que não pode haver um modelo padronizado de fluidez e/ou transição de gênero. Há sim, em vez disso, inúmeras motivações e incontáveis objetivos, ainda que estes não estejam claros sequer para o sujeito que exerce este direito.

A acomodação social tem por consequência um incômodo individual e é claramente construída sobre bases insólitas e inverídicas. Devido a todas essas imposições biológicas, cristãs e aos sistemas de vigilância estatais, observo a importância de fazer referência ao termo que usei em minha dissertação de mestrado advindo da peça *Cat on a Hot Tin Roof* de Tennessee Williams. O vocábulo "*mendacity*", que será eventualmente citado nesta tese, implica muito mais do que um simples comportamento hipócrita, mas engloba todo um sistema social baseado em valores falsos; uma estrutura na qual níveis diferentes de farsa estão profundamente enraizados e impostos ao sujeito se este, por sua vez, anseia por pertencimento. Consequentemente, mencionarei também, uma expressão cunhada por mim, *"sexual mendacity"*, que tenta dar conta de todo esse sistema de mentiras ligadas à sexualidade.

Essa expressão, em minha dissertação de mestrado em Literaturas de Língua Inglesa, foi aplicada à análise da peça *M. Butterfly* de David Henry Hwang e articulada com campos de saberes aparentemente incompatíveis, mas de extrema consonância, tais como aspectos de teorias *queer*, filosóficas, teológicas e antropológicas. O presente estudo pretende colaborar com reflexões teóricas a respeito do assunto, tendo por base, em vez de uma peça teatral, dois romances.

Desempenhar o papel esperado pela sociedade significa, entre outras coisas, evitar marginalização. Ademais, isso implica também não ter de pagar o preço de exercer sexualidade e/ou expressão de gênero consideradas anormais. Por outro lado, cumpre-se então a penalidade de não exercitar o que o instinto propõe ao desejo, mas o que arbitrariedades socioculturais impõem ao comportamento. Sendo assim, o que chamamos de *mendacity* é estabelecido por toda parte – tanto na sociedade quanto no indivíduo, pois este último não é mais sujeito de suas atitudes, mas um objeto do que lhe é arbitrariamente imposto.

> No homem essa arte do disfarce chega a seu ápice; aqui o engano, o lisonjear, o mentir e ludibriar, o falar-por-trás-das-costas, o representar, o viver em glória de empréstimo, o mascarar-se, a convenção dissimulante, o jogo teatral diante de outros e diante de si mesmo, em suma, o constante bater de asas em torno dessa única chama que é a vaidade, é a tal ponto a regra e a lei que quase nada é mais inconcebível do que como pôde aparecer entre os homens um honesto e puro impulso à verdade. (NIETZSCHE, 1978, p.54)

Esta verdade não se pretende determinista, castradora, nem singular, mas permissiva quanto às possibilidades que partem do indivíduo e de suas relações construídas. O sujeito *transgender* é aquele que arrisca-se na verdade, nas suas verdades, ainda que estas não estejam em conformidade com as expectativas sociais. Este sujeito ameaça pela exposição da sua ambiguidade, já que não pretende viver nesta farsa social binária, pois como já foi dito anteriormente, ele/a não tem esconderijo constante, sua “anormalidade” é visualmente exposta. Este indivíduo desafia e contradiz tudo o que lhe foi ensinado segundo os princípios religiosos, familiares, sociais e biológicos. Ele/a pode, além disso, tornar-se refém desse sistema social/sexual de mentiras, pois por não ser homem nem mulher segundo as convenções, paga o preço por não se mascarar conforme o esperado socialmente, por se recusar a interpretar o papel esperado. Ele/a ocupa, portanto, o entrelugar ou o lugar nenhum.

Por outro lado, questiono esta verdade, ainda que particular. Por qual motivo ela não poderia dar vida aos corpos que a embaralham no dissimulacro, em processos constantes de deslizamentos? Pode haver muito de inverdades e dissimulações positivas no processo de construção da subjetividade *transgender* e talvez essa possa ser a representação de uma coerência interior. A composição da subjetividade é um processo contínuo de reconstruções, de exigências reflexivas acerca dos desejos e do mundo. De maneira inevitável, há um intercâmbio entre o que é orgânico, ou seja, parte do "eu" enquanto organismo e aquilo que é advindo do exterior, dos estereótipos. Tais intercâmbios tornam as fronteiras entre jogos teatrais, dissimulacros, verdades e máscaras conflitantes, fazendo com que o exercício de um passe pelo outro.

As fronteiras do que é certo ou errado, fluxo ou contrafluxo não deveriam ser tão definidas uma vez que esta problemática é revisitada temporal e culturalmente. O homem elege seus dogmas e os impõem aos outros sem qualquer critério ou respeito à individualidade. Como explica Nietzsche,

> Pode-se muito bem, aqui, admirar o homem como um poderoso gênio construtivo, que consegue erigir sobre fundamentos móveis e como que sobre água corrente um domo conceitual infinitamente complicado: – sem dúvida, para encontrar apoio sobre tais fundamentos, tem de ser uma construção como que de fios de aranha, tênue a ponto de ser carregada pelas ondas, firme a ponto de não ser despedaçada pelo sopro de cada vento. (NIETZSCHE, 1978, p.58)

Ventos estes representativos de questionamentos, de reflexões acerca dessa estratificação do sujeito quanto ao exercício plural de sua subjetividade. Como observa Leslie Feinberg em *Transliberation: Beyond Pink and Blue*, "O sexismo é inimigo de todo ser humano."[12] (FEINBERG, 1998, p.47) No entanto, é necessário reforçar o sexismo como um aspecto cultural, uma vez que homossexualidade, transexualidade, *transgenderism* e outras possibilidades "incomuns" de expressão de gênero ou sexual nem sempre foram interpretadas a partir de um ponto de vista que representasse uma problemática assim como ocorre na contemporaneidade.

Essa mentalidade, consequência de um ideal estabelecido ao longo de séculos por mentes sexistas de sociedades falocêntricas, compele o sujeito a se encaixar em categorias estreitas que determinam modelos de comportamento, orientação sexual, expressão de gênero, dentre outros aspectos que compõem a identidade. Esses árbitros ousam impor prescrições tanto à expressão comportamental do indivíduo quanto à condição interior. Feinberg afirma que as imagens do que pode ser considerado uma mulher de verdade e um homem de verdade "têm sido ensinadas a nós através da cultura popular e da educação ao longo dos anos."[13] (FEINBERG, 1998, p.3)

De acordo com uma afirmação em *A genealogia da moral*, "Nietzsche vê na moral a problemática do domínio. Todas as morais são configuração do Poder". (NIETZSCHE, 2002, p.iii) E é justamente devido a essa moralidade também construída e não natural como propagam, que sujeitos são postos à margem da sociedade, ou em vez disso, se submetem a esse sistema hipócrita a fim de pertencerem. Desta maneira, suprimem seus desejos e passam também a interpretar uma versão pálida e sufocada de seus próprios "eus". Essas tentativas de submissão aos modelos sociais, de viver em acordo com o que é estabelecido como

[12] O texto em língua estrangeira é: "Sexism is the enemy of every human being."
[13] O texto em língua estrangeira é: "Yet these images have been drilled into us through popular culture and education over years."

virtuoso culminam em um modo ascético de sobrevivência. O recolhimento, a retração do desejo são algumas das penitências dessa "escolha imposta". Como explica Nietzsche, "O asceticismo é um meio de vida fraca e doente para manter a existência. A vida fraca tem de renunciar à explosão das paixões, das emoções; ela deve se suster às paixões para sobreviver." (NIETZSCHE, 2002, p.vi)

O deslocamento compulsório de tudo que está fora do binário para um espaço restrito e marginalizado representa subtrações sociais importantes. Essas determinações trabalham engenhosamente a fim de erigir as paredes firmes da moral que dão origem ao preconceito. Este, por sua vez, não faz parte da natureza do homem, mas é aprendido, passado de geração em geração, com agravantes perpétuos e solidamente edificados. Ademais, o preconceito que pode funcionar como um abrigo que protege os moralistas é, ao mesmo tempo, capaz de privar indivíduos de perspectivas mais amplas, de aprendizados com o diferente.

Neste caso, o homem, em especial o moralista não está preocupado com as verdades individuais que deveriam ou poderiam se manifestar, mas com o agradável aos seus olhos e sentidos em particular. A identidade individual perde qualquer referência e é oprimida pelo sistema, pelas vontades de seus construtores e pela *mendacity*.

Sobre a questão da fluidez ou da permanência da identidade, Stuart Hall comenta acerca dessa instabilidade em seu livro *A identidade cultural na pós-modernidade*. Hall ilustra três tipos predominantes de sujeitos que, por consequência, resulta em diferentes tipos de identidades. Primeiro, o sujeito do Iluminismo, totalmente sensato e que, por isso, age de acordo com o que as prescrições racionais julgam correto; ele é individualista, centrado, consciente das ações. O segundo sujeito é apresentado por Hall como o sociológico, aquele que é resultado de sua interação com o meio social no qual está inserido. Este retrata muito bem a concepção interativa entre o "eu" e a sociedade, sujeito autônomo, mas também resultado de um sistema. Por último, Hall descreve o sujeito da pós-modernidade, aquele que é, ao mesmo tempo, junção e segregação dos sujeitos mencionados anteriormente e muitos outros, todos os possíveis outros. O sujeito pós-moderno não está preocupado em assumir uma identidade, pois ele admite ter qualquer e todas as identidades que desejar de acordo com o momento, com a situação, com o lugar ou pessoas envolvidas. Essa identidade permite que o sujeito seja contraditório, repleto de conflitos que não necessariamente esperam resoluções:

> O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um 'eu' coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora narrativa do 'eu'. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. (HALL, 2004, p.13)

A imposição de uma identidade rígida, definitiva e prescrita é cruel, incapaz de dar conta da expansão possível em cada sujeito. Este não pode ser tratado como um objeto sólido, um corpo abjeto rígido, incapaz ou proibido de assumir outras formas. Em seu artigo intitulado "Who is that Queer Queer? Exploring Norms around Sexuality, Race and Class in Queer Theory", Ruth Goldman cita Gloria Anzaldúa ressaltando que a "identidade é um rio – um processo."[14] (GOLDMAN, 1996, p.173) A teórica mostra que a identidade se apresenta como um ciclo de construção e desconstrução infindável, não se permitindo ser um projeto fechado. As constantes mudanças que levam a diferentes cursos, bem como as direções inesperadas do rio podem servir como metáfora para as novas possibilidades, escolhas e consequências desse processo fluido da identidade.

Essa forma de interlocução com o mundo pode ser também apreciada em *Teeteto* através da fala de Sócrates, bem como da referência a Protágoras, ao descrever a fluidez como uma situação usual e a percepção individual como uma avaliação sublime, acima das imposições arbitrárias e, portanto, ilegítimas, para o sujeito enquanto ser único:

> Minha sensação, portanto, é verdadeira para mim, pois sempre faz parte do meu ser, sendo eu, por isso mesmo, o único juiz, de acordo com o dito de Protágoras, em condições de dizer que as coisas que são para mim existem mesmo, e também que as que não são para mim não existem [...] Tudo se movimenta como um rio; ou, segundo a fórmula do sapientíssimo Protágoras: O homem é a medida de todas as coisas. (PLATÃO, 2001, p.62-64)

Sendo, portanto, o homem medida de todas as coisas e as sensações únicas verdadeiras para o sujeito, não seria legítimo padronizar o comportamento do indivíduo, ainda que no meio social, pois cada um percebe e sente a "realidade" ao seu redor de maneira diversa do outro. E tal situação não deveria transformar esses

[14] O texto em língua estrangeira é: " Identity is a river – a process."

indivíduos em Outros, pois essa alteridade é inidônea, uma vez que o meio e as sensações que ele causa são parte do processo de uma relação dialética muito particular entre a subjetividade e o mundo.

A identidade nunca poderá se apresentar como um projeto fechado, pois somos todos sujeitos fragmentados na variedade de imposições e exposições que escolhemos. As imposições têm suas origens exteriores ao indivíduo, mas são enraizadas nele à custa de anulações de desejos. As exposições podem também ser *performances* dessa padronização exigida socialmente, mas por outro lado, podem também representar um projeto audacioso do sujeito enquanto construção autêntica de si.

É importante deixar claro que, na Antiguidade Clássica, eram os sofistas que defendiam a construção do mundo pela linguagem, ou seja, pela ausência de verdades essenciais. Platão e Aristóteles foram críticos da ideia da verdade relativizada, uma vez que atacavam os sofistas, na citação acima, representados por Protágoras. Durante o Renascimento, no entanto, o humanismo acaba adotando uma máxima sofista e, por consequência, o interesse pela linguagem é reativado.

Ao longo da história e caminhando por diferentes campos do conhecimento, da filosofia à psicanálise, podemos neste momento citar Sigmund Freud através das palavras de Teresa de Lauretis a fim de corroborar essa corrente de reflexão a respeito da autenticação individual sobre suas próprias sensações, sobre o que é verdade para si, pois a verdade não é um painel claro e óbvio, mas um prisma, com vários lados vistos de perspectivas diversas:

> Para Freud, a realidade psíquica é tudo que toma força de realidade em nossas mentes, tem toda a consistência do real, e é a base a partir da qual vivemos nossas vidas, compreendemos o mundo e agimos nele. Fantasia é o mecanismo psíquico que estrutura a subjetividade reformulando ou traduzindo representações sociais em representações subjetivas e representações do eu. (DE LAURETIS, 1999, p.307)[15]

Sendo essa elucidação acerca da diferença entre realidade e fantasia, uma das grandes contribuições psicanalíticas para o século XX, valida-se cada vez mais a

[15] O texto em língua estrangeira é: “For Freud, psychic reality is everything that in our minds takes on the force of reality has all the consistency of the real, and on the basis of which we live our lives, understand the world, and act in it. Fantasy is the psychic mechanism that structures subjectivity by reworking or translating social representations into subjective representations and self-representations.”

percepção do indivíduo para a construção da sua própria verdade que não precisa, necessariamente, estar em concordância ou subjugada à Verdade social.

A ideia da diferença entre fantasia e realidade associada à expressão de gênero foi abordada na dissertação de Claúdio Luis Martins que estabelece uma articulação com o conceito de Maria Rita Kehl acerca da distância apática entre homem e mulher:

> Em *M. Butterfly*, Gallimard ao buscar a suposta feminilidade acaba encontrando-a dentro de si mesmo, o que demonstra no final, segundo Kehl, que a distância entre os dois sexos é mínima. É possível, portanto, concluir que David Henry Hwang, em *M. Butterfly*, demonstra que a diferença entre homem (Ocidente) e mulher (Oriente) está na fronteira entre fantasia e realidade. (MARTINS, 2003, p.10)

Uma vez problematizado o papel essencialmente cultural na definição dos gêneros, pode-se afirmar que tais imposições, tais fronteiras entre o que é ser homem ou ser mulher são meras fantasias, representações subjetivas baseadas no irreal. A conclusão de que a personagem encontrou a feminilidade dentro de si mesma tendo um corpo biológico masculino conduz à reflexão de que a subjetividade relacionada ao gênero independe do corpo biológico.

O sujeito *transgender* não se percebe encaixando em qualquer um dos lados do binário, pois para ele, não há um lócus confortável, familiar, mas um entrelugar ou um lugar que pode, inclusive, não estar no meio, mas para além desse determinismo biológico arbitrário do macho e da fêmea. O que parece fantasia para outros é uma possibilidade real para *transgenders*. A sua natureza psíquica está para além da biologia, pois seus desejos, sua percepção, sua subjetividade transpassam a regra e estão além dos estereótipos restritivos.

O corpo do/a *transgender* não está em conformidade com sua expressão de gênero, com o que a sociedade espera e cobra que ele/a sinta, faça, deseje. Não está em conformidade, principalmente, com o que o próprio sujeito deseja – e aqui, não me refiro apenas ao desejo sexual, mas ao desejo de ser, de se expressar.

Em *What is a Woman? And Other Essays,* de Toril Moi, a teórica sugere que o sujeito que ousa desafiar as imposições biológicas e/ou culturais está abrigado no conceito que confere ao corpo um *status* de fluidez:

> Ela é um ser humano completamente corporificado cujo ser não pode ser reduzido à sua diferença sexual, seja esta natural ou cultural. Disse que

> para Beauvoir, somente indivíduos com corpos femininos tornam-se mulheres. Escrevendo em 1949, ela não menciona operações de mudança de sexo. Há um trabalho fascinante a ser feito sobre a questão do que a perspectiva fenomenológica de Beauvoir teria a dizer a respeito da experiência dos transexuais. (MOI, 1999, p.78)[16]

Pode-se perfeitamente aplicar o mesmo conceito à situação inversa: tornar-se homem. Esta fluidez também pode ser atribuída ao corpo feminino que, por razões diversas, como das personagens aqui consideradas, desejam o exercício imperativo da masculinidade em si. Contemplando tal possibilidade, a biologia é diminuída da sua função determinista de gênero e sexo, e deixa, portanto, de interromper as diversas identidades fluidas que o sujeito pode assumir. Desta forma, o corpo passa a ser um instrumento para alcançar satisfação em vez de ser uma versão das tantas prisões sociais enfrentadas por essas minorias. A este respeito Michel Foucault aclara:

> Os historiadores vêm abordando a história do corpo há muito tempo. [...] encaram-no como sede de necessidades e apetites, como lugar de processos fisiológicos e de metabolismos [...]. Mas o corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais. [...] é, numa boa proporção, como força de produção que o corpo é investido por relações de poder e de dominação; mas em compensação sua constituição como força de trabalho só é possível se ele está preso num sistema de sujeição [...]; o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso. (FOUCAULT, 1987, p.25-26)

É justamente essa inutilidade conferida ao corpo *transgender* que faz dele sede de rejeições. Por não representar um corpo submisso ao sistema, ele deve ser apartado do *corpus* social, punido se necessário até que seja dominado e sua diferença insofismável apagada. Por outro lado, apesar da relevância de retratar este corpo como sede prisional, é o movimento que fascina aqui. É quando o gênero pode se expor como um lugar de negociação do corpo, da identidade, do desejo por outras possibilidades de identificação, por camadas da subjetividade ainda não desveladas ou percorridas que esta submissão é questionada.

Apropriando-me desta ideia, posso associar o corpo que não se submete à construção da subjetividade *transgender,* abrindo precedente para o corpo que se

[16] O texto em língua estrangeira é: “She is a fully embodied human being whose being cannot be reduced to her sexual difference, be it natural or cultural. I have said that for Beauvoir only people with female bodies become women. Writing in 1949, she does not mention sex-change operations. There is fascinating work to be done on the question of what Beauvoir´s phenomenological perspective would have to say about the lived experience of transsexuals.”

recusa a conformar-se com a biologia e, acima de tudo, não aceita imposições como destino, como algo concreto e eterno. Ter um corpo biológico masculino ou feminino é uma situação apresentada pela biologia no momento do nascimento, mas a maneira como o sujeito manejará este corpo e seus impulsos é o que determinará em qual situação ele deseja estar, sendo este "estar" uma condição provisória, pois o corpo pode também representar um processo contínuo de tornar-se.

Em *Female Masculinity*, há uma mostra fotográfica de Catherine Opie que retrata a ambiguidade de gênero com uma sutileza provocativa. A proximidade dos rostos revela a incapacidade do espectador de afirmar em qual lado do binário aquele sujeito se encaixa. São corpos ambíguos desafiando a noção que o "leitor examinador" tem de coerência de gênero, com "identificações múltiplas e em camadas [...] Nós vemos gênero nessas fotos como um conjunto complexo de negociação entre corpos, identidades e desejos"[17] (HALBERSTAM, 1998, p.35-36). É o trânsito que nem sempre objetiva chegar a algum lugar. É o movimento *per se*.

Interrogo, então, onde estão situadas as fronteiras do corpo. Que autonomia será essa que mesmo com toda audácia, se questiona, se perde, se reencontra na tentativa permanente de uma subjetividade construída através da afirmação individual em detrimento de imposições alheias, mas não aleatórias. Pelo contrário, imposições minuciosamente elaboradas a fim de deter a identidade que se pretende expandida, que rejeita qualquer tipo de aprisionamento, não por rebeldia, mas por condição de vida.

No início do século XXI, as modificações feitas no corpo, enquanto expressão ou acentuação de gênero não são, em definitivo, exclusividade de *transgenders*. Mulheres e homens biológicos, heterossexuais em perfeita harmonia com as expectativas sociais, estão engrossando a lista de procedimentos cirúrgicos feitos com tal propósito. Mas, enfim, por que tanta relutância quando os/as aspirantes a essas modificações não são parte do *corpus* heteronormativo? Será que é porque ainda se acredita no gênero como domínio público? Ao sujeito é permitido acentuar o que a biologia já lhe concedeu, mas não modificar?

E que corpo é esse que pretende dar conta do "eu": será o que o sujeito quer ou o que a sociedade espera? Onde estão essas bordas limitadoras? Em que bases são feitos esses julgamentos? A quem pertence o direito de manipular o corpo: ao

[17] O texto em língua estrangeira é: "[...] we see gender in these photographs as a complex set of negotiations between bodies, identities and desire."

seu próprio dono ou aos donos do Poder? E que Poder é esse? O que ele pode fazer? Quais são seus direitos? Acerca deste assunto, faz-se relevante abordar a questão da cirurgia de transgenitalização requerida pelos/pelas transexuais, pois uma vez que o desejo não está em conformidade com o corpo, este pode mais facilmente ser adequado para entrar em consonância com aquele.

Transexuais normalmente demandam a cirurgia de transgenitalização por não sentirem que seu corpo está em conformidade com sua identidade de gênero. Encerram as fronteiras do corpo nele mesmo ou elas tomam proporções que se perdem de vista, de controle? E este controle é justamente o tão desejado pelo espectador padrão, pelas instituições normativas. É a perda dele que desespera. Quando ele se esvai, o medo invade.

Segundo Jay Prosser, professor da Universidade de Leeds, "o primeiro transexual a passar por uma transição tecnológica completa e tornar-se o primeiro transexual FTM (*Female to Male*) completo só aconteceu em 1946"[18] (PROSSER, 2001, p.141), em meio ao contexto do pós-guerra.

Sabe-se que nos EUA e na Inglaterra, há a obrigatoriedade da constatação de uma "harmonia" entre a expressão de gênero e a orientação sexual do sujeito *transgender* que tem a intenção de ser operado. Uma vez que o dinheiro usado para tal cirurgia é público, o sujeito deve estar em conformidade com as expectativas do Estado enquanto poder, da biologia enquanto detentora da verdade sobre a natureza, da Igreja enquanto ordem divina. Em outros termos, se o indivíduo nasceu mulher e pretende tornar-se homem através da cirurgia, ele deve provar que enquanto homem será heterossexual, pois o que vale é a conformidade com o binário, com a dualidade exercida e imposta pela sociedade. Isso se deve ao fato da sociedade heteronormativa considerar a transexualidade como um antídoto para toda a problemática do "desvio" de gênero, uma vez que ela (enquanto solução cirúrgica) é capaz de apagar possíveis vestígios de uma ambiguidade que o corpo do/da *transgender* que não passa por cirurgia normalmente explicita.

Transgenders não se veem representados/as na mídia ou na vida cotidiana, exceto por imagens degradantes e caricaturais. A alternativa que resta, então, é pagar o alto preço da marginalização, de ser algo que é publicamente desumanizado.

[18] O texto em língua estrangeira é: "[...] the first transsexual to undergo full technological transition and become the first full female-to-male transsexual did so in 1946."

Tal situação contribui, de maneira relevante, para que esses sujeitos não assumam suas identidades e se submetam.

Corroborando esta ideia, Feinberg argumenta que as representações daqueles/as que estão fora das normas estabelecidas são sempre distorcidas, caricaturas grotescas:

> Nossa discussão aqui hoje finalmente ajudará a mudar a forma que as pessoas pensam sobre o que é "natural" e "normal". Somos representantes da expansão da variedade humana, e ainda assim não nos vemos na cultura, na linguagem, ou na vida cotidiana, exceto de maneiras muito distorcidas. (FEINBERG, 1998, p.72)[19]

1.3 **Molduras linguísticas, definições monolíticas e a ousadia da expansão**

Em *Vigiar e Punir*, Michel Foucault aponta as mudanças que se apresentaram no início do século XX acerca das punições:

> Punições menos diretamente físicas, uma certa discrição na arte de fazer sofrer, um arranjo de sofrimentos mais sutis, mais velados e despojados de ostentação, [...] em algumas dezenas de anos, desapareceu o corpo supliciado, esquartejado, amputado, marcado simbolicamente no rosto ou no ombro, exposto vivo ou morto, dado como espetáculo. (FOUCAULT, 1987, p.12)

Novos formatos de punição são usados na contemporaneidade. A guetificação sutil, o aprisionamento velado, o estrangulamento de tentativas plurais de identidades são apenas algumas das maneiras não físicas de punir o corpo rebelde. Estar aprisionado, ainda que sem grades de ferro, representa um sofrimento do qual não se pode fugir, pois a crueldade requintada com que se trata a alteridade de gênero acompanha o sujeito aonde quer que ele vá. As marcas do suplício não estão aparentes como as razões dele, no caso da expressão de gênero, mas são tão profundas quanto.

Apesar disso, o exercício do *transgenderism* é imperativo no sujeito, e não se curva, na maioria das vezes, às punições. Além disso, é visível que não há uma

[19] O texto em língua estrangeira é: "Our discussion here today will eventually help change the way people think about what´s "natural" and "normal". We are representative of the expanse of human variance, yet we do not see ourselves in culture, in language, or in everyday life, except in very twisted and distorted ways."

forma apenas de exercer a subjetividade *transgender*, muito menos de lidar com ela, assim como também não existe um único modelo de masculinidade ou feminilidade. Tudo o que diz respeito às questões de expressão de identidade do sujeito não pode ser singularizado, pois o exercício de identidade é um processo cuja única constância é a fluidez. É a certeza da pluralidade que garante ao sujeito o direito a suas várias versões e somente assim é possível retratar as propostas de relações que podem ser estabelecidas intra e entre indivíduos.

Assim como rejeita-se as estruturas predefinidas do binarismo de gênero e da imposição da heteronormatividade, não podemos aceitar uma definição monolítica do que é ser *transgender*. Este termo é uma expressão guarda-chuva que se propõe a abrigar comportamentos de gênero dos mais diversificados. Ser trans é não conseguir se estratificar nos estereótipos de homem ou mulher, mas ocupar todo o caminho que está entre, ou além. Este caminho é longo, podendo ser lido como *transgenderism*. Essa linha limite que define até onde se encaixa cada termo, como se cada subjetividade fosse emoldurada por uma palavra é uma utopia de natureza linguística, mas não humana.

É a crença em “eus” fluidos que nos leva a repensar todas essas estruturas limitadoras da subjetividade. É por crer no outro enquanto sujeito de seus desejos que desconstruímos valores arraigados até em nós mesmos. E desta forma, seguimos questionando, refletindo, em um movimento de seguir adiante e voltar atrás constantemente em busca de compreender o outro. Este outro que deseja ser compreendido e não ignorado ou segregado. As idas e voltas representam tentativas de conhecimento.

Outro aspecto importante e defendido por Feinberg é o direito individual à complexidade. “Todos nós aqui lutamos para defender nosso direito à complexidade em uma sociedade que nos demanda comprimir a totalidade do ser em uma mulher feminina. A menos que a categoria seja uma escolha confortável, torna-se um compartimento sufocante.”[20] (FEINBERG, 1998, p.69)

Associar feminilidade ao corpo biológico feminino não é nada surpreendente. No entanto, o que é assustador é a não aceitação da masculinidade nesse corpo que é um instrumento de exercício de instinto, de desejo, de gênero. O corpo não é

[20] O texto em língua estrangeira é: “All of us here have fought to defend our right to complexity in a society that demands we compress the totality of being into feminine woman. Unless that category is a comfortable choice, it becomes a suffocating compartment.”

obstáculo nem para o desejo, nem para o gênero. O sujeito que ousa é capaz de estabelecer novos paradigmas para o “eu” através da exposição de que um sistema que é apenas binário é pouco para dar conta de todas as possibilidades sexuais e de gênero que insurgem.

Respeitar a pluralidade em todas as áreas da vida do ser humano é um passo extremamente relevante para o desenvolvimento de uma sociedade humanamente rica e acolhedora. Progredimos em algumas áreas, mas o *transgenderism* ainda precisa ser tanto compreendido quanto explicado a fim de aclarar que o sujeito não escolhe ser prejudicado ou sofrer por toda uma vida. Ser *queer*, no caso deste estudo em relação ao gênero, não passa pelo campo da decisão aleatória ou do determinismo arbitrário, mas da pluralidade latente que se deseja explicitar nesses sujeitos.

Desta forma, a única certeza na subjetividade é a impermanência, a fluidez. A este respeito, reforçando o coro de que o “eu” é um processo interminável de reformulações, Socrates reflete:

> E mais: o que em determinado caso se revelou ativo, mais adiante, noutras conexões, se tornará paciente. De tudo isso, como dissemos no começo, se conclui que nada existe em si e por si mesmo, e que cada coisa só devém por causa de outra, sendo preciso, pois, eliminar de toda parte a expressão Ser [...] Segundo a natureza, teremos de dizer que as coisas devém, formam-se, destroem-se ou se alteram. Expõe-se a ser facilmente refutado quem quer que, no seu modo de expressar-se, assevere a estabilidade seja do que for. (PLATÃO, 2001, p.57)

Seja do que for, inclusive sobre o gênero, a estabilidade deve ser questionada. A inconstância e a fluidez estão presentes, abrindo uma amplitude de possibilidades a respeito dos indivíduos. O "ser" é relativizado e desconstruído a fim de ceder espaço ao "estar" para que, desta forma, o sujeito se compreenda como um constante atravessar.

Assim como é declarado em “Living our True Spirit”, não há certo ou errado sobre a maneira como as pessoas expressam seu estilo de gênero. “[...] masculino ou feminino, andrógino, expressão bi- ou tri-gênero, fluidez de gênero, complexidade de gênero e contradição de gênero. Há muitas nuances de gênero que ainda nem estão representadas na linguagem.”[21] (FEINBERG, 1998, p.53-54).

[21] O texto em língua estrangeira é: “[...] masculine or feminine, androgynous, bi- and tri-gender expression, gender fluidity, gender complexity, and gender contradiction. There are many shades of gender that are not even represented in language yet.”

Por conseguinte, aguardo o dia em que *transgenders* não se preocuparão em perder empregos, oportunidades, amigos, família, pelo dia em que não serão prisioneiros do tempo, do lugar, da cultura ou da linguagem. É uma prisão física e mental capaz de adoecer mentes e corpos sadios, mentes e corpos que são tão naturais quanto o de qualquer sujeito que se julgue e/ou seja julgado normal. Pois o normal deveria ser não julgar, mas perceber que a regra é o enriquecimento pela convivência com o diferente.

Finalmente, tendo exposto essas reflexões baseadas em teorias diversas, proponho um estudo que terá por base dois romances. O primeiro a ser analisado será *The Well of Loneliness* de Radclyffe Hall. Nascida em 1880 em Londres, Marguerite que se tornou John foi poeta e romancista. O outro romance que fundamentará as análises será *Grande sertão: Veredas* de Guimarães Rosa. Nascido em 1908 em Minas Gerais, Rosa foi escritor, médico e diplomata, e tornou-se, incontestavelmente, um dos mais importantes escritores brasileiros de todos os tempos.

A fim de dar conta de algumas possibilidades interpretativas acerca das masculinidades nas protagonistas dessas obras, ou seja, do *transgenderism* que é apresentado ao/à leitor/a, estabelecerei diálogos com áreas que aparentemente não se tangenciam, mas como veremos, dividem abrigos reflexivos semelhantes e interligados. Desta forma, alguns conceitos da filosofia, da psicanálise, da antropologia, da teologia e, principalmente da teoria *queer* serão convocadas ao diálogo neste estudo.

2 MOVIMENTOS EM *THE WELL OF LONELINESS*: ENTRE CRIADOR E CRIATURA

2.1 Julgamentos da obra: condenações e acolhimentos

Neste capítulo, farei uso de obras tanto teóricas quanto científicas, bem como de artigos críticos a fim de problematizar questões à luz do romance *The Well of Loneliness* de Radclyffe Hall. Tratarei de aspectos relacionados à protagonista do romance, Stephen, bem como de sua criadora, Radclyffe Hall, mais propriamente referida como John a fim de estabelecer um paralelo entre escritora e personagem. O romance foi publicado em 1928 e, apesar de ter sido alvejado por agressivas campanhas, críticas e judiciais, resistiu devido a seus valores literário e sóciopolítico incontroversos. Dentre as várias adversidades às quais *The Well of Loneliness* foi submetido, o julgamento e a condenação da obra como obscena podem ser destacados e exemplificados.

Em agosto de 1928 James Douglas, renomado jornalista e crítico, publicou em seu artigo “A Book that Must Be Suppressed” o seguinte juízo:

> Seu tema é completamente inadmissível no romance, pois é lido por pessoas de todas as idades, por mulheres e homens jovens bem como por mulheres e homens mais velhos. Portanto, muitas coisas que são discutidas em livros científicos não podem ser discutidas decentemente em uma obra de ficção oferecida ao leitor em geral. (DOUGLAS, 2001, p.37)[22]

Douglas certamente estava imbuído de noções de pecado, moralidade e preconceito. Para o crítico, o livro oferecia riscos de contaminação, de conhecimento para os/as possíveis leitores/as. Assim como observa-se na contemporaneidade, o conhecimento oferece altos riscos, destacando-se, entre eles, os riscos do saber e do pensar por si. O conhecimento apresentado em *The Well of Loneliness* acerca do gênero e do desejo não poderia ser partilhado nem por homens e mulheres jovens,

[22] O texto em língua estrangeira é: “Its theme is utterly inadmissable in the novel, because the novel is read by people of all ages, by Young women and Young men as well as by older women and older men. Therefore, many things that are discussed in scientific textbooks cannot decently be discussed in a work of fiction offered to the general reader.”

nem pelos mais velhos. Ou seja, a humanidade deveria ser privada da obra. Pois, uma vez difundida, o controle se esvairia.

O crítico ainda faz uso de palavras tais como “hediondo”, “repugnante”, “degradação”, confirmando o quanto a obra foi atacada e corroborando o desejo intenso de destruição: “Preferiria dar a um menino ou a uma menina saudável um frasco de ácido prússico do que este romance. Veneno mata o corpo, mas veneno moral mata a alma”. (DOUGLAS, 2001, p.38)[23]

Mesmo rotulado como um romance degradante, uma narrativa sobre vidas pervertidas, a obra atingiu um alto nível de notoriedade. Como aponta Mr. Norman Birkett em seu discurso referido em “Judgement” (1928), artigo que consiste no julgamento da obra, há uma distinção sutil entre inversão e perversão. (BIRON, 2001, p.39-40) Distinção esta capaz de descartar quaisquer qualificações pejorativas acerca da obra na contemporaneidade.

No século passado, no entanto, essa diferença era mesmo sutil, mas é importante ressaltar que em pleno século XXI, percebe-se uma acentuada disparidade entre esses conceitos. Enquanto inversão (termo que já foi substituído por outros de maior especificidade) se referia à condição do sujeito que embora tivesse nascido com determinado sexo biológico se comportava de acordo com o estereótipo do sexo oposto, perversão indica algo que corrompe, neste caso, através da sexualidade. Esta conceituação, contudo, é um tanto abstrata uma vez que os conceitos do que é moral são, na verdade, muito fluidos e, aquilo que conhecemos como moralidade não passa de imposições sociais arbitrárias.

Ainda que severos tais julgamentos conferiram visibilidade ao romance de Hall, adjudicando-lhe – devido à sua distinção literária – um lugar na história da literatura. Na introdução do livro *Palatable Poison*, seus organizadores afirmam:

> [...] entre 27 de julho (data da publicação) e 19 de agosto (data do editorial de Douglas) o romance foi resenhado em quatorze dos ditos jornais de qualidade: ‘críticos sérios e de autoridade... elogiaram a obra tanto por sua nobre sinceridade, quanto por sua qualidade literária’. (DOAN & PROSSER, 2001, p.4)[24]

[23] O texto em língua estrangeira é: “I would rather give a healthy boy or a healthy girl a phial of prussic acid than this novel. Poison kills the body, but moral poison kills the soul.”

[24] O texto em língua estrangeira é: “Between July 27 (the date of publication) and August 19 (the date of Douglas editorial) the novel was reviewed in fourteen of the so-called quality newspapers and journals: ‘serious and authoritative critics... commended it both for its high-minded sincerity and for its literary quality.’”

Reforçando este coro, na introdução de *Palatable Poison* escrita por Laura Doan e Jay Prosser, Richard King se posicionou a respeito do "exército enorme de mentes pequenas", afirmando que "apenas os fanáticos e tolos procuram ignorar um aspecto da vida que é um fato tão inegável quanto qualquer coisa concreta". (DOAN & PROSSER, 2001, p.7)[25] Estando esses aspectos da vida no campo do abstrato, o ignorar se torna mais fácil enquanto o punir, mais elaborado. Este exército a que King se refere é formado por aqueles que assumem por verdades as ideias que lhes são apresentadas. Esses sujeitos escolhem não refletir, não questionar, não explorar o desconhecido.

Devido a seu caráter incontestavelmente precursor, nessa mesma introdução, Rebecca O´Rourque documenta que, em 1946, *The Well of Loneliness* foi citado em um texto de um endocrinologista por um médico que havia lido os livros de Hall como reflexão da sua própria condição e, tornar-se-ia, mais tarde, o primeiro transexual. (DOAN & PROSSER, 2001, p.15) Constata-se, desta forma, que o romance de Hall foi lido a partir de perspectivas e com objetivos que diferem em origem. No entanto, é inegável que a obra ofereça uma jornada reflexiva no que diz respeito, primordialmente, a questões de expressão de gênero e alteridade.

Havelock Ellis, médico, psicólogo e sexólogo britânico, a quem Radclyffe Hall recorreu para escrever a apresentação de seu livro, afirma o seguinte:

> Li *The Well of Loneliness* com grande interesse porque – além de suas qualidades como um romance de uma escritora talentosa – possui significância psicológica e sociológica notáveis. Até onde sei, é o primeiro romance inglês que apresenta, de forma completamente fiel e sem concessões, um aspecto particular da vida sexual como existe entre nós hoje. A relação de certas pessoas – que, enquanto diferentes de seus companheiros seres humanos, têm, às vezes, o melhor caráter e as melhores aptidões – com a sociedade frequentemente hostil na qual se movimentam, apresenta dificuldades e problemas ainda não resolvidos. As situações pungentes que aparecem são apresentadas de forma tão vívida e, no entanto, com tão completa ausência de ofensa que devemos posicionar o livro de Radclyffe Hall no mais alto nível de distinção. (ELLIS, 2001, p.35)[26]

[25] O texto em língua estrangeira é: "only the bigoted and the foolish seek to ignore an aspect of life which is as undeniable a fact as any concrete thing."

[26] O texto em língua estrangeira é: "I have read *The Well of Loneliness* with great interest because – apart from its fine qualities as a novel by a writer of accomplished art – it possesses a notable psychological and sociological significance. So far as I know, it is the first English novel which presents, in a completely faithful and uncompromising form, one particular aspect of sexual life as it exists among us today. The relation of certain people – who, while different from their fellow human beings, are sometimes of the highest character and the finest aptitudes – to the often hostile society in which they move, presents difficult and yet still unsolved problems. The poignant situations which thus

Neste discurso, percebe-se que Ellis privilegia tanto o valor literário da obra quanto seu conteúdo relevante capaz de contribuir com reflexões importantes e inevitáveis na sociedade em que se apresenta, no tempo que está inserida. Além disso, o médico ressalta a diferença humana abordada no romance e convida a sociedade a reconhecer não apenas sua existência, mas também sua nobreza. Apesar de apontar o caráter e as aptidões dos *inverts* como melhor do que de outros indivíduos, Ellis não pretende com tal explicação exaltar pessoas *queer* em detrimento daqueles considerados *straight*, mas ressaltar que todos têm potencialidades positivas. O médico observa apenas que tais *inverts* podem ter melhores representações de humanidade do que aqueles que os sentenciam.

Seguindo a mesma reflexão, ao se posicionar sobre a obra e seu teor, Leonard Woolf (1928) ressalta que as pessoas negam um lugar aos que consideram diferentes, os isolam, perseguem, sem qualquer consideração a respeito de suas qualidades mentais ou ainda, de sua consciência sobre o amor, que é nada menos nobre do que a de qualquer outro ser humano. Lembra-nos, contudo, que na verdade, "a heroína não é condenada pelo destino – em outras palavras por ela própria – nem pela sociedade a beber do poço da solidão". (WOOLF, 2001, p.53)[27]

Virginia Woolf, uma das mais proeminentes romancistas da literatura ocidental, por sua vez, ajudou a dar notoriedade à obra de Hall. Enquanto esta travou uma batalha na recepção de sua obra, aquela teve uma acolhida bastante elogiada a respeito de *Orlando*, romance também publicado em 1928. Orlando, dotado de imortalidade, tem sua história narrada ao longo de mais de três séculos. Nascido em plena Inglaterra elisabetana, no gênero masculino, acorda em um corpo feminino durante uma viagem a Turquia. O romance é considerado semi-biográfico por se referir a Vita Sackville-West, amiga íntima de Virginia Woolf e amante por algum tempo. A obra tornou-se uma das grandes contribuições à literatura. O tempo, o humano e a história são seus temas e misturam-se para abordar as identidades de gênero e suas relações com a condição do humano. Desafiando as convenções de cronologia e gênero, Woolf apresenta uma personagem que tem dezesseis anos no início do romance e termina com pouco mais de trinta. Neste ínterim, Orlando

---

arise are here set forth so vividly, and yet with such complete absence of offence, that we must place Radclyffe Hall`s book on a high level of distinction".

[27] O texto em língua estrangeira é: "[...] her heroine is not condemned by fate – in other words by herself – as well as by society to drink of the well of loneliness."

atravessa três séculos e se mostra em ambos os gêneros do binário. Apesar do romance ter referências biográficas, há a presença marcante de dois traços fantásticos: a ruptura com o tempo e com o destino biológico. Tais características ressaltaram o aspecto ficcional da obra de Woolf, o que provavelmente tenha propiciado melhor recepção da crítica da época. Na introdução da coletânea, Adam Parker aponta esta razão para a condenação de *The Well* em contraposição à aprovação de *Orlando*. O crítico sugere que enquanto Hall direciona-se para fatos sobre identidade sexual, Woolf trata o tema de forma ficcional. (DOAN & PROSSER, 2001, p.19) Esta diferença de abordagem é realmente capaz de suscitar reações distintas. A ficcionalização de assuntos incômodos pode mesmo suavizar seus efeitos, pois enquanto Orlando pode deleitar-se com a permissão da ficção, Stephen está atrelada à história.

2.2 **Reflexões sobre o romance e algumas possibilidades teóricas**

Torna-se necessário pontuar alguns aspectos do romance de Hall a fim de se estabelecer uma conexão com a teoria proposta e as questões mencionadas. Vale ressaltar que diante da condenação à obra, alguns/algumas leitores/as poderiam imaginar, como é destacado em *Palatable Poison*, que a protagonista é promíscua, bebe muito, fala palavras de baixo calão. Porém, contrário a essas expectativas, Stephen Gordon é uma inglesa de alta classe que desejava uma vida tranquila e respeitável com sua companheira. (DOAN & PROSSER, 2001, p.8)

Pertencentes à alta classe, os pais se referiam ao bebê em gestação com a certeza de ser um menino. "Mas: 'o homem propõe e Deus dispõe,' e então aconteceu na véspera de natal, Anna Gordon deu à luz a uma filha; um bebê com aparência de girino com ombros largos e quadril estrito, que gritou e gritou por três horas sem cessar, como se estivesse indignada por encontrar-se ejetada na vida." (HALL, 1990, p.13)[28] No final da era vitoriana, nasce então a menina que recebe o

[28] O texto em língua estrangeira é: "But: 'Man proposes-God disposes,' and so it happened that on Christmas Eve, Anna Gordon was delivered of a daughter; a narrow- hipped, wide-shouldered little tadpole of a baby, that yelled and yelled for three hours without ceasing, as though outraged to find itself ejected into life."

nome que havia sido previamente planejado: Stephen. O choro de Stephen pode ser interpretado como uma previsão de todo o sofrimento que estaria por vir naquela vida. Chorou incessantemente, portanto, por antever a tristeza e a crueldade dos julgamentos e da marginalização que sofreria.

A contradição estabelecida entre o corpo e o nome se dá desde a gestação da personagem, pois um menino era o desejado pelos pais, mas o órgão sexual feminino já existia. No nascimento, a biologia se apresentou, se impôs; os pais, no entanto, decidiram nomeá-la Stephen como havia sido planejado anteriormente. Esta decisão poderia ser interpretada tanto como intransigência quanto como vanguardismo. Todavia, a primeira característica sobrepõe-se à primeira pelo silêncio dos pais a respeito da diferença de Stephen. O nome, portanto, já a rotulou desde o nascimento, não como *transgender*, mas pelo menos, como diferente. Por sugestão do vigário, na tentativa de suavizar o incômodo e harmonizar o corpo às normas cristãs, nomearam-na Stephen Mary Olivia Gertrude Gordon.

É importante ressaltar que o paradoxo entre o corpo biológico feminino e o nome se dá apenas pela arbitrariedade dos rótulos. Os nomes são meras imposições que acolhemos a fim de tornar a comunicação viável. Os nomes próprios são escolhas próprias, ou pelo menos, deveriam ser. Mas a interferência do público invade o privado a ponto de determinar que tais nomes pertencem a tais gêneros e somente a eles, não há movimento.

Apesar da insistência pelo nome, o pai de Stephen, Sr. Phillip, é afetuoso e dedicado tanto à filha quanto à compreensão intelectual de sua “diferença”. Gradativamente, ele percebe que sua filha não apenas carrega um nome masculino, mas também se veste, se comporta, se sente e, principalmente, deseja como o que seria esperado do estereótipo de um menino. "'Você acha que eu poderia ser um homem, supondo que eu pensasse com esforço – ou rezasse, pai?' Então senhor Philip sorria e caçoava dela um pouco."[29] (HALL, 1990, p.26)

Mais tarde, senhor Philip declara: "'Você é o filho que eu consegui', ele disse. 'Você é bravo, tem membros fortes, mas quero que você seja sábio – quero que seja sábio para seu próprio bem, Stephen, porque no melhor, a vida requer grande sabedoria. Quero que você faça de seus livros, amigos; algum dia você pode

[29] O texto em língua estrangeira é: "'Do you think that I could be a man, supposing I thought very hard- or prayed, Father?' Then Sir Philip would smile and tease her a little."

precisar deles, porque – ' Ele hesitou, 'porque você pode não achar a vida tão fácil, nenhum de nós acha, e livros são bons amigos." (HALL, 1990, p.61)[30]

Em busca de respostas para as questões referentes à sua filha, o pai pesquisa um autor alemão, Karl Heinrich Ulrichs. No entanto, esta tentativa de compreensão não chega a ser do conhecimento de Stephen enquanto o pai é vivo, apesar da cumplicidade, do entendimento e do amor demonstrado reciprocamente: “E o Sr. Phillip amava Stephen, ele a idolatrava; era como se ele adivinhasse por instinto que sua filha estava sendo secretamente defraudada, estava carregando um fardo não merecido”, “[...] Ela adorava seu pai, […] ele era parte dela”. (HALL, 1990, p.16)[31]

Por outro lado, a mãe de Stephen a considera uma falha no planejamento daquela família perfeita que imaginara. “Mas Anna, olhando bem para sua filha, […] se enchia de um antagonismo repentino que se aproximava da raiva”. (HALL, 1990, p.15)[32] Para Anna, Stephen era a representação de conflitos, ponto de partida para seus desapontamentos e sua vergonha diante daquela sociedade.

A protagonista deixa evidente em sua infância preferências por atividades que são socialmente rotuladas como masculinas, tais como esgrima, caça e cavalaria, bem como corrobora um estereótipo também esperado de meninos como gosto por cabelos curtos e por roupas atribuídas a tal gênero. Para além disso, Stephen ratifica sua condição e subjetividade *queer* através de alguns episódios amorosos que esclarecem tanto sua sexualidade quanto sua expressão de gênero.

Sobre o tipo de vestimenta preferida por Stephen, bem como outros itens que faziam parte de sua identificação *transgender*, vale ressaltar que não podem ser classificados como aspectos de um disfarce ou de mascaramento, mas como uma questão de identidade. Para a protagonista, a necessidade de roupas masculinas crescia à medida que sua consciência acerca de sua masculinidade se intensificava.

A inevitabilidade de se expressar de forma masculina está presente ao longo de toda a vida de Stephen. Na infância, ela passa a odiar seu vizinho Roger por

---

[30] "'You're all the son that I've got', he told her. 'You're brave and strong-limbed, but I want you to be wise-I want you to be wise for your own sake, Stephen, because at the best life requires great wisdom. I want you to learn to make friends of your books; some day you may need them, because'- He hesitated, 'because you mayn't find life at all easy, we none of us do, and books are good friends."

[31] O texto em língua estrangeira é: “And Sir Philip loved Stephen, he idolized her; it was almost as though he divined by instinct that his daughter was being secretly defrauded, was bearing some unmerited burden. […] She adored her father, […] he was part of herself.”

[32] O texto em língua estrangeira é: “But Anna, looking gravely at her daughter, […] would be filled with a sudden antagonism that came very near to anger.”

suas atitudes, mas não consegue evitar também um sentimento de inveja por ele poder se beneficiar por ter sua masculinidade atrelada ao corpo biológico masculino: “Quanto a Stephen, ela o odiava, e seu ódio aumentava por uma consciência humilhante de inveja”. (HALL, 1990, p.46)[33] E essa ideia pode ser reforçada, quando já adolescente, ela diz para seu pai: “'Mas eu não sou seu filho, pai', ela disse lentamente, e mesmo quando disse isso, seu coração se sentia pesado – pesado e triste [...]”. (HALL, 1990, p.61)[34]

Seu aspecto visualmente masculino já era percebido desde a infância. Não era apenas uma sensação, era também expressiva, a sua “diferença”. Isso fica claro através de comentários de vizinhos como Coronel Antrim que, por sua vez, apesar da incompreensão, admirava Stephen: “Mas Stephen é muito incomum, quase – quase não natural, pobre criança [...]” (HALL, 1990, p.72)[35]

São essas características secundárias que delimitam culturalmente a identificação do sexo. Desde a infância, Stephen explora muito bem essas características, mesmo que instintivamente. Ademais, a protagonista representa a união entre o construído e o inato, uma vez que também apresenta traços físicos pertinentes a uma aparência biologicamente masculina.

Um aspecto relevante a respeito de Stephen é a coincidência entre sua expressão de gênero (maneira como as pessoas a veem) e identidade de gênero (maneira como a personagem se sentia quanto a seu gênero). Em uma conversa entre funcionários da casa, tal situação fica clara:

> [...] 'você parece tão bem!' ela exclamou. E então para a cozinheira: 'Venha cá, Sra. Wilson! A senhorita Stephen não parece exatamente um menino? Acredito que ela deva ser um menino com esses ombros, e essas pernas desajeitadas que ela tem!'
> E Stephen dizia solenemente: 'Sim, claro que sou um menino. [...] Eu devo ser um menino, porque me sinto exatamente como um.'[36] (HALL, 1990, p.19-20)

[33] O texto em língua estrangeira é: “As for Stephen, she loathed him, and her loathing was increased by a most humiliating consciousness of envy.”
[34] O texto em língua estrangeira é: “But I´m not your son, Father, she said very slowly, and even as she said it her heart felt heavy – heavy and sad […]”
[35] O texto em língua estrangeira é: “But Stephen is very unusual, almost – well, almost a wee bit unnatural, poor child […]”
[36] O texto em língua estrangeira é: 'you do look fine!' she would exclaim. And then to the cook: 'Do come here, Mrs. Wilson! Doesn´t Miss Stephen look exactly like a boy? I believe she must be a boy with them shoulders, and them funny gawky legs she´s got on her!'
And Stephen would say gravely: 'Yes, of course I´m a boy. [...] I must be a boy, 'cause I feel exactly like one.

Através desta conversa, percebe-se que tanto Stephen se sentia masculina quanto as pessoas a percebiam desta forma.

Em paralelo ao desenvolvimento da subjetividade, estavam as questões inerentes às emoções de Stephen. O relacionamento amoroso de Anna e Philip servia de referência para Stephen: “Tudo o que ela sabia era que ver os pais juntos naquela atmosfera a encheria de desejo de algo que ela queria, mas ainda não podia definir – algo que a faria tão feliz quanto eles eram”. (HALL, 1990, p.36)[37] Apesar de desejar uma relação que se baseava no modelo da de seus pais, Stephen sabia que aquele formato seria inviável para sua vida. Um casamento socialmente endossado, formado por um homem biológico e uma mulher biológica não poderia ser experimentado por ela. No entanto, naquele momento, a personagem ainda era incapaz de atribuir um nome ao tipo de relação que queria, pois não é tarefa fácil identificar o desconhecido.

Assim como Stephen, muitos/muitas *transgenders* não têm qualquer ideia formal a respeito de sujeitos que são seus pares em experiências, uma vez que não há representação pública de sua imagem. O objetivo dos mantenedores da "ordem" social é levar a massa à crença da uniformização, fazendo-a acreditar que o centro é o único lugar que pode ser habitado. Portanto, as formas de vida que são insurgentes são ora punidas, ora escondidas a fim de evitar questionamento a respeito da igualdade promovida e incutida nos indivíduos.

Stephen não escondia sua masculinidade, sua condição de *invert*, apenas a ignorava por não se ver representada em qualquer esfera social. Esse é um fator diferencial presente no romance de Hall, pois a protagonista tem como característica o desconhecimento de sua condição. O que a torna diferente da maioria é algo que ela não sabe nomear, Stephen percebe que há algo de diferente com ela, mas isso é uma incógnita até para ela própria. Tal situação ressalta a energia essencial que vigora no sujeito e descarta a possibilidade de vermos sua condição e seu exercício de masculinidade como algo construído de forma consciente, planejado ou copiado do social. Caso a masculinidade de Stephen fosse uma situação fabricada, ela teria total ciência do que estava construindo. O desconhecimento, no entanto, ratifica a pureza, o mistério: "Ela pensava com um tipo de desespero: 'Em nome de Deus, o

[37] O texto em língua estrangeira é: “All she would know was that seeing her parents together in this mood would fill her with longings for something that she wanted yet could not define - a something that would make her as happy as they were.”

que eu sou – algum tipo de abominação?' E esse pensamento a preenchia com uma enorme angústia, porque, amando muito, seu amor parecia ser sagrado." (HALL, 1990, p.152)[38]

Em seu artigo “The Mythic Mannish Lesbian: Radclyffe Hall and the New Woman”, Esther Newton faz referência a Frances Wilder, feminista da segunda geração que praticava abstinência sexual aos vinte e sete anos de idade. No entanto, três anos mais tarde, Wilder escreveu para Edward Carpenter, poeta inglês, socialista e um dos primeiros ativistas políticos homossexuais:

> Recentemente li seu livro intitulado *The Intermediate Sex* com muito interesse e me dei conta que pertenço a esta classe e escrevo a fim de perguntar se há alguma forma de contatar outros com o mesmo temperamento. (NEWTON, 2001, p.94-95)[39]

A necessidade de encontrar uma identificação no meio da multidão é representativo da necessidade de acolhimento e pertencimento inerente a qualquer sujeito. Ao identificar-se com um outro, o sujeito tem a consciência de que não é um tipo de "abominação" como pensou Stephen. A coisificação, no entanto, é recorrente entre os marginalizados, como lembra Feinberg: "Alguns intolerantes se referiam a mim como 'isto', cujo objetivo era me privar da minha humanidade." (FEINBERG, 1996, p.97)

Tentativas linguísticas foram feitas (e ainda são) ao longo de todo o processo de entendimento da subjetividade *transgender* a fim de capturar o transitório. Um exemplo dessas tentativas também está presente no romance em questão e é relatado pela funcionária da casa, por quem Stephen se apaixonaria: "[Collins] não poderia evitar sentir novo interesse pela criança a quem ela e a cozinheira haviam, agora, rotulado como *'queer'*."[40] Tal interesse, contudo, não tem qualquer intenção sentimental ou sexual com a criança, revelando-se apenas como interesse ligado a curiosidade pela criança que se apresentava e se comportava de forma tão idiossincrática. A necessidade de rotular, que é o que aqui interessa, é que se faz

[38] O texto em língua estrangeira é: "She would think with a kind of despair: 'What am I in God's name-some kind of abomination?' And this thought would fill her with very great anguish, because, loving much, her love seemed to be sacred."
[39] O texto em língua estrangeira é: “I have recently read with much interest your book entitled The Intermediate Sex & it has lately dawned on me that I myself belong to that class & I write to ask if there is any way of getting in touch with others of the same temperament”.
[40] O texto em língua estrangeira é: "She could not but feel a new interest in the child whom she and the cook had now labelled as 'queer'".

imperativa, quase como uma apreensão daquilo que se vê. Na maioria das vezes não se consegue reconhecer a existência de algo que não tenha recebido um rótulo. Como exemplos comuns há a criança que antes de nascer, exige-se um nome e um sexo para sua validação e acolhimento no *corpus* social; outro exemplo são as doenças graves cujos nomes são evitados, como se o "não-dizer" afastasse o indivíduo da coisa, o não ter rótulo implica ignorar a existência.

Ainda sobre as variedades existentes em cada categorização arbitrária, faz-se importante explicar a diferença entre fluidez e adequação de gênero. A primeira pode ser entendida como um processo de idas e vindas sem objetivo de fixar raízes em qualquer um dos lados do binário. Por outro lado, a última indica acomodação de uma identidade que se percebia deslocada. Sendo este último, o caso da protagonista do romance em questão, que nascera com a genitália feminina e já carregava desde a primeira infância características físicas, para além do sexo, que denotavam um arquétipo masculino. Stephen tentou ser feminina a fim de agradar sua mãe, porém essas tentativas foram ultrajantes, não apenas à sua personalidade, mas também ao seu desejo. Assim como afirma J. Prosser em seu artigo “Some Primitive Thing Conceived in a Turbulent Age of Transition: The Transsexual Emerging from *The Well*” sobre a diferença entre as narrativas e a necessidade de identificação do discurso *transgender*,

> Há também, em muitos casos, uma distinção crucial entre as narrativas homossexual e a transexual, [...] No caso de Ellis´s D, por exemplo, ela vê seu corpo [...] como um erro – “Desde que tenho qualquer lembrança, nunca pensei em mim como uma menina. Eu considerava a conformação do meu corpo como um acidente misterioso” – e, sentindo um “hiato... entre minha estrutura física e meus sentimentos", atribui tal sensação a ser aprisionado no corpo errado: "Pensei que a última explicação poderia ser que havia mentes masculinas em corpos femininos." Ou ainda, o caso relatado por Krafft-Ebing da condessa Sarolta V/ conde Sandor V, que com sua criação aristocrática, o pai que a educou como um menino, com amor por equitação e esgrima, parece ser, de todos os casos sexológicos, o mais próximo de Stephen [...] (PROSSER, 2001, p.133)[41]

[41] O texto em língua estrangeira é: “There is also in many cases, a crucial distinction between homosexual and transsexual narratives, a rejection of same-sex relations as same sex. In the case of Ellis`s D, for example, she sees her body […] as a mistake – “Ever since I can remember anything at all, I could never think of myself as a girl. … I regarded the conformation of my body as a mysterious accident" – and, feeling a "hiatus … between my bodily structure and my feelings", puts it down to being trapped in the wrong body: "I thought that the ultimate explanation might be that there were men´s minds in women´s bodies". Or Krafft-Ebing´s Countess Sarolta V/Count Sandor V, who with his aristocratic upbringing, the father who raises her as a boy, , with a love of riding and fencing, seems of all sexological case histories closest to Stephen´s plot.

No caso de Stephen, no entanto, além da educação, o/a leitora tem conhecimento de que havia, como foi citado anteriormente, algo de masculino que estava para além da esgrima, da equitação e das vestimentas. O desejo de se expressar de forma masculina era latente em Stephen e isso, unido a suas características a tornou um *transgender*. Mais do que as relações com mulheres que se sucederam, foi a maneira de se posicionar, de se expressar nessas relações que marcaram sua identidade. Stephen poderia simplesmente desejar mulheres, mas queria também e principalmente, exercer sua masculinidade nessas relações.

Collins, arrumadeira por quem Stephen se apaixonou ainda criança, foi motivo de expectativas emocionais tão intensas quanto os desapontamentos: “Eu te amo terrivelmente, Collins. Eu te amo tanto que tenho vontade de chorar”. (HALL, 1990, p.24)[42] Um sentimento que se aproxima, por inúmeras vezes, da devoção. Ao saber de feridas nos joelhos de Collins causadas pelo trabalho doméstico, a menina de sete anos diz: “Gostaria de me ferir por você, Collins, assim como Jesus pelos pecadores.” (HALL, 1990, p.21)[43] Sua primeira desilusão amorosa acontece ao ver Collins beijando um rapaz. O sofrimento de Stephen é algo desmedido se levarmos em conta o que o senso comum acredita que uma criança possa sentir no que diz respeito às paixões:

> Então algo catastrófico aconteceu, pois Henry pegou Collins rudemente [...] e a beijou na boca. Stephen sentiu sua cabeça quente e tonta, foi tomada por uma raiva cega; ela queria gritar, mas sua voz falhou completamente, e só o que ela pôde fazer foi gaguejar. (HALL, 1990, p.28)[44]

Logo após este episódio, Stephen é afagada por seu pai que a escuta com toda atenção e carinho que lhe são peculiares:

> E quando ela terminou, ele ficou em silêncio por um momento, enquanto continuou acariciando seu cabelo. Então ele disse: 'Acho que entendo, Stephen – isso parece mais terrível que qualquer outra coisa que já tenha acontecido, mais completamente terrível – mas você verá que isso passará e será completamente esquecido – você deve tentar acreditar em mim, Stephen. E agora vou tratar você como um menino, e um menino deve ser

[42] O texto em língua estrangeira é: “I do Love you awfully, Collins. I love you so much that it makes me want to cry.”
[43] O texto em língua estrangeira é: “I´d like to be awfully hurt for you, Collins, the way that Jesus was hurt for sinners.”
[44] O texto em língua estrangeira é: “Then a really catastrophic thing happened, for Henry caught Collins roughly […] and he kissed her full on the lips. Stephen´s head felt suddenly hot and dizzy, she was filled with a blind, uncomprehending rage; she wanted to cry out, but her voice failed completely, so that all she could do was to splutter.”

> forte, lembre-se. [...] Vou mandar Collins embora amanhã; você entende, Stephen? Vou mandá-la embora. (HALL, 1990, p.28-29)[45]

Neste trecho o amor e o respeito que Sr. Philip tem por sua filha ficam evidentes ao ponto em que ele respeita a forma que Stephen expressa seu gênero e, inclusive, sua orientação afetiva. Não apenas respeita, mas pauta suas atitudes com base nos sentimentos da protagonista. A escolha de demitir a funcionária, portanto, pode ser compreendida como uma atitude de proteção, uma tentativa de evitar o sofrimento de Stephen.

Mais tarde, com muitas afinidades com Stephen, o canadense Martin Hallam torna-se amigo da protagonista durante sua adolescência. Todavia, no momento em que Martin revela seus sentimentos a Stephen, esta, movida por um imenso pavor daquela situação, desfaz subitamente a forte conexão de identificação e amizade que havia se formado entre os dois. “Mas o que ela era? Seus pensamentos, voltando à infância, encontrariam muitas coisas em seu passado que a deixariam perplexa. […] Naqueles dias, ela queria ser um menino – […] E agora? Ela queria que Martin a tratasse como homem”. (HALL, 1990, p.100)[46]

Após a partida de Martin, Stephen se percebe em uma profusão de sentimentos conflituosos:

> Ela caminhava desconsolada, pensando profundamente. Ele havia partido, em breve estaria de volta às suas florestas – ela não havia feito qualquer esforço para mantê-lo ao lado dela porque ele queria ser seu namorado. ... 'Stephen, olhe para nós, olhe para nós!' cantava, os pássaros. 'Nós somos felizes, felizes, é tudo muito simples!' Martin caminhando por lugares escuros, verdes – ela poderia imaginar a vida dele distante nas florestas, a vida de um homem, bom com a benevolência do perigo, algo primitivo, forte, imperativo – a vida de um homem, a vida que deveria ter sido dela – E seus olhos se encheram de lágrimas pesadas e arrependidas, contudo ela não sabia bem pelo que estava chorando. Ela sabia apenas que uma grande sensação de perda, uma grande sensação de incompletude a possuía, e ela permitiu que as lágrimas escorressem por sua face, secando-as uma por uma com seu dedo.[47] (HALL, 1990, p.101-102)

---

[45] O texto em língua estrangeira é: "And when she had finished he was silent for some moments, while he went on stroking her hair. Then he said: 'I think I understand , Stephen-this thing seems more dreadful than anything else that has ever happened, more utterly dreadful-but you´ll find that it will pass and be completely forgotten-you must try to believe , Stephen. And now I´m going to treat you like a boy, and a boy must always be brave, remember. [...] I´m going to send Collins away tomorrow; do you understand, Stephen? I shall send her away.'"

[46] O texto em língua estrangeira é: “But what was she? Her thoughts, slipping back to her childhood, would find many things in her past that perplexed her. […] In those days she wanted to be a boy – […] And what about now? She had wanted Martin to treat her as a man.”

[47] O texto em língua estrangeira é:"She walked on disconsolate, thinking deeply. He had gone, he would soon be back in his forests-she had made no effort to keep him beside her because he had wanted to be her lover. ... 'Stephen, look at us, look at us!' sang the birds. 'We´re happy, happy, it´s all

Stephen vivia, neste momento, um turbilhão de emoções. Sofreu pela partida daquele por quem nutria amizade sincera e profunda, com quem dividia interesses e afinidades talvez nunca vividos antes com outra pessoa. Mas chorou também por não ter a vida que Martin tinha, o que, para a protagonista, era a representação da vida de um homem. Era o que ela desejava, viver a primitividade das florestas, da natureza, dos instintos. Por se ver impossibilitada de exercer sua masculinidade livremente, Stephen se sente incompleta, em constante desvantagem em relação aos homens biológicos. Primeiro aconteceu com Roger, seu vizinho na infância, agora com Martin e, mais tarde com Ralph Crossby, marido de Angela, por quem Stephen se apaixonará.

É relevante explicar que a condição conhecida como *tomboyism* (comportamento masculino na infância de uma menina biológica) é muito comum e não é visto pelos pais como uma ameaça, tendo, inclusive, a faixa etária como atenuante até que exceda um “período limite” e um possível lesbianismo se imponha. Constatamos, também, que desde a infância, a masculinidade na mulher é muito mais aceita do que a feminilidade no homem; é encorajada em alguns casos, e vista, inclusive, como sinal de independência. Este comportamento, contudo, não necessariamente, atesta uma ligação direta com a orientação sexual da menina. Ser ou não homossexual independe da expressão de gênero “normativa” ou “desviante”.

O período da adolescência constitui um paradoxo ao se comparar os dois sexos biologicamente legitimados. Ao passo que para os meninos representa um momento de libertação, para as meninas é o período decisivo para castração. No caso da protagonista, ela consegue experienciar essas duas situações através de seus pais. Enquanto Anna é o instrumento de repressão, Phillip, a figura fraterna do pai, representa a libertação pelo afeto, pela busca de conhecimento. Em um momento raro no qual Anna e Philip expressavam sentimentos até então encobertos, o pai de Stephen declara:

> 'Crueldade, sim, mas não de Stephen, Anna - é sua; visto que durante toda a vida da criança você nunca a amou.'

---

very simple!' Martin walking in dim, green places-she could picture his life away in the forests, a man´s life, good with the goodness of danger, a primitive, strong, imperative thing-a man´s life, the life that should have been hers- And her eyes filled with heavy, regretful tears, yet she did not quite know for what she was weeping. She only knew that some great sense of loss, some great sense of incompleteness possessed her, and she let the tear trickle down her face, wiping them off one by one with her finger."

> Feio, degradante, um pouco de meias-verdades terríveis; e ele sabia toda a verdade, e ainda assim não ousava falar. É ruim para a alma se reconhecer como um covarde, é adequado refugiar-se em uma simples violência prolixa. 'Sim, você, mãe dela, você persegue Stephen, você a atormenta; as vezes penso que você a odeia!' (HALL, 1990, p.111)[48]

A relação tensa entre Stephen e Anna e a consequente rejeição praticada pela última devido à condição da primeira não descarta a formação da subjetividade da protagonista também em direção a sua mãe. Como explica Judith Butler em *The Physic Life of Power*, "[...] nenhum sujeito surge sem uma ligação apaixonada com aqueles dos quais ele/ela é fundamentalmente dependente (ainda que essa paixão seja "negativa" no sentido psicanalítico)". (BUTLER, 1997, p. 7)[49] Tal ligação pode não ser evidente e, além disso, tem de ser, pelo menos em parte negada para que o sujeito se forme. É um processo natural que, no entanto, pode assumir níveis variados tanto de negação quanto daquilo que se alcança na formação. Stephen é "produto" da relação que se estabelece a partir do amor fraterno e incondicional do pai, dos conflitos propostos pela rejeição materna, bem como das conexões realizadas por Stephen, enquanto sujeito e/ou objeto, nessas e em outras situações apresentadas.

Como uma jovem adulta, Stephen se vestia com roupas feitas sob medida que, para a época, seriam de uso masculino exclusivo. E se envolve apaixonadamente com uma vizinha norte-americana recém-chegada e casada, chamada Angela Crossby.

> Pelos longos anos de vida que se seguiram, trazendo com eles seus sonhos e desilusões, suas alegrias e tristezas, suas satisfaçoes e frustrações, Stephen nunca esqueceria esse verão quando ela se apaixonou de maneira tão simples e natural, de acordo com as imposições de sua natureza. Para ela, não havia nada de estranho ou profano no amor que ela sentia por Angela Crossby. (HALL, 1990, p.146)[50]

---

[48] O texto em língua estrangeira é: "'Cruelty, yes, but not Stephen's, Anna- it's yours; for in all the child's life you've never loved her.' Ugly, degrading, rather terrible half-truths; and he knew the whole truth, yet he dared not speak it. It is bad for the soul to know itself a coward, it is apt to take refuge in mere wordy violence. 'Yes, you, her mother, you persecute Stephen, you torment her; I sometimes think you hate her!'"

[49] O texto em língua estrangeira é: "[…] no subject emerges without a passionate attachment to those on whom he or she is fundamentally dependent (even if that passion is "negative" in the psychoanalytic sense)."

[50] O texto em língua estrangeira é: "Through the long years of life that followed after, bringing with them their dreams and disillusions, their joys and sorrows, their fulfilments and frustrations, Stephen was never to forget this summer when she fell quite simply and naturally in love, in accordance with the dictates of her nature. To her there seemed nothing strange or unholy in the love that she felt for Angela Crossby."

Aos sete anos, Stephen havia se apaixonado por Collins e aos vinte e um, por Angela. Nesta fase, no entanto, Stephen já era uma adulta e havia iniciado, na adolescência, um processo gradual de entendimento tanto de sua orientação quanto de sua expressão de gênero. Aqueles desejos, contudo, se apresentavam a ela de maneira instintiva, como um rio que faz seu curso natural:

> Então, talvez por causa daquela noite glamorosa, com seu espírito de aventura *queer*, sublime, com seu impulso à doçura estranha, insuportável, Angela deu um passo na direção de Stephen, depois outro, até que suas mãos se tocassem. E tudo que ela era, e tudo que ela havia sido e seria outra vez, talvez até mesmo amanhã, estava fundido naquele momento em um impulso poderoso, uma necessidade imperativa, e aquela necessidade era Stephen. A necessidade de Stephen era agora dela. [...] Então Stephen tomou Angela em seus braços e a beijou nos lábios, como um amante. (HALL, 1990, p,145-146)[51]

Apesar de haver envolvimento mútuo, o valor que cada uma dá para a relação difere na origem do sentimento. Para Stephen era uma grande paixão à qual devotava enorme parte de seus pensamentos e esforços diários: “Ela não parava para analisar seus sentimentos, ela só sabia que se sentia exultante – [...]” (HALL, 1990, p.135)[52], enquanto que para Angela, aquela relação era somente mais uma distração contra a rotina entediante. De maneira inocente, Stephen diz que não suporta mais a mentira e propõe a Angela que contem "a verdade" a Ralph e partam daquele lugar a fim de viver aquele amor. Ao ouvir a proposta, Angela se surpreende e exclama:

> "'Você está louca,' [...] 'Dizer a ele o que? Eu permiti que você se tornasse minha amante? Você sabe que sempre fui leal a Ralph; você sabe perfeitamente que não há nada para dizê-lo além de alguns poucos beijos estudantis.'" (HALL, 1990, p.149)[53]

Além disso, Angela passa a ter um caso com Roger e a relação termina como um desapontamento para Stephen. Temendo que o ciúme de Stephen pudesse

---

[51] O texto em língua estrangeira é: "Then, perhaps because of that glamorous evening, with its spirit of queer, unearthly adventure, with its urge to strange, unendurable sweetness, Angela moved a step nearer to Stephen, then another, until their hands were touching. And all that she was, and all that she had been and would be again, perhaps even to-morrow, was fused at that moment into one mighty impulse, one imperative need, and that need was Stephen. Stephen´s need was now hers. [...] Then Stephen took Angela into her arms, and she kissed her full on the lips, as a lover."

[52] O texto em língua estrangeira é: “She did not stop to analyse her feelings, she only knew that she felt exultant – […].”

[53] O texto em língua estrangeira é: "'You´re mad'[...] 'Tell him what? Have I let you become my lover? You know that I have always been faithful to Ralph; you know perfectly well that there´s is nothing to tell him, beyond a few rather schoolgirlish kisses.'"

prejudicar seu casamento, Angela mostra a seu cônjuge, de maneira desleal, uma carta apaixonada de Stephen. O marido decide, então, enviar uma cópia da carta para a mãe de Stephen, que de forma alguma, poderia aceitar tal exposição social de sua linhagem. Afinal, em uma família tradicional, os papéis atribuídos ao "ser homem" e "ser mulher" deveriam estar definidos e separados, não por alguma linha tênue, mas por uma barreira intransponível.

Na Inglaterra dos séculos XVIII e XIX, juridicamente, o sexo só era configurado diante da consumação do ato. Angela reproduz tal pensamento e diz não ter havido qualquer traição. Também por este motivo, o lesbianismo era invisível.

É importante ressaltar que quando aqui uso expressões do tipo "ser homem" ou "ser mulher", "papel masculino" ou "feminino", estou inevitavelmente reproduzindo o discurso de uma sociedade que objetivo questionar e/ou desconstruir. No entanto, o uso de tais termos se faz necessário diante do que proponho comunicar e, principalmente, diante do reducionismo vocabular ao qual estamos aprisionados.

Sobre o binarismo de gênero que nos é imposto, Stephen expõe uma visão muito lúcida acerca dessas arbitrariedades apresentadas como natureza do humano. "Somos todos grandes imbecis sobre a natureza. Fazemos nossas próprias regras e as chamamos de *la nature*". (HALL, 1990, p.256)[54]. Como indivíduo ansiando por pertencimento familiar e/ou social, Stephen se via compelida a frequentar uma série de eventos e sobre eles, ela refletia: "Então a procissão solene e ridícula, animais marchando em pares em direção à arca de Noé, muito certos da sua proteção divina – macho e fêmea Ele os criou!" (HALL, 1990, p.77)[55] Stephen sabia que devido à sua condição interpretada como "anormal" não gozaria do privilégio de tal abrigo.

Por outro lado, há um fator determinante que funciona como proteção. Seu *status* econômico-social lhe confere uma regalia que é incomum à maioria das pessoas que se apresentam como *transgenders*. Enquanto a personagem desfrutava de uma condição econômica abastada pela sua herança familiar, a maioria dos/das *transgenders* vivencia a falta em seu extremo: a família que rejeita, o empregador que não deseja aquela figura não normativa, a consequente falta de dinheiro, de relações sociais; enfim, a falta.

---

[54] O texto em língua estrangeira é: "We are all great imbeciles about nature. We make our own rules and call them la nature;"

[55] O texto em língua estrangeira é: "Then the solemn and very ridiculous procession, animals marching into Noah´s Ark two by two, very sure of divine protection – male and female created He them!"

Como sugere Halberstam, “a masculinidade de *inverts* pertencentes à alta classe social corresponde a altos níveis de intelecto e distinção. Em mulheres de classes baixas ou médias, contudo, o instinto masculino poderia facilmente levar à criminalidade”. (HALBERSTAM, 1998, p.78) [56] É notório que ser uma mulher masculina requer disposição para o enfrentamento social.

Em contrapartida, embora protegida ou talvez por causa da proteção, Stephen sentia-se só enquanto sujeito incomum, procurando um lugar que pudesse habitar, uma relação que fosse similar a de seus pais, uma música que fosse sua e de Mary, amigos que a interessassem; ela estava apenas em busca do ordinário. Ademais, a morte de seu pai a fez experimentar episódios ainda mais frequentes e sequenciais de solidão, uma vez que ele era uma figura representativa de amparo emocional para a filha. Esta solidão passa também pelo aspecto do abrigo físico, pois após a morte de Phillip, Stephen abandona a casa, lugar que para ela era outra referência importante de segurança.

Corroborando a importância de Morton para Stephen, há alguns trechos ao longo do romance nos quais nota-se a personificação daquele lugar:

> [Anna] convidou o jovem para visitá-las; e Stephen ficou feliz com aquele convite, porque agora ela poderia compartilhar seu novo amigo com Morton. Ela disse a Morton naquela noite em seu quarto: 'Eu sei que você vai gostar de Martin Hallam.' (HALL, 1990, p.93)[57]

Se para Heidegger, o construir tem o habitar como objetivo e o habitar está ligado à temporalidade refletida implicando, necessariamente, um processo de escuta demorada, de integrar-se, para Stephen estar naquela casa enquanto seu pai também ali estava era a experiência do habitar. Cercada do amor fraterno do pai, Stephen estava imersa em uma atmosfera protetora que a fazia interagir de forma dialética com aquela construção. A partir da morte de Philip, no entanto, a casa passa a representar apenas uma construção física, onde não há mais espaço para integração. Sendo assim, o repensar torna-se uma constância através do processo de desenraizar-se, concluindo que o habitar não é estático: “A crise propriamente

[56] O texto em língua estrangeira é: “In the upper class or Royal inverts, their masculinity corresponds to high levels of intellect and distinction. In lower-class or middle-class women, however, the masculine instinct could as easily lead to criminality.”

[57] O texto em língua estrangeira é: "She invited the young man to drive over and see them; and Stephen felt glad of that invitation, because now she could share her new friend with Morton. She said to Morton that night in her bedroom: 'I know you´re going to like Martin Hallam.'"

dita do habitar consiste em que os mortais precisam sempre de novo buscar a essência do habitar, consiste em que os mortais devem primeiro aprender a habitar." (HEIDEGGER, 2002b, p.140)

Para Stephen, esse desenraizar-se foi um processo estabelecido compulsoriamente, assim como outros semelhantes ao longo de sua vida. Arrancar as raízes e se mover para outras direções, deixando um pouco de si naquela terra e carregando outro pouco consigo dela acontece a todo instante, na vida de todos e não seria diferente com os/as *transgenders*. Por serem frequentemente hostilizados/as e marginalizados/as, eles/elas vivem um desenraizar físico e emocional constante, repensando e reestruturando suas moradas, seus modos de subsistência, suas relações ou a ausência delas, enfim, suas vidas.

Stephen pertencia àquele lugar onde havia morado por toda a infância ao lado de seu pai. Havia um sentimento de compartilhamento de emoções com aquele espaço físico. Mais tarde, no entanto, tanto pela morte do pai quanto pela necessidade de mudanças, a protagonista passou a dividir com o espaço, os vazios físico e emocionais tão profundos: "Então aquela parte de Stephen que ela ainda dividia com Morton saberia o que era sentir-se terrivelmente só, como uma alma que acorda e se encontra vagando, não desejada, entre as esferas". (HALL, 1990, p.35)[58]

Este é o lugar mais comumente habitado pelos/as *transgenders*, uma vez que são deslocados física e emocionalmente. O entrelugar é onde suas existências não são julgadas ou punidas. Lá não há prescrições ou regimentos, pois é terra reservada para aqueles que não encontraram pertencimento e são, portanto, descentralizados de qualquer abrigo social.

Talvez por estas razões, a obra de Hall possa também ser lida como uma narrativa de solidão, na qual a busca permanente é por um "eu" aceito pelo próprio sujeito e pelos outros que não são apenas Outros como o "eu", abjeto. Como argumenta Halberstam, "[...] a narrativa do/da *transgender* […] tem sido de perda, solidão e desconexão. As *butches*, nessas narrativas, dificilmente são hedonistas

[58] O texto em língua estrangeira é: Then that part of Stephen that she still shared with Morton would know what it was to feel terribly lonely, like a soul that wakes up to find itself wandering, unwanted, between the spheres.

brincando com o gênero, e na verdade, elas dividem com muitos *FTMs* uma busca séria por lugar e pertencimento". (HALBERSTAM, 1998, p.167-168)[59]

Esse grande grupo que impede a colocação do sujeito *transgender* no *corpus* social é representado, na obra, pela figura não maternal da mãe de Stephen. Mais veementemente do que qualquer vizinho é ela quem rejeita Stephen e a renuncia social e emocionalmente, colocando-a como um corpo abjeto que deveria ser escondido, mas ousa circular publicamente. A sociedade se encarrega de "vigiar e punir" aqueles que são desviantes. A figura materna, no entanto, tem interferência incomparável na estruturação mental e emocional do sujeito. Foi Anna quem primeiro mostrou a Stephen a crueldade, o desamor e a marginalização de sua condição. A mãe tornou-se, então, o primeiro inimigo, com requintes de intimidade pela convivência.

Stephen passa a viver em Londres, depois em Paris. Coloca-se em núcleos sociais inesperados e revigorantes para sua subjetividade. Produz seu primeiro livro e se percebe acompanhada de amigos. Nota que sua jornada não é exclusiva ao encontrar tantos com orientações sexuais e expressões de gêneros nada normativas.

Com a chegada da Primeira Grande Guerra, Stephen assume a função de socorrer os feridos, ajudando assim, os Aliados. É condecorada pela excelência dos serviços prestados e, além disso, se apaixona pela jovem Mary Llewellyn. Ao fim da guerra, Mary passa a viver com Stephen em Paris: "[...] porque o amor não é escravo da mera linguagem. Mary queria que Stephen a tomasse em seus braços, para que ela repousasse sua face nos ombros de Stephen, como se elas duas tivessem o direito a tal música, tivessem direito à sua parte nas canções de amor do mundo". (HALL, 1990, p.310)[60] O relacionamento apaixonado se apresenta perfeito por muito tempo e não pretende se encaixar em qualquer rótulo. No entanto, quando Stephen passa a escrever um novo livro, dedica maior parte de seu tempo a esta produção, deixando espaço para a solidão de Mary. Além disso, Stephen percebe que, devido a sua condição não-normativa não poderia proporcionar aceitação social a Mary e culpava-se por isso. Mary, por sua vez, talvez inconscientemente ansiando

[59] O texto em língua estrangeira é: "[...] the narrative of the transgender[…] has been one of loss, loneliness, and disconnection. The butches in these narratives are hardly playful gender hedonist, and indeed they share with many FTMs a serious quest for place and belonging."

[60] O texto em língua estrangeira é: "[…] for love is no slave of mere language. Mary would want Stephen to take her in her arms, so must rest her cheek against Stephen´s shoulder, as though they two had a right to such music, had a right to their share in the love songs of the world."

por uma vida “normal”, começa a se envolver com Martin Hallam. Estabelece-se então uma competição entre Stephen e Martin. Os dois, com honra e discrição, tornam-se concorrentes pelo amor da jovem. “Ela estava bem armada, graças tanto ao presente quanto ao passado – mas a única arma de Martin estava no futuro”. (HALL, 1990, p.428)[61] A autora, todavia, evidencia que o amor que Mary sentia por Stephen não havia acabado, mas que a jovem precisava experimentar o regular da vida, pois via no normativo uma possibilidade de felicidade capaz de abrigá-la.

2.3 **Despatologização da inversão**

Designada para aquele/a que assumisse características do sexo “oposto” ao de seu nascimento, mais especificamente ligado à orientação sexual, o que hoje conhecemos por “inversão” não consegue dar conta de todas as possibilidades a respeito da expressão de gênero ou da orientação sexual. Era pertinente, contudo, pois se deve levar em consideração o conhecimento que se tinha acerca do assunto na época da utilização do vocábulo. Como bem aponta Halberstam,

> A inversão como uma teoria de homossexualidade agrupava variação de gênero e preferência sexual em um pacote econômico e tentava explicar todo comportamento desviante em termos de uma crença firme e quase intuitiva em um sistema binário de estratificação sexual no qual a estabilidade dos termos “macho” e “fêmea” dependia da estabilidade do binário homossexual-heterossexual. […] Para reconstituir a história da masculinidade feminina, temos de aceitar que *invert* pode não ser um sinônimo para ‘lésbica’, mas que o conceito de *inversion* tanto produziu quanto descreveu uma categoria de mulheres biológicas que se sentiam desconfortáveis com sua anatomia. (HALBERSTAM, 1998, p.82)[62]

Neste capítulo abordarei questões relativas tanto a Stephen Gordon quanto a sua criadora, Radclyffe Hall. É necessário pontuar alguns aspectos da biografia de

[61] O texto em língua estrangeira é: “Well armed she was, thanks to both present and past – but Martin´s sole weapon lay in the future.”

[62] O texto em língua estrangeira é: “Inversion as a theory of homosexuality folded gender variance and sexual preference into one economical package and attempted to explain all deviant behavior in terms of a firm and almost intuitive belief in a binary system of sexual stratification in which the stability of the term ‘male’ and ‘female’ depended on the stability of the homosexual-heterosexual binary. […] To reconstitute the history of female masculinity, we actually have to accept that the invert may not be a synonym for ‘lesbian’ but that the concept of inversion both produced and described a category of biological women who felt at odds with their anatomy.”

Hall, uma vez que a escritora era ela própria uma *"invert"* – vocábulo difundido no final do século XIX e início do século XX, como já foi referido anteriormente.

A fim de acrescentar outra perspectiva que se refere tanto ao ponto de vista do inatismo quanto ao da história científica que se desenvolveu a partir das representações de gênero não normativas, cito Esther Newton em "The Mythic Mannish Lesbian":

> O verdadeiro *invert* é um ser entre categorias, nem homem, nem mulher, um 'terceiro sexo' ou uma 'alma aprisionada'. Krafft-Ebing, Ellis e Freud associavam esta figura ao desejo feminino e à revolta feminista contra papéis tradicionais sobre os quais, elas eram, na melhor das hipóteses, ambivalentes, e na pior, horrorizadas". (NEWTON, 2001, p.97)[63]

O que conseguimos avaliar, ademais, é que o termo "lésbica", como o conhecemos hoje, não consegue dar conta da subjetividade tanto de Hall quanto de sua personagem Stephen, tornando-se um conceito reducionista incapaz de definir a complexidade da identidade de gênero e sexual dessas mulheres. São palavras historicamente específicas que não podem abarcar um período histórico muito longo ou formações sociais muito diversas.

Vale aqui pontuar que a representação da homossexualidade feminina de mulheres masculinas existe muito antes da rotulação do termo lesbianismo. Sendo assim, este termo não dá conta de uma representação íntegra de mulheres masculinas. A exemplo disso, há a própria Radclyffe Hall que, como aponta Halberstam, "ainda representa um emaranhado de identificações e preferências sexuais que não são facilmente separadas nem confortavelmente representadas sob o título de 'lésbica'". (HALBERSTAM, 1998, p.161)[64]

Em "Some Primitive Thing Conceived in a Turbulent Age of Transition: The Transsexual Emerging from *The Well*", Jay Prosser detalha diferenças importantes entre uma lésbica e um *invert*, acentuando ainda as representações errôneas atreladas ao romance:

---

[63] O texto em língua estrangeira é: "The true invert was a being between categories, neither man nor woman, a 'third sex' or 'trapped soul'. Krafft-Ebing, Ellis, and Freud all associated this figure with female lust and with feminist revolt against traditional roles, toward which they were at best ambivalent, at worst horrified."

[64] O texto em língua estrangeira é: [...] still represents a tangle of cross-identification and sexual preference that is neither easily separated nor comfortably accounted for under the heading of 'lesbian'".

> *The Well of Loneliness* provou ser a representação mais famosa do lesbianismo que fornece, contudo, a deturpação mais infame do assunto. A crítica lésbica tem se caracterizado por tentativas repetidas, mas fracassadas de dar sentido à masculinidade de Stephen e à conclusão heterossexual do romance. [...] Na verdade, Stephen não é lésbica, mas *invert*, e em nenhum lugar, este mais famoso romance lésbico nomeia como lésbico ou homossexual sua personagem. A categoria de *invert* na recepção crítica da sexologia, que não incidentalmente tem sido dominada pela crítica lésbica e gay, tem sido erroneamente reduzida a homossexual. (PROSSER, 2001, p.129)[65]

Prosser ainda argumenta em seu artigo já citado que a inversão sexual em *The Well* e o romance em si são fundamentais para o aparecimento desse novo sujeito – não lido em *The Well*. E uma vez que o transexual, em *The Well*, é lido e diagnosticado, este sujeito e este contexto fornecem um ajuste muito melhor para este romance do que o do lesbianismo. (PROSSER, 2001, p.130) Além disso, não há uma "conclusão heterossexual" para o romance, não há sequer uma conclusão. Há, portanto, apresentações de possibilidades, alternativas tanto para quem escolhe se encaixar quanto para os que ousam transgredir. No romance, observa-se como ambos, transgressão e conformismo envolvem benefícios e ônus.

Há momentos em que são visíveis os equívocos sobre a conexão entre o lesbianismo e a masculinidade de Stephen. Pois a protagonista não pode ser interpretada de forma reducionista, atrelando sua condição homossexual às roupas e gestos tidos como masculinos. Stephen é uma mulher biológica cujas características físicas são visualmente masculinas. A personagem poderia apresentar-se desta forma apenas, findando quaisquer outras implicações. Mas ela, no entanto, não apenas deseja mulheres. Ela deseja ser homem, lamenta e sofre por não poder sê-lo.

Na época de produção do romance, não havia ainda referências a rótulos que abarcassem a complexidade desta subjetividade. A condição de Stephen foi classificada de acordo com o conhecimento que se tinha sobre sexualidade, conhecimento este que não deve ser ignorado, mas incorporado às informações que estabeleçam um diálogo com a contemporaneidade.

---

[65] O texto em língua estrangeira é: "*The Well of Loneliness* has proven the most famous representations of lesbianism that yet provides the most infamous *mis*representation of lesbianism. Lesbian criticism has been characterized by the repeated attempt but persistent failure to make sense of Stephen´s masculinity and the heterosexual conclusion of the novel. […] In fact Stephen is not lesbian but an invert, and nowhere does this most famous lesbian novel name its subject lesbian or homosexual. The category of invert in the critical reception of sexology, which not incidentally has been dominated by lesbian and gay criticism, has wrongly been reduced to homosexual."

Um nome crucial para uma perspectiva histórica acerca das questões de sexo e gênero presentes neste estudo é o do alemão Richard Von Krafft-Ebing, um dos mais importantes nomes da psiquiatria. Nascido no século XIX, tornou-se uma das figuras mais influentes na história da sexualidade humana. Em *Psychopathia Sexualis*, o médico traça um histórico psíquico, científico, comportamental e forense da sexualidade. Deve-se resguardá-lo das críticas e considerar, em vez disso, seu caráter desbravador. Pois, podemos nesta obra nos deparar com aquilo que refutamos completamente bem como com reflexões de extrema pertinência para a contemporaneidade. Em seu artigo "The Mythic Mannish Lesbian: Radclyffe Hall and the New Woman", Esther Newton explica sobre a caracterização feita por Ebing:

> Foi Richard Von Krafft-Ebing quem articulou a fusão de masculinidade, aspirações feministas e lesbianismo que tornou-se, e permanece amplamente, um artigo de fé na cultura anglo-americana. Krafft-Ebing categorizou as lésbicas em quatro tipos crescentemente desviantes e masculinos. A primeira categoria de lésbicas incluía mulheres que "não traiam suas anomalias por aparência externa ou por características sexuais e mentais [masculinas] [...] A segunda classificação incluía mulheres com uma "forte preferência por vestimentas masculinas". No terceiro estágio, a "inversão" estaria "completamente desenvolvida, a mulher assumindo um papel definitivamente masculino." O quarto tipo representava "a gradação extrema de homossexualidade degenerativa. A mulher deste tipo", explicou Krafft-Ebing, "possui das qualidades femininas, apenas os órgãos genitais; pensamento, sentimento, ação, até mesmo aparência externa são de um homem". (NEWTON, 2001, p.95-96)[66]

Em sua obra, observo a tentativa de Ebing para classificar os diversos tipos de "anomalias" da sexualidade em suas diversas naturezas, de expressão, de desejo. Graus de desenvolvimento daquilo que o psiquiatra chamou de anomalia são estabelecidos a fim de elucidar os diferentes e gradativos momentos da sexualidade rotulada como doentia: "Sentimento, pensamento, vontade e todo o caráter, em casos de desenvolvimento completo da anomalia, correspondem ao instinto sexual peculiar, mas não ao sexo que o indivíduo representa anatômica e fisiologicamente".

[66] O texto em língua estrangeira é: "It was Richard von Krafft-Ebing who articulated the fusion of masculinity, feminist aspiration, and lesbianism that became, and largely remains, an article of faith in Anglo-American culture. Krafft-Ebing categorized lesbians into four increasingly deviant and masculine types. The first category of lesbians included women who "did not betray their anomaly by external appearance or by mental [masculine] sexual characteristics. […] The second classification included women with a "strong preference for male garments." By the third stage, "inversion" was "fully developed, the woman [assuming] a definitely masculine role." The fourth state represented "the extreme grade of degenerative homosexuality. The woman of this type", Krafft-Ebing explained, "possesses of the feminine qualities only the genital organs; thought, sentiment, action, even external appearance are those of the man."

(EBING, 1894, p.222).[67] Compreendendo a diferença entre o sexo biológico e as possibilidades de expressão e de desejos, Ebing se posiciona:

> No chamado instinto sexual contrário, há níveis do fenômeno que correspondem completamente aos níveis de predisposição dos indivíduos. Portanto, em casos mais amenos, há hermafroditismo simples; em casos mais notáveis, apenas sentimentos e instintos homossexuais, mas limitados a *vita sexualis*; em casos ainda mais complexos, toda a personalidade psíquica e até mesmo as sensações do corpo são transformadas para corresponder à perversão sexual; e, em casos completos, a forma física é correspondentemente alterada. (EBING,1894, p.187)[68]

Ebing faz referências à expressão e ao exercício de desejo "desviantes" como patologias congênitas e adquiridas. Frequentemente, menciona tratamentos, internações e curas em seus relatos. Um dos níveis da doença é nomeado *Metamorphosis Sexualis Paranoica.*

> Um possível estágio final nesse processo da doença é a ilusão de uma transformação de sexo. Surge baseada na neurastenia sexual que se desenvolve em neurastenia *universalis*, resultando em uma doença mental,– paranoia.(EBING, 1894, p.216)[69]

Por outro lado, foi constatado que "a maioria dos uranistas são felizes em seus sentimentos e impulsos sexuais, e infelizes apenas à medida que as barreiras sociais e legais se colocam no caminho da satisfação de seus instintos relativos ao mesmo sexo". (EBING, 1894, p.226)[70] Tal constatação retrata o que tenho discutido com frequência – que as arbitrariedades sociais são limitadoras daquilo que vigora naturalmente no sujeito, impedindo os processos fluidos e infindáveis de "recriar-se", dando lugar apenas ao "corresponder". Os indivíduos não nascem infelizes, nem oprimidos ou marginalizados por terem orientação, desejo e/ou expressão de gênero que não se enquadram no regular. Eles/elas se tornam infelizes ao longo do

---

[67] O texto em língua estrangeira é: "Feeling, thought, will, and the whole character, in cases of the complete development of the anomaly, correspond with the peculiar sexual instinct, but not with the sex which the individual represents anatomically and physiologically."

[68] O texto em língua estrangeira é: "In so-called contrary sexual instinct there are degrees of the phenomenon which quite correspond with the degrees of predisposition of the individuals. Thus, in the milder cases, there is simple hermaphroditism; in more pronounced cases, only homo-sexual feeling and instinct, but limited to the vita sexualis; in still more complete cases, the whole psychical personality, and even the bodily sensations, are transformed to correspond with the sexual perversion; and, in complete cases, the physical form is correspondingly altered."

[69] O texto em língua estrangeira é: "A final possible stage in this disease-process is the delusion of a transformation of sex. It arises on the basis of sexual neurasthenia that has developed into neurasthenia universalis, resulting in a mental disease, – paranoia."

[70] O texto em língua estrangeira é: "The majority of urnings are happy in their perverse sexual feeling and impulse, and unhappy only in so far as social and legal barriers stand in the way of the satisfaction of their instinct toward their own sex."

processo de desvelamentos e percepção acerca dos preconceitos e das prisões impostas.

Ebing não faz uso apenas de terminologia científica, mas utiliza, com frequência, a palavra sentimento. Em uma de suas classificações, *"Effemination and Viraginity*", ele ressalta que os homens que compõem este grupo de casos completamente desenvolvidos são femininos em sentimentos, e as mulheres, masculinas.

Finalmente, nos deparamos com propostas e relatos de tratamentos feitos com indivíduos que sofriam dessas anomalias. E o primeiro passo para os procedimentos terapêuticos seria a distinção entre casos adquiridos e casos congênitos. Embora Ebing também reconhecesse a inversão como uma condição inata, insistia em uma causa patológica, pleiteando, contudo, um tratamento humano de tais sujeitos. Ebing afirmava que um dos sintomas da doença era ver-se como um sujeito normal e que a inversão "adquirida" não poderia ser tolerada, pois era resultado de práticas tais como excesso de masturbação, isolamento do sexo oposto, entre outros "vícios". (RULE, 2001, p.82) Segundo o médico, alguns pacientes foram curados. Nota-se, ainda no século XXI, resquícios deste pensamento de que há sujeitos que escolhem se tornar homosexuais ou *transgenders*. Esta escolha tem, portanto, raiz na imoralidade e deve ser motivo de punição por representar uma ameaça aos bons costumes, à sociedade.

O psiquiatra se destaca não apenas como produtor de conhecimento naquela sociedade que lhe é contemporâneo, mas também como produto dela. Sendo assim, percebemos algumas afirmações cuja autenticidade já foi, pelo menos, questionada: "Com oportunidade para a satisfação natural do instinto sexual, cada expressão desse instinto que não corresponde ao propósito da natureza, – i.e., propagação, – deve ser considerado impróprio". (EBING, 1894, p.56)[71] A partir dessa conclusão, entende-se que aquelas relações das quais não se pode gerar filhos são inadequadas, sendo, portanto, o caso de Stephen e todas as relações amorosas estabelecidas pela personagem.

É considerável o peso da moral em *Psychopathia Sexualis* e, diferentemente de tê-la como uma construção assim como nos apresenta Nietzsche, para Krafft-

[71] O texto em língua estrangeira é: "With opportunity for the natural satisfaction of the sexual instinct, every expression of it that does not correspond with the purpose of nature, – i.e., propagation, – must be regarded as perverse."

Ebing, ela é algo estático, com códigos imutáveis, pré-estabelecidos, só não se sabe por quem, ou finge-se não saber.

Karl Heinrich Ulrichs, teórico alemão nascido em 1925 e reconhecido como pioneiro na teoria da homossexualidade, por sua vez, defendia a inversão como uma condição inata que deveria ter reconhecimento e respeito social. Ele próprio homossexual tentava provar que a inversão, como era conhecida na época, era uma orientação tão natural quanto à do sujeito canhoto, ou seja, apenas não era conhecido como maioria, mas era inato. (RULE, 2001, p.78)

É importante apontar que foi Ulrichs, precursor nas questões de gênero, quem tratou do assunto como uma questão *transgender*, e não homossexual. Em "Some Primitive Thing Conceived in a Turbulent Age of Transition", Prosser destaca ainda um aspecto relevante acerca da inversão do pesquisador, destacando que a inversão não está necessariamente atrelada a características fiéis ao gênero que se quer expressar, mas a maneira como o sujeito se sente e se percebe:

> Ulrichs descrevia sua própria inversão como um caso de "uma alma feminina em um corpo de homem": *"Sunt mihi barba maris, artus, corpusque virile/His inclusa quidem: sed sum maneoque puella"* [Eu tenho uma barba masculina, corpo e membros masculinos; estes, de fato, são uma armadilha; mas eu sou e permaneço mulher.] (PROSSER, 2001, p.133)[72]

Vale ressaltar que Radclyffe Hall selecionou referências importantes para mencionar em seu romance. Hall não seria leitora de Krafft-Ebing e Karl Heinrich Urichs apenas por interesses acadêmicos, mas também por uma necessidade de compreensão de sua própria condição. Embora tenhamos de considerar o período histórico em que eles estavam imersos, o valor científico e antropológico desses pensadores deve ser reconhecido e incorporado à contemporaneidade.

Em "The Outcast of One Age Is the Hero of Another: Radclyffe Hall, Edward Carpenter and the Intermediate Sex", Laura Doan refere-se ao sexologista Edward Carpenter e seu discurso sobre o que pode ser considerado normal segundo os padrões e expectativas sociais dos gêneros:

---

[72] O texto em língua estrangeira é: Ulrichs described his own male inversion as a case of " a womanly soul in a man´s body": "Sunt mihi barba maris, artus, corpusque virile/His inclusa quidem: sed sum maneoque puella." [I have a manly beard, limbs and masculine body; these indeed trap me; but I am and remain a woman.]

> Antigamente assumia-se por rotina que o tipo [o invertido ou "sexo intermediário"] era meramente resultado de doença ou degeneração; porém, agora com o exame de fatos reais, parece que, pelo contrário, muitos são espécimes saudáveis do seu sexo, corpos musculosos e bem desenvolvidos, de cérebro poderoso, conduta de alto padrão e sem qualquer tipo de anormalidade ou morbidez observável em suas estruturas ou constituições físicas. (DOAN, 2001, p.167)[73]

A patologização da condição de *transgenders* mistificada ao longo dos séculos ainda não foi definitivamente encerrada, uma vez que a medicina enquanto instituição é uma das responsáveis, ainda hoje, pela investigação dessa identidade. O poder – seja ele sobre diferentes áreas: do conhecimento, do regulamentar, do instituir ou até mesmo do punir – ainda se configura como determinista, arbitrário e castrador.

Vale ressaltar que os/as *inverts* nem sempre eram pessoas reclusas ou segregadas. Um exemplo claro que rompe com este estereótipo é o da própria autora do romance em questão. Radclyffe Hall mantinha uma vida social movimentada, cercada de indivíduos que também exerciam suas masculinidades de formas variadas.

Além disso, como um sujeito *avant-garde*, pelo menos no que diz respeito à sua expressão de gênero e sexualidade, Hall não limitava a compreensão dos outros ao que ela própria experienciava. Um fato que comprova isto é que, apesar de sua orientação sexual estar em conformidade com a sua expressão de gênero, ela já entendia a dissociação desses dois aspectos, disseminando que orientação sexual não era determinada pela forma como alguém age, mas por quem o indivíduo deseja.

Em contrapartida, o fato de Hall ser uma *invert* não a tornava um sujeito *queer* em outros aspectos de sua vida. É sabido, inclusive, que apesar de parecer contraditório, Radclyffe Hall era uma católica comprometida:

> Em geral, John era uma conservadora social que não ligava a afronta da intolerância sexual a outras formas de intolerância política. Ela não tinha, por exemplo, muito de uma feminista, e era consideravelmente antissemita, e na eclosão da II Grande Guerra, era complacente com a causa fascista. (HALBERSTAM, 1998, p.93)[74]

---

[73] O texto em língua estrangeira é: "Formerly it was assumed as a matter of course, that the type [the inverted or 'intermediate sex'] was merely a result of disease and degeneration; but now with the examination of the actual facts it appears that, on the contrary, many are fine, healthy specimens of their sex, muscular and well-developed in body, of powerful brain, high standard of conduct, and with nothing abnormal or morbid of any kind observable in their physical structure or constitution."

[74] O texto em língua estrangeira é: "In general, John was a social conservative who did not link the outrage of sexual intolerance to other forms of political intolerance. She was, for example, not much of

Ademais, Jane Rule sugere em seu artigo “Radclyffe Hall”, que “ela (a escritora) venerava as mesmas instituições que a oprimiam, a Igreja e o patriarcado, que ensinaram às mulheres que há apenas duas escolhas, inferioridade ou perversão”. (RULE, 2001, p.87)[75]

Em *The Well*, quando Puddle, governanta de Stephen, assegura a menina sobre a naturalidade de sua condição, ela responde a toda uma linha de pensamento que rejeita a personagem enquanto sujeito “inadequado”, “anormal”, rompendo com os encadeamentos que corroboram esses sentimentos de inferioridade e/ou perversão. De maneira elucidativa, Puddle é capaz de explicar a situação presente para Stephen, assim como acender uma luz em direção ao futuro, humanizando a protagonista. E embora deixe claro que ainda não há conhecimento sobre sua condição e, por isso, tampouco reconhecimento, a governanta não apenas a encaixa na espécie humana, mas também vislumbra a possibilidade de pertencimento:

> Você não é nem anormal, nem abominável, nem louca; você é tão parte do que as pessoas chamam de natureza quanto qualquer outro; simplesmente, você ainda não é explicável – você não conseguiu seu nicho na criação. Mas, um dia isso virá. (HALL, 1990, p.154)[76]

No entanto, o que se destaca em relação a todas essas perspectivas interpretativas sobre *The Well* é que o romance é também capaz de alcançar o sujeito real e transformá-lo como indivíduo mudando sua história. A literatura transcende o campo do imaginário e o romance se torna um representante da arte capaz de interferir na vida, conforme é ressaltado no artigo de Jane Rule “Radclyffe Hall”:

> Eu não queria nunca ser um menino, mas ficava indignada que sua altura e inteligência eram elegância nele e falta de jeito em mim. [...] Mas em *The Well of Loneliness*, logo descobri que eu era uma aberração, um monstro genético, um membro do terceiro sexo que finalmente me chamaria por um

---

a feminist, and quite anti-Semitic, and at the outbreak of World War II, she was all too sympathetic to the fascist cause.”

[75] O texto em língua estrangeira é: “She worshiped the very institutions which oppressed her, the Church and the patriarchy, which have taught women there are only two choices, inferiority or perversion.”

[76] O texto em língua estrangeira é: “You´re neither unnatural, nor abominable, nor mad; you´re as much a part of what people call nature as anyone else; only you´re unexplained as yet – you´ve not got your niche in creation. But some day that will come.”

> nome masculino (telefonistas já estavam se dirigindo a mim como “Sr.”), [...] Não me lembro como me deparei com o livro. Eu não era, naqueles dias, uma grande leitora. Mas lembro que o livro mudou radicalmente minha compreensão sobre minha infância e minha percepção sobre as mais importantes amizades na minha vida na época. (RULE, 2001, p.77-78)[77]

O que hoje conhecemos como *transgenderism* já foi cientificamente rotulado como demência, insanidade moral, paranoia, caráter degenerativo. Além disso, já foi dito também que tal condição seria um defeito congênito no desejo sexual, que tais sujeitos eram pervertidos, que havia anomalias na organização cerebral. Já se falava de um cérebro de mulher em um corpo de homem e vice-versa a fim de justificar a identidade que se expressava em discordância com o sexo biológico. (EBING, 1894, p.227)

No entanto, a reflexão que proponho não deseja estereotipar ou estabelecer parâmetros a respeito de qualquer formação cerebral ou comportamental dos gêneros. Ao contrário, a intenção é tornar o sujeito livre dessas amarras, dar-lhe o direito de exercer sua subjetividade da maneira que melhor lhe convier, conforme seus próprios desejos.

Ainda segundo Rule, como católica, Hall não esperava que seu destino, após a morte, seria o inferno, pois se havia um responsável pela sua criação, este era Deus, e Ele deveria reconhecer seus “iguais” diante do mundo como é registrado na última página de *The Well*: “Reconhêça-nos, oh Deus, diante do mundo inteiro. Nos dê também o direito à nossa existência” (HALL, 1990, p.437).[78]

2.4 **Corpos que ousam**

Não há harmonia entre o corpo biológico e o desejo de Stephen Gordon. Desejo este que vai além do sexual e passa principalmente pela vontade de

[77] O texto em língua estrangeira é: “I didn´t want to be a boy, ever, but I was outraged that his height and intelligence were graces for him and gaucheries for me. […] But in The Well of Loneliness, I suddenly discovered that I was a freak, a genetic monster, a member of a third sex, who would eventually call myself by a masculine name (telephone operators were already addressing me as ‘sir’) […]. I don´t remember how I came upon the book in the first place, I was not, in those days, a great reader. I do remember that it radically changed my understanding of my childhood and my perception of the more important friendships in my life of the time.”

[78] O texto em língua estrangeira é: “Acknowledge us, oh God, before the whole world. Give us also the right to our existence!”

expressar-se. Há, em vez disso, inúmeras prescrições sociais sobre como o/a *transgender* (já que sua existência é imperativa) deve se comportar, desejar, sentir. Com Stephen, não seria diferente, pois enquanto *transgender*, não se sente à vontade em um corpo que, de acordo com o que é esperado socialmente, não condiz com seus desejos.

Outra questão muito presente nas narrativas de *transgenders* é o sentimento de mutilação, de um corpo incompleto, defraudado, sensação esta que acompanha toda a vida da protagonista. A sensação do corpo mutilado é recorrente nessas histórias: "'[...] meu corpo mutilado e insuportável [...]'" (HALL, 1990, p.217)[79]

Observamos, portanto, que a relação mais comum entre o/a *transgender* e seu corpo é um processo de profunda desidentificação com o corpo nu:

> Naquela noite ela se olhou fixamente no espelho; […] uma coisa tão pobre e infeliz que seus olhos se encheram de lágrimas e seu ódio transformou-se em pena. Ela se afligiu, tocando seus seios com dedos piedosos, acariciando seus ombros, deixando suas mãos percorrerem suas coxas – Oh, corpo mais pobre e desolado! (HALL, 1990, p.186-187)[80]

A fim de corroborar essa desidentificação, vale apontar um trecho do romance publicado em 1993, *Stone Butch Blues,* de Leslie Feinberg, em que a personagem Jess diz que não se sentia como um homem preso em um corpo de mulher, mas que se sentia apenas preso. Tal referência nos leva a pensar que o binário está definitivamente fora de questão nesta proposição, pois a dialética não se estabelece com base no ser homem ou mulher, mas fundamentalmente no sentir-se à vontade em seu próprio corpo ou não, no ser o que eu desejo ou não ser.

É mister mencionar uma das mais importantes leituras feitas por Simone de Beauvoir a respeito do corpo. Ao se referir à reflexão da escritora, Toril Moi faz uma apreciação perspicaz a respeito do corpo: "Nós damos significado a nossas vidas pelas nossas ações. Apenas a morte põe um fim à criação de significado. [...] Meu corpo é uma situação [...]" (MOI, 1999, p.63)

---

[79] O texto em língua estrangeira é: "[…] my maimed and insufferable body […]"

[80] O texto em língua estrangeira é: "That night she stared at herself in the glass; […] yet withal so poor and unhappy a thing that her eyes filled with tears and her hate turned to pity. She began to grieve over it, touching her breasts with pitiful fingers, stroking her shoulders, letting her hands slip along her straight thighs – Oh, poor and most desolate body!"

Uma vez que meu corpo pode ser uma situação, a ele é conferido fluidez, permissão para transição; o movimento passa a ser a rotina. Ter um corpo biológico masculino ou feminino é um dado biológico, mas a maneira como o sujeito manejará este corpo e seus impulsos é o que determinará em qual situação ele deseja estar. Sendo este "estar" uma condição provisória, ainda que não seja compreendido de tal forma pelo próprio sujeito. Desta maneira, crer no fixo como possibilidade de identidade passa a ser apenas mais um modo de vislumbrar as diversas possibilidades da existência.

Considero que a fluidez do corpo como situação possa também ser exemplificada através de "Praça Mauá" de Clarice Lispector. O conto tem como protagonistas Carla, uma dançarina de cabaré, casada, mas que não tem filhos nem vida doméstica e Celsinho, um travesti e colega de trabalho. O diálogo entre as duas personagens retrata tanto a arbitrariedade dos rótulos impostos através do binário de gênero quanto a percepção individual que cada sujeito constrói a respeito de si, as imagens e as representações sobre seus desejos, seus "eus". Tais imagens só se tornam inadequadas à medida que se relacionam com as expectativas sócio-culturais como é percebido no conto:

> o Mas você não é mulher de verdade!
> o Eu? Como é que não sou? Espantou-se a moça que nesta noite estava vestida de preto, um vestido longo e de mangas compridas, parecia uma freira. Fazia isso de propósito, para excitar os homens que queriam mulher pura.
> o Você, vociferou Celsinho, não é mulher coisa alguma! Nem ao menos sabe estalar um ovo! E eu sei! Eu sei! Eu sei! (GALVÃO: 1998, p.240-241)

As funções assumidas tanto na esfera doméstica quanto social são marcadores deterministas de gênero. Há, inclusive, uma relação intercambial entre esses dois espaços. Tanto o gênero determina como o indivíduo deve se comportar, quanto o comportamento é capaz de apontar o gênero. São, portanto, tentativas intermináveis de emoldurar o sujeito com regras advindas de todas as direções.

John, como Hall gostava de ser chamada, escreveu para sua amada uma nota a respeito do papel a ser desempenhado por uma mulher: "Acho que é bom para uma mulher saber cozinhar ainda que ela não tenha necessidade de fazê-lo." É importante mencionar que ao se pronunciar de tal forma, Hall não estava se referindo a ela própria, mas a Souline. E acrescenta que "[...] à medida que escrevo isso, sinto que estou pensando como um homem vitoriano: 'o lugar de uma mulher é

no quarto das crianças e na cozinha.' Não – mas há algo de caseiro em pensar em você fritando presunto e ovos!" (HALBERSTAM, 2001, p.150)[81]

Que sentimento é esse que produz a ilusão de ser mulher ou homem de verdade? E que verdade é essa?

> O que é a verdade, portanto? Um batalhão móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, enfim, uma soma de relações humanas, que foram enfatizadas poética e retoricamente, transpostas, enfeitadas, e que, após longo uso, parecem a um povo sólidas, canônicas e obrigatórias: as verdades são ilusões, das quais se esqueceu que o são, metáforas que se tornaram gastas e sem força sensível, moedas que perderam sua efígie e agora só entram em consideração como metal, não mais como moedas.
> Continuamos ainda sem saber de onde provém o impulso à verdade: pois até agora só ouvimos falar da obrigação que a sociedade, para existir, estabelece: de dizer a verdade, isto é, de usar as metáforas usuais, portanto, expresso moralmente: da obrigação de mentir segundo uma convenção sólida, mentir em rebanho, em um estilo obrigatório para todos. Ora, o homem esquece sem dúvida que é assim que se passa com ele: mente, pois, da maneira designada inconscientemente e segundo hábitos seculares – e justamente por essa inconsciência, justamente por esse esquecimento, chega ao sentimento de verdade. (NIETZSCHE, 1978, p.57)

Uma vez que o corpo e a biologia atrelada a ele não são fatores determinantes para a expressão de gênero do sujeito, pode-se prontamente desestabilizar algumas verdades à medida que se dissocia os corpos do homem da masculinidade e da mulher da feminilidade. Esses conceitos estão embaralhados em relações estabelecidas com o social, com o cultural, com o outro, com o eu, relações constantemente fluidas. A masculinidade como propriedade exclusiva do corpo do homem pode ser desconstruída. Verdades como estas são convenções solidificadas ao longo de muito tempo. Foram conceitos construídos, adornados e reproduzidos através de tempos e culturas diferentes, sendo assim, solidificados.

Sendo, contudo, a oposição a estas solidificações nossa reflexão central, vale ressaltar que o gênero pode se expor como um lugar de negociação do corpo, da identidade, da vontade por outras possibilidades de identificação, por camadas da subjetividade ainda não desveladas. O desejo enquanto anseio por aspectos não normativos da vida e o desejo em si enquanto aquilo que move a subjetividade são movimentadores do corpo, propulsores da fluidez.

---

[81] O texto em língua estrangeira é: "I think it is a good thing for a woman to be able to cook, even if she has no need to do so. […] As I write this, I feel that I am thinking like an early Victorian man: 'A woman´s place is in the nursery and kitchen'. No – but there´s something homey about the thought of you frying ham & eggs."

Sabe-se também que durante a era vitoriana, o prazer era privilégio dos homens e de mulheres “desclassificadas”. Neste grupo estavam também incluídas as mulheres de baixa classe econômica e social, as que tinham participação na esfera social, bem como as negras. A ideologia sexual recorrente naquele período disseminava a ideia de que as mulheres “de classe” eram seres assexuados, meros objetos do desejo masculino. Mais tarde, as mulheres que desejassem romper com os preceitos da era vitoriana e tornarem-se adultas do século XX teriam de exercer a sexualidade como símbolo de autonomia; entre elas estaria Radclyffe Hall.

Uma das possibilidades de exercício do desejo que é comum tanto a Hall quanto a Stephen é o que se conhece por s*tone butchness* (expressão comum a partir dos anos 1950), quando o toque não é recíproco, quando é ela, a *butch*, quem dá carinho, mas não aceita receber. Em uma de suas cartas à Souline, John escreve: “Dou porque eu amo, por favor, aceite porque você ama.” (HALBERSTAM, 1998, p. 105)[82] Trata-se aqui do desejo pelo desejo do outro. Assim como o caso de Anne Lister, britânica conhecida por seu diário codificado que deu origem ao filme *The Secret Diaries of Miss Anne Lister,* Hall poderia ser considerada o que se conhece por *stone butch*. Lister argumentava que não permitia o toque por achar que isso poderia torná-la muito “mulher”.

> O que é notável sobre a representação de Hall de s*tone butchness* em 1928 é que tende a ser interpretado por críticos contemporâneos como um sinal de ódio pessoal e vergonha; se lermos junto aos diários de Anne Lister, no entanto, podemos ver como um significante de virilidade. (HALBERSTAM,1998, p.102)[83]

Além disso, a vergonha instituída como máquina punitiva exerce sua função castigando e minorando a relevância do exercício do desejo, sendo este interpretado como uma ruptura com as conexões espirituais. (MUNT, 2001, p.201)

O desejo e a vergonha estão intimamente ligados, segundo os paradigmas estabelecidos e impostos pela sociedade. Quando tratamos do desejo por um sujeito do mesmo sexo, ou ainda, se o sujeito que deseja não corresponder às expectativas sociais quanto ao sexo e/ou expressão de gênero, seu desejo passa a ser, automaticamente, ilegítimo; por isso, ele deve se envergonhar diante da comunidade

[82] O texto em língua estrangeira é: “I give because I love, please accept because you love.”
[83] O texto em língua estrangeira é: “What is noticeable about Hall´s representation of Stone butchness in 1928 is that it tends to be read as a sign of self-hatred and shame by contemporary critics; If we read it alongside Anne Lister´s diary, however, we can see it as a signifier of virility.”

como uma prova do reconhecimento de que o que sente não é permitido, natural, legalizado e/ou normal. O desejo *queer* tem sido constantemente policiado pelo espectador normativo.

A fluidez implícita no que se conhece como *queerness* incomoda o olhar julgador do indivíduo normativo. O indefinido perturba a ordem das coisas. O sujeito *queer* ousa, por motivações variadas, seguir outros rumos que não aqueles que foram traçados para o rebanho. O não pertencer a um lado ou outro do binário é estar em qualquer ou nenhum lugar e essa liberdade é inoportuna para a manutenção da ordem social. Ademais, o ser trans e seus consequentes movimentos causam desconforto porque, diferentemente da orientação sexual, a expressão de gênero, em geral, não pode ser reclusa: ela é visualmente exposta e causa ansiedade.

Sendo assim, encerram as fronteiras do corpo nele mesmo ou elas tomam proporções que perdemos de vista, de controle? E este controle é justamente o tão desejado pelo espectador padrão, pelas instituições normativas. É a perda dele que desespera. Quando ele se esvai, o medo invade – é o medo do desconhecido.

Sobre a perda de controle e as oportunidades criadas a partir deste ponto de conflito, Halberstam aponta que

> Nem todas as transexualidades, obviamente, desafiam (ou querem desafiar) a masculinidade hegemônica, e nem todas as masculinidades *butch* subvertem. Não obstante, transexualidade e *transgenderism*, na verdade, oferecem oportunidades únicas para traçar performances explícitas de masculinidade não dominante. (HALBERSTAM, 1998, p. 40)[84]

No caso de Stephen, a personagem realmente não objetiva desafiar qualquer hegemonia, muito menos representar alguma ameaça. Contudo, certas consequências são alheias às suas vontades e estão atrelados àquilo que o sujeito representa para o outro, e não para si próprio.

Quando o espectador não é capaz de interpretar o indivíduo segundo as convenções pré determinadas, este se torna alvo de austeridade, julgamentos e punições. Quando Halberstam pontua uma regra referente ao gênero – “O sujeito

[84] O texto em língua estrangeira é: “Not all transsexualities, obvioulsy, present a challenge (or want to) to hegemonic masculinity, and not all butch masculinities produce subversion. However, transsexuality and transgenderism do afford unique opportunities to track explicit performances of nondominant masculinity.”

deve ser legível em um rápido olhar" (HALBERSTAM, 1998, p.23)[85], ele nos faz refletir sobre a necessidade de um imediatismo de identificação. Se o sujeito deseja estar a salvo, não deve deixar dúvidas visuais a respeito de sua identidade de gênero; caso contrário, estará em perigo constante, posto à margem do cerne social cuja função acolhedora, embora ilusória, seja ainda tão representativa no imaginário individual.

Ainda que seja uma ilusão, o poder que o "centralizar" ocupa no imaginário é sempre representativo de proteção. Daí, a ideia do lar individual que se transfere para o abrigo social. A necessidade de ambos é quase senso comum, e ainda que sejam "marginais", os/as *transgenders*, em geral, não fogem à regra do anseio pelo pertencimento.

Pode-se estabelecer uma ponte com a proposição feita por Gloria Anzaldúa acerca da representação do lar, não apenas como espaço físico, mas principalmente como o lugar de abrigo emocional*:* "Como uma refugiada, ela deixa o terreno familiar e seguro para se aventurar em um terreno desconhecido e possivelmente perigoso. Este é o seu lar / esta borda fina / de arame farpado." (ANZALDÚA, 1999, p.35)[86] Aqui, o abrigo emocional é trocado por um lugar que representa não apenas desproteção, mas risco constante, tornando aquele lar, um sítio mítico, um espaço fantasioso, um sonho nostálgico de comunidade, como pontua Anzaldúa.

Em "No Place Like Home", Prosser sugere que enquanto *queers* podem celebrar o entrelugar, o transexual se apressa em encontrar um espaço além, "a promessa de um lar do outro lado" (PROSSER, 1995, p.498). Desta forma, de acordo com os conceitos refletidos a partir da perspectiva de Prosser, o lar é o espaço onde o sujeito se adapta no conforto do gênero autêntico, ainda que este seja fluido, é o que apraz momentaneamente. Este espaço além talvez esteja situado onde não há mais demarcações de gênero, onde o desejo de expressar-se, seja de que forma for, talvez não tenha qualquer rótulo e, por isso, não implique atribuições demarcadas tanto de comportamento quanto de desejo.

A metáfora do retorno ao lar é recorrente entre aqueles que são postos à margem da sociedade. No caso desse lar ser um espaço físico torna-se símbolo de abrigo igualmente físico, além de todos os outros tipos de proteção que tal

[85] O texto em língua estrangeira é: "one must be readable at a glance."
[86] O texto em língua estrangeira é: "As a refugee, she leaves the familiar and safe home ground to venture into the unknown and possibly dangerous terrain. This is her home/ this thin edge/ of barbwire".

representação pode trazer. Essa volta para casa metafórica pode, além disso, simbolizar um retorno ao corpo que faz com que este sujeito marginalizado sinta-se em casa. E também que o remeta ao conforto da harmonização entre desejo, biologia e aceitação a fim de promover a centralização social do sujeito.

Em seu outro artigo "'Some Primitive Thing Conceived in a Turbulent Age of Transition': The Transsexual Emerging from *The Well"*, Prosser ainda nos lembra da origem da palavra "nostalgia", um sentimento muito comum entre *transgenders*: "um sofrimento pelo lar (*nostos* + *algos*), um desejo pelo lar do gênero no corpo sexuado". (PROSSER, 2001, p.134)[87].

Em seguida, faz uma referência a Freud quanto à temática do *unheimlich*, afirmando que o corpo sexuado feminino é estranho para Stephen. Certamente, ao se referir a um corpo feminino, Prosser trata apenas da questão do sexo de nascimento, pois o corpo habitado por Stephen é estruturalmente masculino, tanto quanto sua identidade de gênero.

Ao fazer referência a Freud, eu não poderia deixar de ressaltar a importância do termo *un/heimlich* e a possibilidade de comentá-lo na temática aqui tratada. Freud faz uma referência a Schelling e à sua definição sobre *unheimlich*, quando diz que "*unheimlich* é tudo o que deveria ter permanecido secreto e oculto, mas veio à luz". (FREUD, 2000, p.156)[88] Por fim, como é recorrente em Freud, há um refletir de idas e vindas, ponderante e acima de tudo, sempre duvidoso de suas próprias sugestões, como ele mesmo nomeia e, por isso, sempre aberto para novas trajetórias:

> Dessa forma, *heimlich* é uma palavra cujo significado se desenvolve na direção da ambivalência, até que finalmente coincide com seu oposto, *unheimlich. Unheimlich* é, de um modo ou de outro, uma subespécie de *heimlich*. Tenhamos em mente essa descoberta, embora não possamos ainda compreendê-la corretamente, lado a lado com a definição de Schelling do *Unheimlich*. Se continuarmos a examinar exemplos individuais de estranheza, essas sugestões tornar-se-ão inteligíveis a nós. (FREUD, 2000, p.157)[89]

[87] O texto em língua estrangeira é: "a pain for home (nostos + algos), a longing for the home of gender in the sexed body."
[88] O texto em língua estrangeira é: "everything is *unheimlich* that ought to have remained secret and hidden but has come to light."
[89] O texto em língua estrangeira é: "Thus *heimlich* is a word the meaning of which develops in the direction of ambivalence, until it finally coincides with its opposite, *unheimlich. Unheimlich* is in some way or other a sub-species of *heimlich.* Let us bear this discovery in mind, though we cannot yet rightly understand it, alongside of Schelling´s definition of the *Unheimlich*. If we go on to examine individual instances of uncanniness, these hints will become intelligible to us.

Tais colocações nos atém à estranheza tão familiar causada pelo sujeito *transgender* através da forma que ele/a se apresenta conceitualmente. O masculino e o feminino são moldes muito familiares para nós. Reproduzidos, avalizados, internalizados por todos, mas que ao se apresentar em um mesmo sujeito é capaz de causar horror, medo, repulsa, como se aquilo que nos é apresentado fosse algo de novo, mas não o é. O espectador teme a ousadia de congregar dois aspectos muito familiares, homem e mulher, masculino e feminino, *animus* e *anima*, que, quando declaradamente juntos representam ameaça. O sujeito pode ser uma ameaça enquanto corpo, enquanto desejos, enquanto *transgender*.

2.5 **Masculinidades**

Apesar de todo esforço para a manutenção do elo masculinidade – homem biológico, é preciso desatrelar tanto a masculinidade do corpo biológico masculino quanto a masculinidade na mulher do lesbianismo, pois esses não são axiomas. O sujeito enquanto homem biológico pode não exercer sua masculinidade como é esperado socialmente, assim como a masculinidade na mulher biológica não precisa estar ligada ao seu desejo.

O gênero pode ser apresentado como um processo histórico fluido, como uma forma de ter acesso ao poder ou de exercer determinados papéis na sociedade e, principalmente, de manifestações da subjetividade. Enfim, o gênero e suas representações podem ter objetivos bastante diversos. E o que deve, portanto, ser acentuado é que mulheres têm verdadeiramente colaborado para a construção e redefinição do termo masculinidade ao longo da história da humanidade.

Mulheres masculinas nem sempre se equiparam ao termo “lésbica”. Entre outros exemplos, há as mulheres rurais que podem ser consideradas masculinas se levarmos em conta os parâmetros urbanos. Tal situação ilustra o que aqui nos interessa investigar: o exercício da subjetividade masculina nas mulheres biológicas e as relações dialéticas por elas estabelecidas. Aqui, as reflexões são frequentemente atravessadas por um olhar *queer* que não pretende uniformizar qualquer possibilidade de subjetividade, contrariando a regra na cultura hetero patriarcal dominante.

Reforçando a ideia de que os rótulos são convenções restritas temporal e culturalmente, Halberstam tenta explicar a inadequação de conceitos a respeito de Hall e de seus contemporâneos, uma vez que não se sabe que sujeitos seriam construídos caso tivessem acesso ao que o século XXI oferece em termos de hormônios e cirurgia:

> É inadequado chamar tais mulheres de lésbicas, e na verdade, fazer isto é ignorar a especificidade de suas vidas. É também inadequado simplesmente rotulá-las de pré-transexuais; o que elas eram, na verdade, eram mulheres que queriam ser homens antes da possibilidade da mudança de sexo existir. (HALBERSTAM, 1998, p.87)[90]

As diferentes conotações que a masculinidade na mulher assumiu ao longo dos séculos apenas corroboram o fator cultural da expressão de gênero. Houve tempos em que o *passing* era interpretado como uma tentativa de usurpar o poder masculino e outros em que era visto como subterfúgio para o exercício daquele tipo de orientação. É importante salientar que, para Hall, havia uma grande diferença entre o que conhecemos por *cross-dressing* e o *passing*. Enquanto o primeiro consistia em usar vestimentas que deixassem clara a sua identidade de gênero, o outro poderia ser traduzido como "se fazer passar por", o que para a escritora, se equipararia ao fingimento.

O *passing*, contudo, pode ser muito mais confortável por conceder a possibilidade de não apresentar dúvidas, por não ser fonte de ambiguidades ou questionamentos. Pois, talvez se fazer passar por homem possa ser menos doloroso do que ser uma mulher masculina. O *passing*, portanto, permite que o indivíduo se encaixe em um dos lados do binário e, de maneira menos incômoda tanto para ele/ela quanto para a sociedade, seja acolhido e encontre pertencimento.

Há ainda outras possibilidades de leituras a respeito da mulher masculina como aponta Halberstam,

> [...] a conexão entre prostituta e mulher masculina parece muito comum no século XIX, e podemos interpretar esta conexão sinônima como uma função da tendência do século XIX a categorizar mulheres em relação à sua *marriageability*. Ambas a prostituta e a mulher masculina e possivelmente

[90] O texto em língua estrangeira é: "It is inadequate to call such women lesbian, and in fact to do so is to ignore the specificity of their lives. It is, of course, also inadequate simply to label them pretranssexual; what they were, in fact, were women who wanted to be men before the possibility of sex change existed."

> predadora exibem desejos extramaritais e têm tendências sexuais agressivas. (HALBERSTAM, 1998, p.51)[91]

Analisando por este prisma, percebe-se que a mulher masculina tem sido retratada como uma representação de ameaça à ordem, capaz de desestabilizar a normatividade tanto de ordem biológica quanto social.

Indago, contudo, por que a masculinidade tem se mantido atrelada ao corpo do homem biológico, uma vez que grandes avanços acerca das questões de sexualidade e gênero têm sido conquistados. O que se constata ao longo da história da humanidade é que mulheres masculinas tal como Stephen (ainda que como uma representação em um romance) e, principalmente como Hall, têm delineado e construído grande parte da história, o que confirma o sucesso do par "masculinidade – mulher biológica".

Em "The Well of Loneliness as War Novel", Susan Kingsley Kent se posiciona a respeito da masculinidade de Stephen:

> Embora, às vezes, Hall apresente Stephen como membro de um terceiro sexo ou de um sexo intermediário, a caracterização textual de Hall sobre Stephen a estabelece como uma figura quase exclusivamente masculina em pensamento, em aparência e em atitudes. Não há nada de feminino nela. (KENT, 2001, p.216-217)[92]

Como é convencionado socialmente há estereótipos sobre aquilo que é visualmente exposto a respeito da expressão de gênero, ou seja, do que percebemos e rotulamos como homem ou mulher. No entanto, me pergunto se, em pleno século XXI, podemos afirmar com a mesma veemência sobre uma abstração como é a de um pensamento de homem e outro de mulher. Que construções mentais seriam essas capazes de emoldurar e estabelecer parâmetros inatos acerca dessas identidades? Não posso negar que há uma espécie de manual de pensamento e atitudes. Mas acredito que ainda não há convencimento sobre tal situação como natural, mas sim como sóciocultural. O que posso crer é que os

---

[91] O texto em língua estrangeira é: "[…] the connection between prostitute and masculine woman seems quite common in the nineteenth century, and we might read this synonymous connection as a function of the nineteenth-century tendency to categorize women in relation to marriageability. The prostitute and the masculine and possibly predatory woman both exhibit extramarital desires and have aggressive sexual tendencies."

[92] O texto em língua estrangeira é: "Although at times Hall presents Stephen as a member of a third, or intermediate sex, Hall´s textual characterization of Stephen establishes her as an almost exclusively masculine figure in thought, in appearance, and in deed. There is nothing feminine about her."

desejos vigoram no indivíduo; somente depois, eles são categorizados para que o conforto e a paz social sejam reestabelecidos. Pensar como mulher ou como homem são apenas rótulos para a abstração do pensar. São regras externas que anseiam se impor àquilo que não tem sequer rédeas internas. O pensamento enquanto liberdade de divagações do sujeito não se permite doutrinar, uma vez que é um dos raros espaços onde a vigilância e a punição ainda não alcançaram, talvez.

A partir de um evento ocorrido em abril de 1994, uma antologia que trata de desafios à normatividade do gênero foi organizada: *Constructing Masculinity*. Nela, os editores Maurice Berger, Brian Wallis e Simon Watson insistem que "a masculinidade é múltipla e que 'longe de ser sobre homens, a ideia de masculinidade engaja, direciona, e dá forma a todos'". (HALBERSTAM, 1998, p.14)[93] "Longe de ser sobre homens" é um lugar libertador. É um espaço *queer* que não se permite atrelar à biologia ou a qualquer determinismo de gênero. Além disso, ao afirmar que a ideia de masculinidade dá forma a todos, os edotores certamente não intencionaram afirmar que a masculinidade é uma diretriz, mas que é usada como parâmetro de construção e, principalmente, de desconstrução de conceitos e comportamentos.

Em "A Writer of Misfit", contudo, Halberstam aponta para construções de masculinidades que reproduzem o sistema opressor. Logo, o discurso que poderia se projetar como construções e possibilidades libertadoras cede espaço à fala que reproduz o empoderamento opressor:

> À medida que a masculinidade é atrelada a poder, violência e opressão em nossa sociedade, encontraremos algumas mulheres masculinas cuja expressão de gênero torna-se parcialmente ligada aos piores aspectos de uma masculinidade culturalmente representados. (HALBERSTAM, 2001, p.159)[94]

Tendo em vista que mulheres têm exercido sua masculinidade de maneiras diversas, chego então a um ponto fundamental da análise: uma mulher pode exercer sua masculinidade de forma plural. Partindo do preceito que masculinidade é um construto sociocultural, percebo versões variadas não apenas para a conceituação,

[93] O texto em língua estrangeira é: "[...] masculinity is multiple and that 'far from Just being about men, the Idea of masculinity engages, inflects and shapes everyone'".
[94] O texto em língua estrangeira é: "As long as masculinity is annexed in our society to power and violence and oppression, we will find some masculine women whose gender expression becomes partially wedded to the worst aspects of a culturally mandated masculinity."

mas principalmente para o seu exercício. Qualquer que seja a versão de masculinidade exercida é importante salientar que, em geral, a mulher masculina não se apresenta de tal forma com o objetivo de exercer o tão desejado privilégio de ser homem. Esse exercício de masculinidade tampouco busca representar um poder legitimado pelo patriarcado. Esta mulher masculina busca o seu direito de expressar-se em conformidade com seu desejo, independente de sua orientação sexual. É notório que uma mulher biológica pode ser homossexual e se expressar de forma feminina. O contrário também é possível e comum: uma mulher biológica heterossexual que se expressa de maneira masculina. Portanto, o que objetivo, nesta análise, é dissociar masculinidade do corpo do homem biológico, e acima de tudo, pluralizá-la.

Como problematiza Gayle Rubin, "formas de masculinidade são moldadas pelas experiências e expectativas de classe, raça, etnia, religião, ocupação, idade, subcultura e personalidade individual". (RUBIN, 2011, p. 245)[95]. São, portanto, padrões e referências que correlacionam perspectivas que certamente não coincidem. Tal constatação só nos leva a corroborar a pluralidade da masculinidade no sujeito, seja este homem, mulher ou *transgender*. Não há apenas uma forma de ser, de ser *transgender*. Além disso, há lugar para o plural, para a manifestação da diversidade humana pela via do conhecimento.

Em nossa cultura, não podemos negar que há consequências sociais e políticas para todos que expressam o gênero em desacordo com a biologia. Como vivemos em uma sociedade predominantemente patriarcal e falocêntrica, o nascer homem representa o direito inato a certos privilégios. Nesta sociedade, é compreensível que uma mulher queira "apreender" o masculino, adquirir poder, exercê-lo, pois este contexto irremediavelmente nos remete à noção de privilégio. É a lembrança do ausente, o falo que "falta" no corpo biológico feminino.

Quando Teresa de Lauretis aborda a questão do sistema falocêntrico em seu artigo "Perverse Desire: The Lure of the Mannish Lesbian", faz uso de abordagens tanto freudianas quanto lacanianas. Sobre a fantasia da castração, a escritora argumenta que a exclusão sofrida pelas mulheres não se refere à sexualidade, mas ao campo do desejo. Isso porque a mulher não tem a representação física significativa do desejo – o falo. Ainda segundo De Lauretis, por causa dessa

[95] O texto em língua estrangeira é: "[...] forms of masculinity are molded by experiences and expectations of class, race, ethnicity, religion, occupation, age, subculture, and individual personality".

ausência, ela não tem nada a perder; na ausência de capital fálico para investir ou especular, como os homens, as mulheres não podem ser investidoras neste mercado do desejo; em vez disso, são *commodities* que circulam. (LAURETIS, 2001, p.115-116)

Apesar disso, na contemporaneidade, a masculinidade pode representar não apenas um privilégio, mas também um fardo, principalmente para homens biológicos. Uma vez que o sujeito habita um corpo biológico ao qual são conferidos poderes socialmente legitimados que avalizam uma diversidade de atitudes, deste mesmo corpo também é cobrado um preço por tais vantagens.

A medida que a dupla (masculinidade/ homem) é dissociada, novas formas de masculinidade podem emergir, novas perspectivas, novas maneiras de exercê-la, pluralizando-a. Afinal, há uma franca arbitrariedade na construção do binarismo de gênero e, sendo um construto social, pode-se desconstruí-lo.

Não resta dúvida quanto à legitimidade da masculinidade fora do corpo biológico masculino e um exemplo claro é a romancista em questão. Hall era ela própria uma produtora de modelos plurais de masculinidades. De forma alguma, posso ignorá-la como personagem, além de produtora deles, principalmente quando Halberstam afirma que "a mais elaborada de todas as representações de masculinidade da mulher no início do século XX, claro, veio de John Radclyffe Hall". (HALBERSTAM, 1998, p.83)[96]

Joanne Glascow produziu um volume composto por cartas de amor escritas por Hall para Evguenia Souline. O volume intitulado *Your John* é um retrato da vida da escritora. Sobre as cartas, Halberstam ressalta que devem ser lidas como expressões de uma masculinidade complexa da mulher; uma masculinidade que não pretende copiar qualquer versão do homem, mas que busca esculpir sua própria expressão de gênero. É importante levar em consideração a época em que tais análises foram feitas e, primordialmente, seu valor precursor.

Apesar de tentativas árduas de singularizar até o que é essencialmente plural, não havia, como não há a possibilidade de estratificar o que compreendo por "masculinidade" em um único modelo. Em Hall, a necessidade de exercer sua masculinidade não a fazia tentar se passar por homem. Ela vestia-se de forma masculina, mas não hesitava em aparecer eventualmente de saias, destemida de

[96] O texto em língua estrangeira é: "The most elaborate of all the depictions of early-twentieth-century female masculinity, of course, came from John Radclyffe Hall."

qualquer possibilidade de atenuação. Pois a masculinidade exercida por Hall não tinha origens em qualquer regra imposta por corpos biologicamente masculinos. A maneira que exercia sua masculinidade era resultado de seus desejos e de sua interação com o contexto social com o qual dialogava. Sua interpretação de uma mulher masculina era, principalmente, uma invenção íntima e intransferível.

A respeito do exercício diversificado da masculinidade podemos também nos remeter às várias mulheres masculinas que conviviam com Hall. Em grande parte artistas, muitas viviam sob um nome masculino, outras passavam por homens. Havia também as que alternavam o exercício social entre o ser homem e o ser mulher, algumas serviam nas Forças Armadas, outras viviam com mulheres femininas, muitas com outras mulheres também masculinas. Em sua maioria, eram mulheres com uma situação financeira favorecida, fosse por herança ou porque pertenciam à aristocracia.

Tais diferenças apenas reforçam a pluralidade no exercício da masculinidade. Enquanto algumas dessas mulheres a exercem se passando por homem sem serem notadas, outras não escondem sua condição biológica ao mesmo tempo em que não se apropriam dela, justamente por não terem o sentimento de propriedade sobre essa forma de ser mulher.

É importante lembrar que como os papéis que o indivíduo representa bem como seus desejos não estão engessados, a fluidez se apresenta com veemência, pois a identidade é construída mediante uma relação dialética com o que o mundo apresenta e a forma que o sujeito recebe e dialoga com tais representações.

Fica claro, portanto, que a noção de masculinidade é mais uma construção social. No que tange à questão dos estereótipos de gênero, pode-se afirmar que a biologia é incapaz de corresponder às diferentes configurações de subjetividades, pois elas são individuais, idiossincráticas e, acima de tudo, plurais e fluidas.

Foram construídas muralhas enormes que separam o que é ser homem do que é ser mulher, e com isso, diversas implicações na vida do sujeito. Essas representações, contudo, não passam de convenções arbitrárias sob a pele da natureza. O perigo e a dor da opressão estão aí, no sentir-se anormal, impróprio.

2.6 **O império dos determinismos e a abjeção do ser trans**

A biologia é, por excelência, um discurso determinante do comportamento e da hierarquia social e sexual. Por esta razão, a fronteira que ela impõe entre os sexos – homem e mulher – também gera, por consequência, noções errôneas de anormalidade. Reforçando o coro da biologia como discurso regulador, há também a estrutura cristã enfatizando um sistema conceitual construído com base em dualidades. Além disso, na tentativa de coibir qualquer eventual conciliação entre os dois lados do binário, há um reforço na ideia de que eles são opostos e irreconciliáveis.

O império do determinismo biológico e a construção arbitrária dos gêneros em um binário confina o sujeito em um espaço incapaz de dar conta de suas possibilidades, sejam estas de naturezas das mais diversas: física, mental, intelectual, sexual. O sujeito encarcerado em um lugar que não é o dele deixa de exercer suas inúmeras funções, passando, portanto, a ter um único e principal objetivo, que é o de ser liberto.

Embora a noção de anatomia como destino esteja sendo desconstruída na contemporaneidade, ainda há muito que se erigir no lugar dessa “desconstrução”, porquanto estes muros são bem sedimentados, altos, de onde é difícil vislumbrar possibilidades que libertem para além do binarismo de gênero.

Sabe-se que o espaço público é gerenciado com bases nesse binário (masculino/feminino; homem/mulher; macho/fêmea) e que todo aquele que não pode ser emoldurado por um desses dois conceitos estará, irremediavelmente, lançado ao nada, à coisificação. Por outro lado, este terceiro espaço que estamos chamando de *transgenderism* é capaz de desestabilizar toda a estrutura que parecia natural, questionando o processo duvidoso em que a sociedade está baseada. O híbrido é evitado, pois caso se apresente, deve ser marginalizado, tratado ou punido, mas nunca acolhido.

Vale ressaltar que há um sistema de mentiras quase tangível que envolve todas essas imposições baseadas em valores falsos e arbitrários. É a *mendacity* colocada de maneira imperativa na vida do indivíduo. São conceitos que concatenam uma farsa assumida pelo social, aparentemente em seu benefício, o

que enfatiza como o fantasma da estabilidade com seus aspectos limitadores aprisiona e ameaça a subjetividade fluida.

Ser aprisionado em conceitos fechados rigorosamente é, em geral, uma escolha que pode assumir diferentes disfarces. Pode ser apresentada como uma imposição social, ou mais comumente, como um comportamento naturalmente humano. Ainda que seja uma escolha, é ao mesmo tempo uma prisão perigosa, pois estar atrelado a convicções e/ou códigos morais pode também representar uma maneira de velar a "realidade" como é apresentada. Esta ótica unidimensional transforma o moralista em um fanático incapaz de fazer concessões. A esse respeito, declara Nietzsche: "Um grande moralista é, entre outras coisas, também necessariamente um grande ator: seu perigo é que, inadvertidamente, seu disfarce se torne natureza". (NIETZSCHE, 2007, p.109) As pessoas não nascem preconceituosas ou intolerantes, elas aprendem a ser desta forma. Da mesma maneira, não nascem com regras morais internalizadas ou prontas para julgar e punir o diferente, mas são treinadas desde cedo e ao longo da vida para apontar e marginalizar o outro. O olhar da alteridade exige treinamento, ao passo que o inverso requer conhecimento.

Quanto ao sexo e/ou gênero, o sujeito pode se apresentar de maneiras fluidas e mutáveis. Contudo, tanto o determinismo biológico e seu consequente sistema binário quanto a moral instituída exercem pressões severas no indivíduo que anseia por pertencimento. E foi em nome dessa moral que *The Well of Loneliness* foi julgado por Sir Chartres Biron:

> Sendo este o teor deste livro, não tenho qualquer hesitação em dizer que isto é uma difamação obscena, que tenderia a corromper aqueles em cujas mãos caísse, e que a publicação deste livro é uma ofensa contra a decência pública, uma difamação obscena, e devo ordenar que seja destruído. (BIRON, 2001, p.49)[97]

É importante lembrar que, como já foi mencionado no capítulo teórico, ao aplicar o termo *"transgender*", refiro-me a todos os indivíduos que são audazes a ponto de expressar um gênero que não está em concordância social com o seu sexo

[97] O texto em língua estrangeira é: "This being the tenor of this book, I have no hesitation whatever in saying that it is an obscene libel, that it would tend to corrupt those into whose hands it should fall, and that the publication of this book is an offence against public decency, an obscene libel, and I shall order it to be destroyed."

biológico. São aqueles que ousam desafiar as fronteiras estabelecidas a respeito da expressão de gênero estereotipada.

Há diversos padrões pré-estabelecidos a respeito de qualquer atitude, pensamento ou sentimento a que nos concede o direito. Sobre o gênero, não seria diferente. Há modelos a serem seguidos e categorizações bastante justas, não no sentido de justiça, mas de apertadas, sobre o ser *transgender*.

Entre outros exemplos, termos tal como *female husband*[98] dão conta de um conjunto simbólico de práticas que implica uma série de papéis e funções a ser desempenhada. Para ilustrar uma relação em que exista o papel do *female husband*, podemos nos referir a Stephen e Angela, sendo esta a mulher cuja relação com o marido é desgastada e aquela, quem exerce o papel masculino. Nesse exemplo, no entanto, este papel é desempenhado de forma branda se comparado a outros casos em que o *passing* é tão convincente que a mulher masculina é socialmente vista como homem e consegue, inclusive, oficializar a relação com a mulher biológica.

Até o século XVIII, mulheres se faziam passar por homens por razões diversas: econômicas, sociais ou sexuais. Elas eram, em sua maioria, pertencentes à classe trabalhadora. Mais tarde, no final do século XVIII, o que podemos chamar de *cross-dressing* parcial tornou-se comum entre as mulheres da burguesia, o que era vinculado a um feminismo explícito e, apenas a partir do último ano do mesmo século, tal situação passou a ser associada ao que era chamado de inversão sexual pela classe médica. Isto posto, com um olhar investigativo, Esther Newton questiona se foram os médicos que inventaram ou apenas descreveram esta classe de lésbicas masculinizadas, e ainda, o que esta figura mítica representa e para quem. (NEWTON, 2001, p.90)

Tendo em vista a arbitrariedade desses conceitos, concluo que não passam de invenções. Pois foram criados pelo homem sob os poderes representativos da biologia, do cristianismo, da natureza. Desde as funções exercidas por homens e mulheres distintamente até as representações imbricadas nessas arbitrariedades.

A questão de para quem essas representações seriam importantes me remete imediatamente às instituições e suas necessidades de molduras impostas ao sujeito a fim de controlar as variedades comportamentais. O gênero e a sexualidade não estariam fora dessa enorme lista. Por que seria importante demarcar a forma de

[98] Mulher masculina que faz companhia a outra mulher casada, emocionalmente abandonada pelo cônjuge.

ser um/uma *invert* ou um/uma *transgender*? Só haveria essas formas delimitadas pela classe médica? E aquele que não correspondesse à imagem estipulada seria o quê: o marginalizado da classe de *transgenders*? Essa é a hipérbole da abjeção, é a coisificação do humano.

Assim como a maioria de *transgenders* e qualquer outra categoria marginalizada, o sujeito só quer pertencer. Por essa razão, tenta refugiar-se nas instituições que teoricamente abrigariam a sociedade. Porém, apenas cerceiam o direito do sujeito de ser o que é, permitindo tão-somente ser o que é programado.

Estas mesmas instituições são as que determinam o que será acolhido ou rejeitado, sendo seus critérios os mais arbitrários. Aos marginalizados nega-se qualquer possibilidade de coexistência pacífica e/ou saudável no *corpus* social. Enquadram-se aqui, aqueles que não se ajustam no binário de gênero. O *transgender,* tanto o *FTM (Female to Male)* quanto o *MTF (Male to Female)* é a representação do corpo capaz de deslocar a centralidade do homem. Por representar esta ameaça torna-se o corpo rejeitado e sofre, por consequência, deslocamentos constantes e compulsórios.

Essa sensação de não pertencimento atravessa a vida da protagonista do romance de Radclyffe Hall. A abjeção em sua forma mais negativa e segregadora pode ser claramente observada na vida de Stephen que representa a figura do ser que provoca atração e repulsa. O abjeto na protagonista atrai olhares e desperta reflexões por expor, através de sua imagem e comportamento, a liberdade implícita em qualquer transgressão. Por outro lado, causa repulsa por representar o desconhecido, o que há de obscuro e velado sobre as possibilidades do humano. Stephen experimenta, portanto, aquela sensação do estar só, do ser só, que se caracteriza pela gaiola da qual não se é permitido sair.

Este sentimento é rotina na vida da protagonista. Sentir-se só mesmo cercada de pessoas caracteriza a vida do/a *transgender* que, pela sua condição, enfrenta barreiras que o/a separa da sociedade.

> Mas às vezes Stephen odiava seu próprio isolamento. [...] Ao mesmo tempo em que desprezava essas meninas, ela também desejava ser como elas [...]. Elas parecerem tão felizes, muito certas delas mesmas a medida que fofocavam juntas a chocaria subitamente. Havia algo tão seguro em seus

> conclaves femininos, um senso seguro de unidade, de compreensão mútua". (HALL, 1990, p.76)[99]

Ao notar que sua subjetividade é constituída do "impróprio", daquilo que ainda não tem sequer um significado formal para a sociedade, o/a *transgender* se depara com a crueldade da coisificação, da inferioridade pelo ilegítimo. Um exemplo de tal marginalização pode ser verificado através das palavras de Angela Crossby para Stephen, ao final da relação: "'Você poderia se casar comigo, Stephen?' e isso não seria o fim das palavras impiedosas: 'Que posso fazer se você é – o que obviamente você é?'" (HALL, 1990, p.152)[100] A alteridade se torna compulsória quando ao indivíduo são negados direitos básicos conferidos a qualquer outro cidadão. A impossibilidade de práticas e vivências tão comuns a todos os outros corrobora o Outro no sujeito *transgender*. Além disso, o fato de não haver identificação pública com outros indivíduos descredencia qualquer possibilidade avalizada de relação dialética com o *corpus* social do qual faz parte. O direito vetado fere quando se proíbe ter o que lhe caberia. Fere ainda mais gravemente, no entanto, quando a coibição atinge aquilo que a natureza não permite esconder ou escolher.

O Outro incomoda, causa terror, abjeção e pânico quando não é imediatamente traduzido para uma linguagem legitimada. Neste caso, a protagonista suscita terror principalmente nos vizinhos e em sua própria mãe que a rejeita, que a envolve em uma relação de alteridade e raiva veladas.

Na vida de Stephen, o Outro como ser abjeto é personificado na sua própria figura. A rejeição e a consequente segregação configuram à protagonista o *status* de corpo indesejado, posto à margem de tudo que pode, moralmente, ser considerado "normal". Seus vizinhos, inclusive, são parte deste coro que, mesmo silenciosamente, segrega o corpo abjeto de Stephen: "[...] quase que inconscientemente eles a temiam; era o medo que despertava o antagonismo deles. Nela, eles instintivamente sentiam uma fora-da-lei, e a eles cabia a tarefa de policiar a natureza". (HALL, 1990,

[99] O texto em língua estrangeira é: "But at times Stephen hated her own isolation. [...] While despising these girls, she yet longed to be like them [...]. It would suddenly strike her that they seemed very happy, very sure of themselves as they gossiped together. There was something so secure in their feminine conclaves, a secure sense of oneness, of mutual understanding".

[100] O texto em língua estrangeira é: "'Could you marry me, Stephen?' and then by those other pitiless words: 'Can I help it if you´re – what you obviously are?'"

p.110)[101] Em *Os filósofos e a mentira*, Fernando Puente explica a ideia de Benjamin Constant acerca do preconceito:

> Os preconceitos [...] enlaçaram estreitamente todas as partes de nossa existência, tornaram-se alguma coisa de íntimo, penetram em todas as nossas relações, e a natureza humana, que sempre se acorda com o que é, construiu dos preconceitos uma espécie de abrigo, uma sorte de edifício social mais ou menos imperfeito, mas que oferece pelo menos um asilo. (PUENTE, 2002, p. 65-66)

Esse modelo de pensamento adquiriu tamanho poder que dura até o século XXI, ainda que se manifeste de formas mais veladas. O preconceito que busca aliados em outros sentimentos e concepções encontra forças naqueles sujeitos cujas mentes estão ainda enfraquecidas pela crueldade e ignorância. A esse respeito, nos deparamos com tal explicação no próprio Ebing: “A crueldade surge de várias fontes e é natural do homem primitivo. A compaixão, em contraste, é uma manifestação secundária e adquirida tardiamente.” (EBING, 1894, p.86)[102]

Uso a seguinte citação a fim de problematizar o futuro das reflexões feitas sobre a subjetividade de *transgenders*, mais especificamente, neste caso, das mulheres que exercem suas masculinidades das formas mais diversas:

> O futuro não deve mais ser determinado pelo passado. Não nego que os efeitos do passado ainda estão conosco. Mas me recuso a fortalecê-los pela repetição, a conferir-lhes uma inamovibilidade equivalente ao destino, a confundir o biológico com o cultural. A antecipação é imperativa. (CIXOUS, 2003, p. 161)[103]

Não é o gênero *per se* que nos atém, mas a possibilidade da fluidez ou da transitividade e principalmente, da desconstrução de todas essas limitações impostas que amarram o sujeito em situações restritivas incapazes de dar conta da complexidade do humano, de suas escolhas, tendências e possibilidades. Não há alternativa, pois qualquer tentativa que caminhe para simplificação será

---

[101] O texto em língua estrangeira é: “[…] quite unknown to themselves they feared her; it was fear that aroused their antagonism. In her they instinctively sensed an outlaw, and theirs was the task of policing nature.”

[102] O texto em língua estrangeira é: “Cruelty arises from various sources, and is natural to primitive man. Compassion, in contrast with it, is a secondary manifestation, and acquired late.”

[103] O texto em língua estrangeira é: “The future must no longer be determined by the past. I do not deny that the effects of the past are still with us. But I refuse to strengthen them by repeating them, to confer upon them an irremovability the equivalent of destiny, to confuse the biological and the cultural. Anticipation is imperative.”

essencialmente reducionista. Afinal, não há categorização que dê conta da complexidade do sujeito quanto à sexualidade ou ao gênero.

O que é realmente intrigante não se pauta por quais tipos de sexualidades ou expressões de gênero são aceitas, mas pelo mundo de possibilidades que são excluídas desse dualismo restritivo. Em “Não ao Sexo Rei”, Foucault afirma que seu objetivo com o primeiro livro de sua famosa trilogia *História da Sexualidade* não foi traçar uma história do comportamento sexual, mas abordar o que levou a sociedade, por tantos séculos, a ligar sexo e busca pela verdade: “[...] formulada e proibida, dita e interdita, a sexualidade é um comutador que nenhum sistema moderno de poder pode dispensar. Temamos, temamos o socialismo de aspecto sexual”. (FOUCAULT, 1995, p.236) Além disso, o pensador também nos remete à reflexão sobre a miséria sexual na qual vivemos, bem como as tentativas incessantes de normatização, colocando todos em uma mesma moldura, ignorando as idiossincrasias.

Contudo, desde que à mulher ateniense era proibida a circulação por qualquer outro espaço da casa que não fosse o “gineceu”, grandes avanços foram feitos até chegarmos ao "direito" de exercício de formas plurais de masculinidades. Certamente não podemos refletir sobre esta conquista como uma concessão do heterocentrismo e do socialismo sexual que se instaurou a partir dele, mas como um avanço na história das mentalidades.

Quando Prosser direciona a leitura do romance em questão para um caminho que privilegia a perspectiva transexual e o coloca como o precursor deste cânone, quando Halberstam ressalta a obra como um exemplo de masculinidade na mulher, ou ainda quando Laura Doan interpreta como um aprimoramento do conceito de sexo intermediário, constato a complexidade e o vanguardismo de Radclyffe Hall.

Durante uma briga com seu inimigo de infância Roger, as características com as quais Stephen é descrita ressaltam tanto o valor do primitivo quanto os aspectos transitórios latentes na protagonista: "[...] ela estava esplêndida naquele momento-grotesca e esplêndida, como uma coisa primitiva concebida em uma época turbulenta de transição." (HALL, 1990, p.52)[104] O primitivo é mencionado porque Stephen encontrou, na briga, espaço para ser primordialmente instintiva. O grotesco, talvez, seja a incompreensão do espectador de perceber a masculinidade de forma

[104] O texto em língua estrangeira é: "she was splendid at that moment-grotesque and splendid, like some primitive thing conceived in a turbulent age of transition".

ávida naquela menina. A turbulência, característica de momentos de transição (física e emocional), é descrita ao longo do romance, desde a concepção de Stephen até o instante em que o masculino se torna confortável naquele corpo. Apesar de todos esses aspectos se tornarem evidentes em uma briga de criança, o que sobressai no contar da estória é como a imagem de Stephen estava esplêndida, provocando no/a leitor/a, sensação de completude através do fluido.

A fluidez incomoda o olhar julgador do indivíduo normativo. O indefinido perturba a ordem das coisas. O/a *transgender* ousa, por motivações variadas, seguir outros rumos que não aqueles que foram traçados para o rebanho. O não pertencer a um lado ou outro do binário é estar em qualquer ou nenhum lugar e essa liberdade é inoportuna para a manutenção da ordem social. O ser trans causa um desconforto no espectador porque, diferentemente da orientação sexual, a expressão de gênero, em geral, não pode ser constantemente reclusa; ela é visualmente exposta e causa ansiedade – é o medo do desconhecido.

Aguardo ansiosamente o momento em que esses impérios sólidos entrarão em colapso e darão, por fim, chance ao exercício plural da subjetividade, quando a cadeia de ideias impostas outorgará espaço para as paixões, oportunizando desejos e práticas inesperadas. Não há como fugir do complexo, do múltiplo, do plural. Afinal, não há categorização que dê conta da complexidade do sujeito quanto à sexualidade ou ao gênero.

3 SER-TÃO[105] PLURAL

3.1 O OURO DE ROSA

A linguagem e sua capacidade de se mostrar revigorada foi, talvez, o aspecto técnico mais explorado por Guimarães Rosa ao longo de sua obra. Com maestria, ressignificou velhos termos, experimentou outros novos e provocou reflexões sublimes através da sua exploração idiossincrática das palavras.

> Embora o momento de grande projeção de Guimarães Rosa tenha sido o ano de 1956, em que trouxe a público, quase ao mesmo tempo, duas de suas maiores obras - o volume de novelas **Corpo de baile** e o romance **Grande sertão: veredas** – a publicação de seu primeiro livro (a série de contos **Sagarana**) em 1946 causou enorme celeuma no meio literário da época, dividindo a crítica em duas posições extremas: de um lado os críticos que se encantaram com as inovações presentes na obra, sobretudo do ponto de vista da linguagem, e teceram-lhe comentários altamente estimulantes, e de outro os que, presos a uma visão de mundo mais ortodoxa e baseados no modelo ainda dominante da narrativa dos anos trinta – o chamado "romance do engajamento social" – condenaram de imediato o livro pelo que qualificaram de seu "excessivo formalismo", e rotularam o autor de experimentalista ou alienado. (COUTINHO, 1993, p.31)

Mas o que seria a vida, o mundo se não fosse a ousadia dos experimentalistas? As sociedades são historicamente favorecidas com os experimentos, neste caso, acerca da linguagem, da investigação do sujeito através dela. Desta forma, os indivíduos são encaminhados a repensar, investigar por novos olhos, estabelecer novos discursos internos. Rosa revigorou, não apenas a palavra, mas também o que ela alcança.

Eduardo Coutinho, professor titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro e um dos nomes mais importantes da Literatura Comparada no Brasil, constata a posição de *Grande sertão: veredas* como uma das obras mais importantes, não apenas do contexto brasileiro, mas da ficção ocidental.

Quando em *Grande sertão: veredas. Travessias*, Coutinho se refere ao texto de Guimarães Rosa como um "trabalho de ourivesaria da linguagem" (COUTINHO, 2013, p.16), encontro, finalmente, definição que se assemelha ao que o escritor é

[105] O termo ser-tão foi criado pelo professor Manuel Antônio de Castro como pode-se verificar em sua dissertação de mestrado intitulada "O homem provisório no grande ser-tão" de 1976.

capaz de fazer com a palavra. Através de um trabalho minucioso, Rosa transforma pedra bruta em algo valioso e atraente, palavra que resplandece e vira objeto de desejo por ser a transformação sublime daquilo que já não tinha mais brilho. Segundo Coutinho, Rosa substitui o lugar comum e se dedica à busca do inexplorado, (COUTINHO, 2013, p.22) presenteando o/a leitora com o ouro novo, que já estava ali, mas não observado como tal.

A literatura de Guimarães Rosa está situada na terceira geração modernista, também chamada "geração do instrumentalismo", cuja característica fundamental é uma grande preocupação com a linguagem e o sentido estético do texto.

Além da preocupação com a linguagem enquanto instrumento, havia por parte de Rosa, uma reflexão profunda sobre a relação entre as palavras, o contexto social e a crítica que se pretendia. Para ele, a crítica a uma realidade devia ser acompanhada de uma reformulação da linguagem. O ponto alto dessa literatura se deu por volta dos anos sessenta quando havia um esforço claro para reverter a acomodação da estética naturalista e, portanto, representar o múltiplo e o fluido através da arte.

Aventurar-se talvez em um deslocamento do sistema, ou pelo menos na tentativa de uma perspectiva de fora dele é um dos preceitos dessa literatura. Pois, escrever questionando um sistema essencialmente binário com o vocabulário maniqueísta que a nós é incutido ao longo da vida é tarefa que demanda vigilância permanente.

Sendo esta introdução acerca da importância da linguagem em Guimarães Rosa, me vi compelida a refletir com mais cautela a respeito da linguagem usada ao longo do presente estudo, certamente por influência do autor do romance em questão e por coerência com minhas escolhas tanto de tema quanto de discurso. *Grande sertão* e sua crítica, portanto, provocaram em mim certo constrangimento por usar palavras tais como "opostos", "contraditórios", "antagônicos" e as permiti, apenas, quando se referiram ao que a sociedade assim rotula. Pois, “[v]iver... O senhor já sabe: viver é etcétera...” (ROSA, 2006, p.94) e portanto, há possibilidades irrestritas do ser, do ser sujeito de si, do ser *transgender*.

Rosa sublima qualquer técnica, sendo, portanto, capaz de tocar o humano através da sua forma de usar a arte. Como afirma Paulo Rónai:

> O autor não apenas conhece todas as riquezas do vocabulário, não apenas coleciona palavras, mas se delicia com elas numa alegria quase sensual, fundindo num conjunto de saber inédito arcaísmos, expressões regionais, termos de gíria e linguagem literária. (ROSA, 2001, p.21)

A respeito de uma ligação entre a linguagem e o personagem/narrador do romance, Coutinho corrobora a importância daquela, não apenas como escolha de discurso, mas como metodologia do curso existencial percorrido por ele:

> Riobaldo usa a narração para efetuar a sua busca existencial, ou, em outras palavras, a própria narração se configura como um processo de busca; mas como tal processo só pode vir a realizar-se se ele encontra um tipo de linguagem específico (que indague mais do que afirme), verifica-se uma identificação entre os atos de viver e narrar, e sua busca existencial assume a forma da busca de uma nova expressão. (COUTINHO, 1993, p.46-47)

Essa nova expressão pode assumir tanto um sentido literal, ou seja, busca de novos campos semânticos que tente traduzir aquele modo de viver, quanto um sentido mais físico, que use o corpo como forma de expressar-se.

Apesar de haver o caos no viver e no contar, além da incoerência do contar a vida através do texto, não há conhecimento sobre maneira mais simples de se explicar as relações do que pelas palavras. Sendo assim: "Pouco importa a extensão no tempo ou a multiplicação das peripécias; nem mesmo a linearidade de sequência deve ser respeitada. Em suma: o que determina o texto é a vida, mas o que explica a vida é o texto." (GALVÃO, 1972, p.86) E para construir uma ponte entre o texto e a vida capaz de provocar o sujeito e seus "princípios" são necessárias paixão e técnica, união talvez impensável, mas primorosa na obra de Rosa: "De certo que eu amava a língua. Apenas, não a amo como a mãe severa, mas como a bela amante e companheira". (ROSA, 2001, p.24)

O escritor instrumentaliza a linguagem em benefício próprio e do/a leitor/a. Ao mesmo tempo é capaz de tornar a prosa poética e convocar o/a leitora a apreciar não apenas suas estórias, mas a maneira que são contadas. Finalmente, o próprio ourives afirma sobre seu ouro:

> Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância. De cada vivimento que eu real tive, de alegria forte ou pesar, cada vez daquela hoje vejo que eu era como se fosse diferente pessoa. Sucedido desgovernado. Assim eu acho, assim é que eu conto. (ROSA, 2006, p.99)

Portanto, como em *Grande Sertão*, provavelmente, não há sequer uma frase de rasa importância, o/a leitora deve estar preparado para o valioso desalinhamento do contar, do pensar, do agir.

3.2 **O Menino, Reinaldo, Diadorim e Maria Deodorina: devaneios e descentramentos.**

Nascida mulher biológica, Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins, apresentou características masculinas desde a infância e expressou-se desta forma, mais acentuadamente, quando decidiu fazer parte do bando de jagunços e, assim, vingar a morte de seu pai. Sua faceta mulher só foi revelada ao final do romance, após todo um percurso de vida em que se expressou e foi percebida como homem.

A expressão de gênero masculina do personagem em questão não se fez presente apenas em sua vida adulta entre os jagunços, mas desde a infância quando Riobaldo narra seu primeiro encontro com ele:

> Aí pois, de repente, vi um menino, encostado numa árvore, pitando cigarro. Menino mocinho, pouco menos do que eu, ou devia de regular minha idade. Ali estava, com um chapéu-de-couro, de sujigola baixada, e se ria para mim. [...] Aquilo ia dizendo, e era um menino bonito, claro, com a testa alta e os olhos aos-grandes, verdes. (ROSA, 2006, p.102)

O menino, como o narrador se referia, não deixava dúvidas acerca de seu gênero masculino, ainda que não fizesse questão de reforçar tais características de gênero. Era, segundo a perspectiva de quem o olhava, um menino. Assim como citei no capítulo teórico desta tese, o teórico *queer* Jack Halberstam foi confundido com um menino durante toda a sua infância apesar da genitália feminina. Tal situação aconteceu devido às suas características predominantemente masculinas. Apesar de seu sexo biológico, o gênero masculino é latente e indubitável. Assim como Halberstam, o Menino de *Grande Sertão* era um *tomboy*.[106]

Nos trechos em que o narrador se refere a Reinaldo sem ainda conhecer seu nome, ele o chama de Menino, mas não é um menino qualquer, pois tem sempre a

[106] Neste capítulo, farei uso de pronomes masculinos para tratar Halberstam, Diadorim ou qualquer outra pessoa/personagem que se apresente e se perceba de tal forma, privilegiando o gênero em vez da biologia.

aparência de nome próprio pela prevalência da letra inicial maiúscula. Neste momento do romance, era ainda um personagem sem nome.

Nas páginas seguintes, Riobaldo narra as sensações e impressões desse encontro quando fica claro que o desejo pela companhia do Menino já era imperativo:

> Mas eu olhava esse menino, com um prazer de companhia, como nunca por ninguém eu não tinha sentido. Achava que ele era muito diferente, gostei daquelas finas feições, a voz mesma, muito leve, muito aprazível. [...] Fui recebendo em mim um desejo de que ele não fosse mais embora, mas ficasse. (ROSA, 2006, p.103)

O desejo pela companhia do Menino despertava em Riobaldo a vontade de reciprocidade. Ele queria que o Menino gostasse dele da mesma forma que dele, Riobaldo, já gostava: "Aquele Menino, como eu ia poder deslembrar? [...] Eu queria que ele gostasse de mim". (ROSA, 2006, p.104) Anuncia-se, então, ao/à leitor/a, que de alguma maneira, o Menino seria inesquecível para o narrador, o que se cumpre ao longo do romance.

Já neste primeiro encontro entre dois desconhecidos, a questão da travessia se fez presente simbólica e literalmente. Ademais, a diferença entre os personagens sobre a maneira de enfrentar a travessia já é delineada. Enquanto Riobaldo é titubeante, sente medo e vergonha, o Menino encara o atravessar com firmeza, destemido:

> Mas, sério naquela sua formosa simpatia, deu ordem ao canoeiro, com uma palavra só, firme mas sem vexame: _"Atravessa!" O canoeiro obedeceu. Tive medo. Sabe? Tudo foi isso: tive medo! Enxerguei os confins do rio, do outro lado. Longe, longe, com que prazo se ir até lá? Medo e vergonha. A aguagem bruta, traiçoeira – o rio é cheio de baques, modos moles, de esfrio, e uns sussurros de desamparo. (ROSA, 2006, p.105)

No romance, o rio e a vida se assemelham tanto no aspecto da fluidez quanto naquilo que são capazes de provocar no sujeito. As atitudes dos personagens diferem porque seus prismas não são os mesmos. Dessa maneira também acontece nos enfrentamentos e travessias da vida. Se, por um lado, Riobaldo se mostrou sempre reflexivo e ponderante entre as regras internas e sociais, o Menino, por sua vez, seguiu em frente, focalizando com mais firmeza seu querer.

Mais tarde, há o segundo encontro entre Riobaldo e o agora, Reinaldo, cuja masculinidade é reforçada:

> Aguentei aquele nos meus olhos, e recebi um estremecer, em susto desfechado. Mas era um susto de coração alto, parecia a maior alegria.
> Soflagrante, conheci. O moço, tão variado e vistoso, era, pois sabe o senhor quem, mas quem, mesmo? Era o Menino! O Menino, senhor sim, aquele do porto do de-Janeiro, daquilo que lhe contei, o que atravessou o rio comigo, numa bamba canoa, toda a vida. E ele se chegou, eu do banco me levantei. Os olhos verdes, semelhantes grandes, o lembrável das compridas pestanas, a boca melhor bonita, o nariz fino, afiladinho. [...] Eu queria ir para ele, para abraço, mas minhas coragens não deram. Porque ele faltou com o passo, num rejeito, de acanhamento. Mas me reconheceu, visual. Os olhos nossos donos de nós dois. Sei que deve de ter sido um estabelecimento forte, porque as outras pessoas o novo notaram – isso no estado de tudo percebi. O Menino me deu a mão: e o que mão a mão diz é o curto; às vezes pode ser o mais adivinhado e conteúdo; isto também. E ele como sorriu. Digo ao senhor: até hoje para mim está sorrindo. Digo. Ele se chama o Reinaldo. (ROSA, 2006, p.138)

O Menino deu vez ao moço, agora Reinaldo, se apresentando para a jagunçagem. Não há qualquer dúvida quanto ao seu gênero masculino ao longo do romance. Nunca houve hesitação, sequer na linguagem usada para se referir ao personagem, uma vez que pronomes masculinos são usados sem qualquer questionamento.

Riobaldo admite, ao mesmo tempo que pressente, que não se separará mais de Reinaldo, apresente ele a identidade que lhe convier:

> Conto. Reinaldo – ele se chamava. Era o Menino do Porto, já expliquei. E desde que ele apareceu, moço e igual, no portal da porta, eu não podia mais, por meu próprio querer, ir me separar da companhia dele, por lei nenhuma; podia? (ROSA, 2006, p.139)

Um aspecto importante na citação acima é que "lei nenhuma" poderia separá-los. Esta afirmação/indagação traz consigo as leis que possivelmente o afastariam, sejam elas as do Estado, da igreja e da biologia. Ademais, eles não seriam apartados, inclusive, por nenhuma das identidades assumidas por Reinaldo.

> _"Riobaldo, pois tem um particular que eu careço de contar a você, e que esconder mais não posso... Escuta: eu não me chamo *Reinaldo*, de verdade. Este é nome apelativo, inventado por necessidade minha, carece de você não me perguntar porquê. Tenho meus fados. A vida da gente faz sete voltas – se diz. A vida nem é da gente... [...] Pois então: o meu nome, verdadeiro, é *Diadorim*... Guarda este meu segredo. Sempre, quando sozinhos a gente estiver, é de Diadorim que você deve me chamar, digo e peço, Riobaldo..." (ROSA, 2006, p.155-156)

O nome era uma espécie de identidade secreta cujo uso seria restrito aos dois, a sós. Diadorim, nome que sugere uma díade, um duplo, mas transcende o binário. O personagem tão plural nasceu mulher, mas mantém velada a biologia; passa por um Menino que atravessa; se mostra Reinaldo, jagunço; e quer ser Diadorim secretamente. Quantas identidades se fizeram presentes ao longo da construção daquela subjetividade.

Fazendo uma referência ao sujeito pós-moderno de Stuart Hall, referido no ítem 1.2 desta tese, Diadorim se adequa à proposta do teórico. O personagem apresenta identidades que não têm a pretensão de ser coerentes ou unificadas, mas se permitem deslocar.

O plural e o fluido são imperativos na vida deste sujeito cujo entrelugar é sua morada. Nasceu mulher e viveu sendo lido como homem. São, portanto, essas masculinidades e as pontes construídas através delas que interessam neste estudo. Considerarei, dessa forma, a potencialidade *transgender* do personagem mencionado.

Transcendendo o binário, Rosa apresenta ao/à leitor/a um personagem que se desdobra em quatro identidades principais. Primeiramente, o Menino que se expressa como tal provavelmente sem sequer refletir sobre qualquer questão acerca de seu próprio gênero. É o simples, o pueril da infância; mais tarde, Reinaldo se propõe a fazer parte do bando de jagunços. Já adulto, ele escolhe a forma que vingará a morte de seu pai e dá prosseguimento àquela expressão de gênero; em seguida, escolhe por nome secreto Diadorim, ambíguo, como se fosse um nome-travessia. Um nome particular para ser usado apenas no que havia de mais íntimo para ele, para eles; por último, Maria Deodorina, seu nome de nascimento, uma revelação. Não diria que esse é seu nome verdadeiro, pois verdadeiro é o que o sujeito escolhe para suas verdades plurais. Diadorim é apresentado como personagem que se amplia, se desdobra e se reinventa.

O/a leitor/a tem ciência da trajetória de Diadorim e de sua expressão de gênero masculina desde a infância. Seu *passing* foi invisível ao ponto de não ser questionado. No entanto, o que não se sabe é como sujeitos/personagens cujo *passing* foi avalizado seriam se o ambíguo fosse acolhido na contemporaneidade:

> Tenho vivido como homem porque não pude sobreviver abertamente como uma pessoa *transgender*. Sim, eu sou oprimido nesta sociedade, mas não sou apenas um *produto* da opressão. Essa é uma frase que torna sem

> sentido todas as nossas identidades trans. *Passing* significa ter de esconder sua identidade por medo a fim de viver. Ser forçado a passar por é um desenvolvimento histórico recente. É o *passing* que é um produto da opressão. (FEINBERG, 1996, p.89)[107]

Na história recente, portanto, faz-se difícil o reconhecimento dos motivos que levam o sujeito ao *passing*, se por escolha, por desejo de pertencer ao outro lado do binário ou por defesa do indivíduo contra a brutalidade social. Talvez Diadorim não escondesse seus cabelos ou seu desejo por Riobaldo se encontrasse pertencimento na sua condição de *transgender*. É importante ressaltar, contudo, que seu desejo por um homem não tornaria Diadorim uma mulher *straight,* pois continuaria sendo masculina apesar do desejo por um homem. O que a sociedade desconhece acerca da população *transgender* é que, em sua maioria, não são gays, lésbicas, ou bisexuais. E, principalmente, que a sexualidade de algumas pessoas trans não é facilmente categorizada. (FEINBERG, 1996, p. 92).

Considerando o *transgenderism*, há muitos fatores com os quais a sociedade é encaminhada a se incomodar. Como explica Jack Halberstam em *In a Queer Time and Place*, os que vivem desafiando normas sociais cristalizadas tais como o tempo, a perpetuação da vida, da espécie são automaticamente patologizados: "Criamos a longevidade como o futuro mais desejado, aplaudimos a busca pela vida longa (sob quaisquer circunstâncias) e patologizamos modos de vida que mostram pouca ou nenhuma preocupação com a longevidade". (HALBERSTAM, 2005, p.4)[108] No caso de Diadorim, além da questão da expressão de gênero, há ainda o agravante da vida no bando entre os jagunços. Desafia duplamente um ideal de vida estabelecido para os sujeitos que desejam pertencimento, pois não se preocupa com a longevidade tão desejada quanto imposta. Por um lado, aparentemente não se preocupa em perpetuar a espécie; por outro, se torna jagunço por não temer a morte e escolher estar ao lado dela, na sua eminência.

Sabe-se que o cristianismo anula e pune qualquer expressão de gênero que não corresponda ao binário. Por outro lado, sociedades pagãs são repletas de

---

[107] O texto em língua estrangeira é: "I have lived as a man because I could not survive openly as a transgendered person. Yes, I am oppressed in this society, but I am not merely a product of oppression. That is a phrase that renders all our trans identities meaningless. Passing means having to hide your identity in fear, in order to live. Being forced to pass is a recent historical development. It is *passing* that is a product of oppression."

[108] O texto em língua estrangeira é: "We create longevity as the most desirable future, applaud the pursuit of long life (under any circunstance), and pathologize modes of living that show little or no concern for longevity."

exemplos que exaltam o sujeito *transgender*. A interpretação de símbolos se mostra fluida ao longo do tempo; tendo a união dos sexos sido relacionada à divindade em tempos remotos; mais tarde, no entanto, passou a indicar marginalidade como já foi explorado no capítulo teórico deste estudo através de Leslie Feinberg. O teórico fez uma pesquisa acerca do gênero de forma abrangente e refletiu tanto sobre a mulher masculina (*FTM - female to male*) quanto sobre o homem feminino (*MTF - male to female*), mostrando aspectos importantes de ambas as possibilidades. Aprofundou-se e definiu a questão do/a *transgender* como um termo guarda-chuva. Questionou o binário e expôs o quanto fórmulas de comportamento de sexo/gênero foram incutidos nos indivíduos pela cultura do natural e do normativo. Além disso, Feinberg expôs a variedade e a complexidade humana, assim como a maneira como ela é escondida, distorcida ou patologizada.

Walnice Nogueira Galvão, por sua vez, concentrou seu estudo na masculinidade de mulheres. Esses modos de vida patologizados e marginalizados têm sido representados, inclusive, por inúmeras mulheres masculinas ao longo da história. É interessante, neste momento do texto, estabelecer uma ponte entre a masculinidade de Diadorim e outras abordadas em *A donzela-guerreira: um estudo de gênero.* O livro de Galvão explicita a figura da mulher masculina em várias culturas e tempos, reafirmando a necessidade de interdisciplinaridade para investigar este tema. A professora percorre mulheres biológicas que se mostraram masculinas e/ou renunciaram à sexualidade pelo poder de naturezas diversas, passando por Virgem Maria, papisa Joana, Joana d'Arc, Iansã, Mulan, Anita Garibaldi, Chiquinha Gonzaga, Simone Weil, entre outras.

> Essa personagem frequenta a literatura, as civilizações, as culturas, a história, a mitologia. Filha de pai sem concurso de mãe, seu destino é assexuado, não pode ter amante nem filho. Interrompe a cadeia das gerações, como se fosse um desvio do tronco central e a natureza a abandonasse por inviabilidade. Sua potência vital é voltada para trás, para o pai; enquanto ela for só do pai, não tomará outro homem. (GALVÃO, 1998, p.11)

Reforçando ainda o conceito de alteridade nesse sujeito que habita o entrelugar, Galvão afirma que "entre tantos destinos de mulher, ela se destaca, de saída, por ser *outra*: ela não é mãe, nem esposa, nem prostituta, nem feiticeira, etc. Seu nicho muito especial deve ser procurado ali onde não radica nenhuma dessas". (GALVÃO, 1998, p.34)

O empoderamento da mulher, seja de qualquer forma que ele aconteça, é tão temido quanto evitado. Em alguns casos, a existência dessas mulheres empoderadas é negada a fim de apagar por completo essa ameaça da história da humanidade:

> Como as valquírias, as amazonas eram guerreiras que viviam em bando, constituindo uma tribo exclusivamente feminina, que só aceitava homens transitórios para gerar filhos. Essas filhas de Ares, o deus da guerra, inventaram a cavalaria e queimavam o seio direito para facilitar o manejo do arco. [...] Infelizmente, exploradores prosaicos vieram a negar a existência delas, afirmando que se tratava tão somente de índios de cabelos compridos." (GALVÃO, 1998, p.48-49)

É importante ressaltar que Eliane Borges Berutti propôs uma análise *transgender* de Diadorim em seu artigo intitulado "Mulheres masculinas: entre a teoria e a literatura", e nele esclarece que "em nenhum momento, Walnice Galvão menciona o termo *transgender* em seu livro". (BERUTTI, 2006, p.331) Embora Galvão não tenha usado este termo, o percurso de sua narrativa deixa clara a abordagem da expressão de gênero divergente do sexo biológico.

A partir dessas perspectivas que se tangenciam em algum momento, interpretarei a masculinidade na "mulher" ou o *transgenderism* em *Grande sertão*, como um processo fluido, mutável e de desencobrimentos – uma travessia, termo recorrente no romance e que abordarei detalhadamente mais adiante.

Também por se apresentar ao/à leitora através de quatro identidades, pode-se considerar que Diadorim, atravessa, devaneia e se descentraliza a todo instante. Se “o devaneio de um sonhador é o suficiente para fazer sonhar todo um universo” (BACHELARD: 2009, p.60), o devaneio de Diadorim faz todo o seu universo sonhar junto. O personagem traz Riobaldo e todo o sertão para sonhar e vivenciar sua masculinidade, crer nela e em sua trajetória de ambiguidades e fluidez. “Um Diadorim só para mim. Tudo tem seus mistérios. Eu não sabia. Mas, com minha mente, eu abraçava com meu corpo aquele Diadorim – que não era de verdade. Não era? A ver que a gente não pode explicar essas coisas”. (ROSA, 2006, p.291) Aqui, Diadorim enquanto sujeito, assim como seus sonhos/devaneios, são acolhidos por Riobaldo que percebe e aceita de maneira autêntica e particular aquilo que Diadorim se propõe a apresentar. Riobaldo sente que a apresentação tanto do corpo quanto da subjetividade não necessariamente tem de ser uma verdade única e imutável: "O

Reinaldo era Diadorim – mas Diadorim era um sentimento meu". (ROSA, 2006, p.311) Sendo assim, o/a leitora é encaminhado/a por um narrador que é capaz tanto de dar espaço para os devaneios, seus e do outro, quanto de extrair da liberdade oferecida por eles o que há de prazeroso. Riobaldo, enquanto homem biológico e expressando seu gênero como tal, desejou Diadorim também enquanto sujeito masculino. Amou e desejou Diadorim, apesar de não ter se permitido praticar este amor. Em seus devaneios, imaginou seu corpo abraçando o corpo daquele cuja expressão de gênero era igualmente masculina.

> Quanto a nós, que limitamos as nossas investigações ao mundo do devaneio, podemos dizer que, no homem como na mulher, a androginidade harmoniosa guarda o seu papel, que é o de manter o devaneio em sua ação apaziguadora. As reivindicações conscientes e, portanto vigorosas, são perturbações manifestas para esse repouso físico. São, pois, manifestações de uma rivalidade entre o masculino e o feminino no momento em que ambos se destacam da androginidade primitiva. Assim que deixa suas moradas – como sucede no devaneio profundo –, a androginidade se torna desequilibrada. Abandona-se, então, a oscilações. São essas oscilações que o psicólogo observa, marcando-as como um signo de anormalidade. Mas, quando o devaneio se aprofunda, tais oscilações são amortecidas e o psiquismo reencontra *a paz dos gêneros*, aquela que o sonhador de palavras conhece. (BACHELARD, 2009a, p.56)

Na origem psíquica, o indivíduo desconhece essas diferenças segregadoras, pois lá elas são inexistentes. Nas profundezas do inconsciente, o que se conhece como masculino e feminino se aglutinam em desejos, caminhos e pulsões cujas diferenças são nulas. Assim, ao fechar os olhos, Riobaldo se permitia devanear sobre Diadorim: "Gostava dele quando eu fechava os olhos. Um bem-querer que vinha do ar de meu nariz e do sonho de minhas noites". (ROSA, 2006, p.149) O inconsciente não tem sexo, apenas devaneios. O sujeito é, em origem, entrecortado, dividido, não pelo sexo ou gênero, mas pelas ranhuras que há nele mesmo. Pois partidos em vários pedaços, o sujeito se constrói, se desfaz e refaz mais facilmente.

A ideia de que o indivíduo é uno é uma ilusão criada para apaziguar uns, mas que causa inquietude em outros: “O ser humano, considerado tanto em sua realidade profunda como em sua forte tensão de vir-a-ser, é um ente dividido, um ente que se divide novamente mal se entrega por um instante a uma ilusão de unidade”. (BACHELARD, 2009a, p.87) Essa tensão, presença constante no processo de “tornar-se” é característica da impossibilidade de pisar em terrenos sólidos. Aquilo que se move, que é improvável ou inesperado apavora o sujeito que,

como a maioria, busca por estabilidade, por lugares fixos, ainda que essa solidez seja apenas aparente. Segundo Bachelard, “para nos conhecermos duplamente como ente real e como ente idealizante cumpre-nos *escutar* os nossos devaneios” (BACHELARD, 2009, p.54). Sendo os devaneios, portanto, as vozes mais profundas, nota-se uma equivalência, talvez à escuta de seus desejos. É importante que esta escuta cumpra o reconhecimento da união entre o palpável e os devaneios, entre a experiência vivida e a imaginada, entre o que se é e aquilo que se pensa ou se deseja ser, o que se é em ação e em projeção, pois por fim, o sujeito é a matização desses duplos.

O duplo invade a história e reafirma sua vigência a todo instante. Assim como Deus só existe através e por causa da criação do humano, a mãe ganha existência a partir da criança nascida, *animus* existe por *anima*, o feminino por causa do masculino, e vice-versa. O que pretendo ressaltar com tais exemplificações é a necessidade da existência do outro, dos outros, pois ninguém está só no universo. Os sujeitos são atravessados por relações dialéticas, não apenas as que eles próprios estabelecem, mas também pelas que são pré-existentes às suas vontades.

O/a *transgender* é um exemplo claro da união entre o factual e o desejo. Enquanto sujeito, ele/ela é o movimento frequente e não linear entre o corpóreo e o devaneio, pois idealiza, a partir do corpo-espaço que tem, um corpo-espaço desejado e desejante através de seus devaneios. O ideal é sonhado e experimentado, ainda que seja através de devaneios.

Ao afirmar que seu livro *Female Masculinity* foi uma tentativa de tornar sua masculinidade "crível e real" (HALBERSTAM, 2008, p.19), Halberstam estabelece uma dialética tanto entre seu corpo e sua expressão de gênero quanto entre seus devaneios e sua escrita.

As performances exercidas tanto por Halberstam quanto por Diadorim são potenciais de suas subjetividades; são partes de um todo sempre incompleto, de um projeto nunca acabado. Portanto, "vida devia de ser como na sala do teatro, cada um inteiro fazendo com forte gosto seu papel, desempenho." (ROSA, 2006, p.245) O devaneio ou a performance de Diadorim era para aquele sujeito a representação de uma parcela de suas verdades, de uma parte do todo que era seu, uma completude intransferível, mas fluida. Não obstante, o exercício do *trangenderism* em Diadorim gerou implicações, inclusive a impossibilidade de praticar o ser desejante por/com Riobaldo:

> [...] sempre tive fogo bandoleiro. Diadorim não me acusava, mas padecia. Ao que me acostumei, não me importava. Que direito um amigo tinha, de querer de mim um resguardo de tamanha qualidade? Às vezes, Diadorim me olhasse com um desdém, fosse eu caso perdido de lei, descorrigido em bandalho. Me dava raiva. Desabafei, disse a ele coisas pesadas. – "Não sou o nenhum, não sou frio, não... Tenho minha força de homem!" Gritei, disse, mesmo ofendendo. Ele saiu para longe de mim; desconfio que, com mais, até ele chorasse. E era para eu ter pena? Homem não chora! (ROSA, 2006, p.192)

Se “a lição dominante da meditação balzaquiana é a incorporação de um ideal de vida na própria vida” (BACHELARD, 2009, p.85), é justamente isso que o sujeito que não se enquadra nas molduras das expectativas sociais tenta fazer através do devaneio, incorporando uma idealização harmônica dos conflitos inerentes, das complexidades apresentadas. O devaneio de Reinaldo é ser Diadorim e, ainda assim, poder experimentar o amor de Riobaldo. Da mesma forma, Riobaldo devaneava amar Diadorim, da forma como ele se apresentava, e dessa forma, seus desejos e devaneios se harmonizariam. No entanto, o conflito é recorrente e o que, às vezes, se nota, por questão de aceitação social ou de sobrevivência, é também a negação do devaneio:

> Eu tinha renegado Diadorim, travei o que tive vergonha. [...] Por que, meu, senhor? Lhe ensino: porque eu tinha negado, renegado Diadorim, e por isso mesmo logo depois era de Diadorim que eu mais gostava. A espécie do que senti. O sol entrado. (ROSA, 2006, p.194)

Diadorim, comparado ao sol adquire importância vital na trajetória de Riobaldo. É, portanto, o que ilumina, aquece e traz a luz para a vida do personagem/narrador. Por outro lado, quando Riobaldo reconhece que negou o sentimento por vergonha, legitima a questão cristã do pecado e da moral, limitadora também dos devaneios, os quais desconhecem amarras.

Os devaneios podem ser manifestações advindas de regiões diversas. Uma delas, relevante para esta reflexão é a do desejo: "[...] que isso não é falável. As coisas assim a gente mesmo não pega nem abarca. Cabem é no brilho da noite. Aragem do sagrado. Absolutas estrelas!" (ROSA, 2006, p.422) O desejar (que do latim *desiderare*, quer dizer “seguir a direção das estrelas”) impulsiona o indivíduo a caminhos desconhecidos ou imaginados, cujos pontos de partida são os diálogos estabelecidos, independentes da nossa consciência, na maioria das vezes: "Diadorim permanecia lá, jogado de dormir. De perto, senti a respiração dele,

remissa e delicada. Eu aí gostava dele. Não fosse um, como eu, disse a Deus que esse ente eu abraçava e beijava". (ROSA, 2006, p.197) O desejo, atendido ou refreado, pode se tornar um aspecto importante capaz de preparar o sujeito para os enfrentamentos inerentes aos processos de construção tanto da identidade quanto da subjetividade.

Sobre esses enfrentamentos, o filósofo alemão e um dos maiores renovadores da filosofia atual Peter Sloterdijk, se referindo à inocente brincadeira da bolha de sabão, nos remete à projeção que está presente na ação de soprar a bolha: “Enquanto as bolhas se movem no espaço, o criador delas está verdadeiramente fora de si – com elas e dentro delas. [...] Portanto, para o criador, a bolha de sabão se torna o meio de uma expansão surpreendente da alma". [109] (SLOTERDIJK, 2001, p.18) Ao se mover conforme os ventos, para direções não planejadas, a bolha leva consigo e naquela integridade redonda, um pouco dos desejos daquele que a soprou. Leva, portanto, um pouco da alma se a considerarmos enquanto profundeza do ser. Sendo assim, a alma que passeia ao sabor dos ventos é ao mesmo tempo livre e concentrada na delicadeza precípua da bolha. Essa pode até parecer uma metáfora de tão suave e lúdica, mas é, principalmente, uma das inúmeras representações de descentramento que se pode ilustrar, pois há uma projeção desprendida no sopro e no vislumbramento daquela trajetória. Representa, portanto, através do desejo, um enfrentamento cujas consequências não estão sob controle, assim como na vida e nas relações nela estabelecidas.

Há também o momento de explosão e morte das expectativas ali depositadas. “O que são esperanças frustradas, senão oportunidades para novas tentativas?" (SLOTERDIJK, 2011, p.18)[110] É um momento de ruptura, reavaliação e continuidade, habilidades que são constantemente exercidas no processo de construção do sujeito com o mundo exterior. Afinal, fazer parte do mundo moderno requer enfrentar diversos vazios, desertos de naturezas variadas. As explosões das bolhas são microrrepresentações das igualmente infindáveis micro (ou não) catástrofes esferológicas implicadas na escolha do viver.

---

[109] O texto em língua estrangeira é: "While the bubbles move through space, their creator is truly outside himself - with them and in them. [...] For its creator, the soap bubble thus becomes the medium of a surprising soul expansion.

[110] O texto em língua estrangeira é: "What are broken hopes but opportunities for new attempts?"

A imanência, o estar no mundo, exige dialética: ir na bolha e explodir com ela, dar espaço aos devaneios e voltar ao pragmatismo. O sujeito é aprendiz constante através das diversas relações que se estabelecem, muitas vezes, independentes dele próprio. Permitir a fluidez é decisão que alivia o fardo das molduras enrijecedoras. Acreditar em conceitos pré-estabelecidos e reforçá-los é restringir-se de experiências capazes de alargar perspectivas. O/a *transgender* é, enquanto ser que permite ambiguidades, sujeito representativo desse transitar e, além disso, é a fluidez que não se esconde de si, que se sujeita às mais variadas leituras.

A vida humana é um constante descentramento e somos frequentemente assombrados por essas frequentes explosões de bolhas que causam a sensação de desamparo, e o conhecer-se demanda retornar à esfera originária, acolhedora. Hoje, é tarefa árdua retornar ao espaço interno porque a vida requer descentramentos constantes, exige dispersões e afugenta o sujeito de si. Além disso, quando se consegue fazer um movimento de volta a essa esfera, neste retorno, encontra-se um espaço vazio, do sujeito que se perdeu enquanto conhecimento, enquanto identidade em um mundo que mais se assemelha a um parque de atrações articuladamente engendradas a fim de distrair o sujeito dele próprio.

Não pretendo, contudo, estabelecer nenhuma busca por uma Verdade, como se esta fosse uma vertente única e soberana, mas uma busca por aquilo que se apresenta redondo, que congrega o individuo consigo mesmo, que tem a aparência do nada, do vazio, que permite o andrógino, os duplos, que é transvaloração de sentidos. Essa possibilidade da existência do nada, tão presente no sertão, é sedutora, pois esse nada nunca é vazio ou esvaziado de sentido, porque ele é profundo e transcendente.

Aquilo que toma conta do sertão parece intocável. Seu ar, sua aridez, seu tempo, tudo nele convoca o leitor envolvido a demorar-se naquele aparente vazio, no aparente nada e refletir sua multivocalidade. Quando penso no sertão de Guimarães Rosa, penso imediatamente em algo que os olhos não alcançam ver porque não tem forma, mas é denso. O nada desse sertão convoca à individualidade. Não me refiro àquela egoísta que exclui, mas a que convida à reflexão, ao preenchimento dos vazios ou à escuta deles, dos silêncios provocados por eles.

Ao questionar a existência de alguns conceitos na sociedade "moderna", Zygmunt Bauman chama a atenção, principalmente, para a individualidade e o tempo/espaço.

Acredito que a individualidade, como conhecimento de si, esteja se esvaindo, pois não há mais a prevalência do sujeito singular, da vida sem interferências contundentes e avassaladoras. O indivíduo é direcionado para uma coletividade frenética, ainda que esta não indique necessariamente refletir o coletivo. Não intenciono dizer que a individualidade não existe mais, mas que suas representações e funções estão em reformulação, em (trâns)ito.

A respeito do conceito de tempo/espaço, é impossível não se remeter ao sertão, àquela densidade, ao seu esvaziamento repleto e ao "demorar-se" de Heidegger tão presentes ali. Penso, então, como pôde o tempo mudar tanto em tão pouco tempo. Os pensamentos, talvez, tenham sido mais presentes, devotados, individuais, pois a narrativa de Riobaldo, não nega o tempo, mas se regozija nele. Em contrapartida, segundo Bauman, "A história do tempo começou com a modernidade. De fato, a modernidade é, talvez mais que qualquer outra coisa, a história do tempo: a modernidade é o tempo em que o tempo tem uma história". (BAUMAN, 2001, p.140)

Ser *transgender* no sertão de Guimarães Rosa é ter permissão para ser indivíduo, para se perceber no tempo, se relacionar consigo e com os outros. Diadorim pode viver o gênero que seu corpo desejava, no seu tempo, explorando as possibilidades daquele espaço. O sertão torna-se, então, um refúgio, e por mais paradoxal que possa ser, me parece mais acolhedor do que muitos outros tempos/espaços.

A relação entre Riobaldo e Diadorim é, naquele sertão do nada e do tudo, aos poucos, revelada para eles próprios. As nuances, os anseios, as atitudes são moldadas pela liberdade do sertão de Rosa. Os pequenos desencobrimentos ocorrem ao longo da jornada dos jagunços. Um exemplo disso aconteceu quando Reinaldo se voluntariou para chefiar o bando de Medeiro Vaz:

> Num nú, nisto, nesse repente, desinterno de mim um nego forte se saltou! Não. Diadorim, não. Nunca que eu podia consentir. Nanje pelo tanto que eu era dele louco amigo, e concebia por ele a vexável afeição que me estragava, feito um máu amor oculto – por isso mesmo, nimpes nada, era que eu não podia aceitar aquela transformação: negócio de para sempre

> receber mando dele, doendo de Diadorim ser meu chefe, nhem, hem? (ROSA, 2006, p.82)

Nutrindo por Diadorim uma afeição que, segundo o próprio narrador e para aquela realidade, é vergonhosa e o estraga enquanto homem jagunço, só resta a ele ocultar aquele "mau amor". Esse ocultamento, no entanto, não impede o desvelar para si.

Ao longo do romance, Guimarães Rosa enfatiza a condição do viver e seus perigos. “Viver é muito perigoso.” (ROSA, 2006, p.49), “[v]iver é um descuido prosseguido”. (ROSA, 2006, p.70), ou ainda “[v]iver... O senhor já sabe: viver é etcétera...” (ROSA, 2006, p.94). No entanto, deve-se ressaltar que ao advertir o leitor sobre tal constância, o escritor provavelmente não se referia à ameaça maior da vida que culmina na morte, mas às iminentes fragilizações, quedas, vazios, sertões que os indivíduos estão inevitavelmente expostos ao longo do percurso. O perigo, aqui referido acerca do sujeito *transgender*, advém de diversas partes, da fluidez ou da imposição das molduras, dos rótulos ou da ausência deles, dos vazios, dos descentramentos, enfim, de toda parte. Não há onde fixar pés e sentir-se seguro, estável. A inconstância é a regra e o entrelugar torna-se morada, pois não há mais um ou outro, apenas. As escolhas unilaterais são questionadas. “O senhor vê, nos Gerais longe: nuns lugares, encostando o ouvido no chão, se escuta barulho de fortes águas, que vão rolando debaixo da terra. O senhor dorme em sobre um rio?” (ROSA, 2006, p.292)

Ao afirmar que “[...] o real não está na saída nem na chegada, ele se dispõe para a gente é no meio da travessia”, Guimarães Rosa corrobora a ideia da fluidez do individuo, ressaltando as nuances que há nos caminhos. Para o sujeito *transgender* é o movimento que interessa, o entrelugar. Este lugar, desconhecido e surpreendente, representa um espaço nebuloso temido e atraente.

O entrelugar enquanto espaço desejado de devaneios, talvez seja a representação mais próxima daquilo que possibilita desde trânsitos proibidos até estagnação do "inaceitável". É, portanto, terra de ninguém ou de todos, lugar para o encontro com o nada que é tudo, onde o movimento e não o objetivo é o que interessa: "Não se tem onde se acostumar os olhos, toda firmeza se dissolve. Isto é assim. Desde o raiar da aurora, o sertão tonteia. Os tamanhos. A alma deles". (ROSA, 2006, p.315) O sertão privilegia o que é fluido, mutante, e passível de reconstruções, de novos encaminhamentos de acordo com as diferentes

perspectivas, espaço propício para a subjetividade *transgender*. Sendo assim, escolhi a definição usada pelo sociólogo Zygmunt Bauman em *Modernidade Líquida:*

> "Fluidez" é a qualidade de líquidos e gases. O que os distingue dos sólidos, como a *Enciclopédia britânica,* com a autoridade que tem, nos informa, é que eles "não podem suportar uma força tangencial ou deformante quando imóveis" e assim "sofrem uma constante mudança de forma quando submetidos a tal tensão". (BAUMAN, 2001, p.7)

A tensão que é capaz de provocar mudanças não atinge apenas a matéria gasosa ou líquida, mas também aquilo que se apresenta de forma tão adaptável naquele sertão. Me refiro, principalmente, a Riobaldo e Diadorim, tão plurais e mutantes. Além disso, pensar o líquido na aridez do sertão é mesmo pensar o quanto esses personagens são capazes de inundar aquele espaço de significados:

> Os fluidos se movem facilmente. Eles "fluem", "escorrem", "esvaem-se", "respingam", "transbordam", "vazam", "inundam", "borrifam", "pingam"; são "filtrados", "destilados"; diferentemente dos sólidos, não são facilmente contidos – contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho.(BAUMAN, 2001, p.8)

Nesse processo de inundação através de significados, intensifica-se tanto a relativização quanto a pluralização daquilo que é conceituado como "normal". Diadorim e suas releituras de si mesmo tornam-se equivalentes ao líquido, capaz de contornar, desviar, cobrir e descobrir tanto superfícies quanto, metaforicamente, identidades.

E não são também as subjetividades fluidas percebidas como líquidos que transbordam e inundam de pluralidade seus caminhos? São as veredas do sertão. No processo de criação, de desencobrimento do sujeito *transgender,* as etapas são tão importantes quanto o fim e, em cada uma delas, há descobrimentos. O que importa é o processo, o ruminar reflexões, produzir novas invenções do "eu" naquele tempo e naqueles espaços propostos, abertos, entreabertos, entrelugares. As verdades estão no caminhar, no desvelar a si e o que quer que apareça na trajetória, mesmo que depois se opte por encobrir aquilo que não se deseja. E estas verdades serão sempre fluidas, evidenciando a tensão entre o ser e o não ser. Há, novamente, a confirmação de um desencobrimento em cada etapa.

> Diadorim veio para perto de mim, falou coisas de admiração, muito de afeto leal. Ouvi, ouvi, aquilo, copos a fora, mel de melhor. Eu precisava. Tem horas em que penso que a gente carecia, de repente, de acordar de alguma

> espécie de encanto. As pessoas, e as coisas, não são de verdade! (ROSA, 2006, p.84)

O que faz parte da construção de Diadorim passa pelo plural, pelo trânsito do ser o que se deseja no momento. Os devaneios, as bolhas, os descentramentos me parecem experiências tão verdadeiras quanto qualquer sensação física. Essa linha tênue que separa o físico do mental é tão discutível e tem se tornado cada vez mais flexível. Outro entrelugar. E talvez seja nele que resida o amor e o desejo, sensações regentes da relação entre Riobaldo e Diadorim. Embora Riobaldo questione a moral desse amor, não consegue evitá-lo:

> [...] sempre que se começa a ter amor a alguém, no ramerrão, o amor pega e cresce é porque, de certo jeito, a gente quer que isso seja, e vai, na idéia, querendo e ajudando; mas, quando é destino dado, maior que o miúdo, a gente ama inteiriço fatal, carecendo de querer, e é um só facear com as surpresas. Amor desse, cresce primeiro; brota é depois. Muito falo, sei; caceteio. Mas porém é preciso. Pois então. Então o senhor me responda: o amor assim pode vir do demo? Poderá?! Pode vir de um-que-não-existe? Mas o senhor calado convenha. Peço não ter resposta; que, se não, minha confusão aumenta. (ROSA, 2006, p.139)

Amor de "destino dado" que cresce sem pedir permissão não parte do pensar, mas do sentir. Amar "inteiriço fatal" e dizer esse amor em palavras requer coragem e desejo intensos. Riobaldo prova a todo tempo que o que sente por Diadorim não é apenas amizade, mas desejo, amor:

> Pois minha vida em amizade com Diadorim correu por muito tempo desse jeito. Foi melhorando, foi. Ele gostava, destinado, de mim. E eu – como é que posso explicar ao senhor o poder de amor que eu criei? Minha vida o diga. Se amor? Era aquele latifúndio. Eu ia com ele até o rio Jordão... Diadorim tomou conta de mim. (ROSA, 2006, p.193)

Ainda que a relação de Riobaldo e Diadorim não tenha sido praticável fisicamente, seus devaneios conjecturam esse amor, seus descentramentos caminham para a realização desse desejo, mesmo que na ficção da ficção. Diadorim toma conta de Riobaldo, do seu si-próprio (segundo Nietzsche), do que há de mais intenso nele. Aquele desejo se torna o latente eminente, que pulsa estando sempre prestes à estourar como as bolhas de Sloterdijk.

3.3 **O corpo *transgender*: hibridismo e primitividade**

Continuo a refletir o *transgenderism,* propondo pensar as relações que podem ser estabelecidas entre a subjetividade de Diadorim e algumas reflexões filosóficas.

Diferentemente de uma abordagem que circunda a biologia e faz dela foco de estudo de gênero, sigo propondo uma análise *queer*, no sentido que objetiva costurar campos de saberes diversos, que não caminham necessariamente em linearidade. Separando o gênero da genitalidade, busco aqui, portanto, uma transvaloração de sentidos para o exercício da masculinidade fora do corpo biológico masculino bem como para as implicações individuais e sociais de tal prática.

Tendo em vista o percurso feito por Diadorim desde a infância, investigarei aqui o caminho trilhado por esta mulher masculina a partir da ótica do personagem/narrador e as pontes por ele estabelecidas com as possibilidades do humano, especialmente daquele que atravessa com constância, do/a *transgender*.

Diadorim poderia ter escolhido infinitas outras formas de vingar a morte do pai, mas desejou exercer sua masculinidade – parte latente de sua subjetividade. Tal situação não foi vislumbrada apenas como solução para atingir seu objetivo, mas porque aquele desejo de exercer tal forma de masculinidade era o que vigorava emergencialmente em seu corpo. Supondo que o sujeito não seja detentor sequer de seu próprio desejo e que este supera o humano ainda que resultante dele, sou encaminhada à compreensão da condição do ser *transgender*, não apenas enquanto escolha de vida ou de expressão de gênero, mas principalmente enquanto um emaranhado de pulsões que vigora fortemente no indivíduo. Ou seja, o desejo, mesmo sendo parte resultante do sujeito não aceita controle. Não me refiro aqui apenas ao desejo sexual, mas neste caso, principalmente, ao desejo de se expressar. Afinal, "o que é que uma pessoa é, assim por detrás dos buracos dos ouvidos e dos olhos?" (ROSA, 2006, p.357) senão um emaranhado caótico de pulsões, desejos e sensações.

Sobre esta impossibilidade de dominação do que quer que haja por detrás dos buracos, há um exemplo claro no discurso de Riobaldo que reforça a ideia de que o desejo não se permite amarras, que se pretende livre e fluido, que não enxerga gênero em sua origem:

> A senvergonhice reina, tão leve e leve pertencidamente, que por primeiro não se crê no sincero sem maldade. Está certo, sei. Mas ponho minha fiança: homem muito homem que fui, e homem por mulheres! – nunca tive inclinação pra aos vícios desencontrados. Repilo o que, o sem preceito. Então – o senhor me perguntará – o que era aquilo? Ah, lei ladra, o poder da vida. Direitinho declaro o que, durante todo tempo, sempre mais, às vezes menos, comigo se passou. Aquela mandante amizade. Eu não pensava em adiação nenhuma, de pior propósito. Mas eu gostava dele, dia mais dia, mais gostava. Diga o senhor: como um feitiço? Isso. Feito coisa feita. Era ele estar perto de mim, e nada me faltava. Era ele fechar a cara e estar tristonho, e eu perdia meu sossego. Era ele estar por longe, e eu só nele pensava. E eu mesmo não entendia então o que aquilo era? Sei que sim. Mas não. E eu mesmo entender não queria. Acho que. Aquela meiguice, desigual que ele sabia esconder o mais de sempre. E em mim a vontade de chegar todo próximo, quase uma ânsia de sentir o cheiro do corpo dele, dos braços, que às vezes adivinhei insensatamente – tentação dessa eu espairecia, aí rijo comigo renegava. Muitos momentos. Conforme, por exemplo, quando eu me lembrava daquelas mãos, do jeito como se encostavam em meu rosto, quando ele cortou meu cabelo. Sempre. Do Demo: Digo? Com que entendimento eu entendia, com que olhos era que eu olhava? Eu conto. O senhor vá ouvindo. Outras artes vieram depois. (ROSA, 2006, p. 146-147)

Desta forma, fica claro que o sentimento de Riobaldo por Reinaldo, como ele o conhece até então, não é apenas uma amizade fraternal, mas que suas pulsões desejam o contato com aquele corpo, da forma que ele se apresenta. Ainda reproduzindo valores incutidos a respeito do binarismo, da moral e do heterocentrismo, por consequência, Riobaldo nega seus anseios e se justifica como homem. No entanto, embora Riobaldo não consiga aceitar o que Diadorim desperta nele, o "poder da vida" está acima do controle que ele pode ter sobre seus desejos. O desejo predomina sobre a "razão": "Que vontade era de pôr meus dedos, de leve, o leve, nos meigos olhos dele, ocultando, para não ter de tolerar de ver assim o chamado, até que ponto esses olhos, sempre havendo, aquela beleza verde, me adoecido, tão impossível." (ROSA, 2006, p.46)

Entende-se, portanto, o desejo como um componente fundamental na construção dessa subjetividade, bem como uma ferramenta importante de diálogo entre o corpo e o mundo. Sendo assim, o resultado dos desejos pode ser representado por caminhos, fios que ligam corpos ao mundo onde eles estão inseridos de formas diversas e aparentemente incoerentes. Por outro lado, há momentos em que os corpos não cedem aos desejos, também por razões variadas, por decisão ou pela aparência da impossibilidade:

> E eu tinha de gostar tramadamente assim, de Diadorim, e calar qualquer palavra. Ele fosse uma mulher, e à-alta e desprezadora que sendo, eu me encorajava: no dizer paixão e no fazer – pegava, diminuía: ela no meio de meus braços! Mas, dois guerreiros, como é, como iam poder se gostar, mesmo em singela conversação – por detrás de tantos brios e armas? Mais em antes se matar, em luta, um o outro. E tudo impossível. (ROSA, 2006, p.577)

Faz-se importante o esclarecimento a respeito do hibridismo que será apontado neste segmento. Há várias teorias sobre o conceito em questão, no entanto, decidi privilegiar a abordagem feita por Stuart Hall, exposta tanto em *A identidade cultural na pós-modernidade* quanto em *Da diáspora: identidades e mediações culturais.* Neste último livro, Hall explica que o hibridismo não proporciona ao sujeito uma sensação de completude, ao contrário, seria um processo em que ele percebe a reconstrução de sua identidade agregando novos significados a ela:

> O hibridismo não se refere a indivíduos híbridos, que podem ser contrastados com os "tradicionais" e "modernos" como sujeitos plenamente formados. Trata-se de um processo de tradução cultural, agonístico uma vez que nunca se completa, mas que permanece em sua indecibilidade. (HALL, 2003, p.74)

Na explicação de Hall sobre o hibridismo, a negação de qualquer fechamento ou definição para a identidade do indivíduo se faz presente. O teórico, portanto, deixa claro que não se refere à simples união daquilo que é considerado oposto, mas ressalta a fluidez, o estar em aberto, incompleto. Tal incompletude, contudo, não denota sentido pejorativo ou insatisfação, mas o curso natural de construção das identidades ao longo da existência.

O híbrido de Hall se caracteriza por ser agonístico por estar permanentemente em combate, na luta imposta pelas infindáveis traduções do mundo e das relações para o sujeito, e pela consequente sensação de incompletude. A indecibilidade, por sua vez, aponta para a impossibilidade de determinar linhas de demarcações, de escolhas unilaterais, de decisões entre uma coisa ou outra.

Há, notadamente, prevalência por uma abordagem cultural em Hall, o que não impede que a questão da identidade de gênero seja adequada a esse pensamento. Pois o/a *transgender* se apresenta com as características do hibridismo de Hall, sendo incompleto, agonístico e indecidível quanto à sua construção negociando transições, traduções e significados. Este sujeito insiste na demonstração das ambivalências e explora um repertório vasto de possibilidades sem celebrar o

alcance do objetivo, pois este não há. O híbrido se refere a um constante atravessamento, à exposição de versões do "eu".

Em seu outro livro já citado, *A identidade cultural na pós-modernidade*, Hall lembra que fundamentalistas iranianos (sob a liderança do Aiatolá Khomeini em 1989) sentenciaram Salman Rushdie à morte por *Versos satânicos* e usa suas palavras de defesa para reforçar o conceito de hibridismo. Rushdie afirma que seu livro "celebra o hibridismo, a impureza, a mistura, a transformação, que vêm de novas e inesperadas combinações [...] O livro alegra-se com o cruzamento e teme o absolutismo do Puro." *(*apud: HALL, 2004, p.92) E é neste conceito que Hall também se apoia para promover seu entendimento sobre hibridismo. Celebrando as combinações inesperadas, o impuro, celebra-se a abertura de possibilidades, a transformação constante e inerente ao sujeito.

A celebração do oposto implica a não admissão do outro, a intolerância, a cogitação do indivíduo puro e soberano, a idealização de um "eu" que não existe. Este pensamento fundamentalista é velho conhecido na história da humanidade e representativo de grandes guerras ainda na contemporaneidade. Caso queira pertencimento, entre outras inúmeros regras, o sujeito deve ser heteronormativo, ter seu desejo orientado para o sexo oposto e expressar seu gênero de acordo com o sexo de nascimento. Aqueles que estabelecem tais regras são sujeitos ortodoxos pregando pensamentos homogêneos como se eles existissem espontaneamente.

O termo "celebração" é bastante explorado por Hall e está comumente atrelado à fluidez. Ao explicar sobre as transformações contínuas da identidade, Hall traça um paralelo (não necessariamente equivalente) entre a forma que o indivíduo se vê e a maneira que o mesmo é visto; representação e interpretação, termos usados por ele, são perspectivas diferentes do mesmo sujeito cuja identidade é principalmente uma "celebração móvel" (HALL, 2004, p.13).

A própria definição de Hall sobre identidade do sujeito pós-moderno trata de questões acerca do híbrido, uma vez que ele diz que esta identidade é a junção de outras e que está sempre aberta às mudanças. Este tipo de identidade, segundo o próprio teórico, é muito mais perturbadora, pois é livre e rejeita definições permanentes. Assim como em *Grande Sertão*, Hall imprime em sua teoria o aspecto do provisório uma vez que admite que as formulações do livro em questão estão abertas a contestações. (HALL, 2004, p.8) Assemelham-se, portanto, o entendimento de Hall acerca da identidade, a proposta de sua teoria, as reflexões no

romance de Rosa e o sujeito *transgender*: todos provisórios, no campo do hibridismo, do agonístico, em processo constante de reformulações.

Há também uma menção à erosão de uma "identidade mestra". Tal erosão se dá em diversos aspectos no processo de formação do sujeito e das relações que o rodeiam. Sendo esta erosão a responsável pelas transformações, por insistir no desgaste do rígido e dar a ele espaço para aglutinação de novos prismas, novas formas. A maestria dessa identidade é colocada sob suspeita e o benefício desta dúvida está para além do individual.

O hibridismo, em suas mais variadas possibilidades, se faz presente no corpo em diversos aspectos. Ele existe unindo, seja em harmonização ou em conflito explícito, biologia e cultura, pulsão de vida e de morte, *animus* e *anima*, feminino e masculino, entre outras infinitas ditas dicotomias. Se não fora a opressão e a cobrança social, no entanto, o corpo daria conta de todas essas aparentes duplicidades, mas a ele só é permitido escolher um dos lados do que quer que seja e atrelar-se a ele por todo o sempre. O corpo frequentemente recebe atribuições externas que revogam o ser descontínuo, enfatizando uma fantasia de identidades coerentes. Mas é possível partilhar reflexões menos partidárias, unilaterais e perceber o belo no conflito do movimento: "O senhor... Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando." (ROSA, 2006, p.23) Essas mudanças podem ser vividas por qualquer sujeito que não se permite ser estratificado. Os/as *transgenders*, especificamente, são exemplos claros desse movimento.

Ao longo do romance, o "ser/estar homem" exercido por Diadorim não é colocado em dúvida. Tanto para Riobaldo quanto para os outros jagunços, aquele é um corpo masculino. Como já foi referido no item 2.4 desta tese, ao tratar o corpo como uma situação, Simone de Beauvoir reafirma a transitoriedade do corpo, de suas possibilidades, de suas expressões e desejos. Beauvoir traz a questão do tornar-se mulher e questiona o que já estava pacificado pela biologia. O corpo biológico assume, então, um papel fluido, provisório e instrumental, mas nunca limitador se o sujeito assim não permitir. Além disso, mesmo tendo a filósofa existencialista tratado apenas do corpo biológico feminino, pensá-lo como situação pode transportar-se, enquanto reflexão, para o corpo do/a *transgender*. Aquilo que é fluido e efêmero, que viabiliza o movimento é a representação do que é legítimo no

sujeito. Aqui não aplico o termo legítimo para me referir a qualquer regra de normalidade, mas para flexibilizar todas as chances de apresentação de corpos, e subjetividades na mulher masculina.

A maioria das pessoas se percebe em dificuldades quanto ao entendimento sobre o que quer que se apresente híbrido, carecendo de separações nítidas, ainda que estas sejam ilusórias. Riobaldo não foge a esta regra, porém percebe que apesar de compartilhar desta necessidade do binário, a origem das coisas não se apresenta desta maneira:

> Que isso foi o que sempre me invocou, o senhor sabe: eu careço de que o bom seja bom e o ruím ruím, que dum lado esteja o preto e do outro o branco, que o feio fique bem apartado do bonito e a alegria longe da tristeza! Quero os todos pastos demarcados...Como é que posso com este mundo? A vida é ingrata no macio de si; mas transtraz a esperança mesmo do meio do fel do desespero. Ao que, este mundo é muito misturado. (ROSA, 2006, p.221)

O corpo do/a *transgender*, contudo, inevitavelmente rejeita as escolhas unilaterais e vivencia a riqueza e a torpeza da duplicidade, os louros e as dores do trânsito. Enquanto o mundo contemporâneo é caracterizado pelo uso de máscaras moldadas à uniformização, enquanto as performances impostas tornam-se o real por ser a regra, *transgenders* ocupam-se do desvelar-se, do conflito trazido pela ambiguidade, seja ela claramente exposta ou vivenciada no íntimo. Esta ambiguidade, este caminhar entre o que é aparentemente antagônico pode ser percebido tanto pelo que vive o entrelugar em seu corpo quanto pelo/a espectador/a:

> Diadorim, nas asas do instante, na pessoa dele vi foi a imagem tão formosa da minha Nossa Senhora da Abadia! A santa... Reforço o dizer: que era belezas e amor, com inteiro respeito, e mais o realce de alguma coisa que o entender da gente por si não alcança.
> Mas repeli aquilo. Visão arvoada. [...] De que jeito eu podia amar um homem, meu de natureza igual, macho em suas roupas e suas armas, espalhado rústico em suas ações?! Me franzi. Ele tinha a culpa? Eu tinha a culpa? Eu era o chefe. O sertão não tem janelas nem portas. E a regra é assim: ou o senhor bendito governa o sertão, ou o sertão maldito vos governa...Aquilo eu repeli? (ROSA, 2006, p.495)

Riobaldo percebe aquele sujeito andrógino, ainda que apenas por um instante; e assim como indivíduo que faz parte do *corpus* social e segue suas regras, repele aquela possibilidade. Diadorim, na imagem formosa da santa era macho em

roupas e armas. Para o narrador, lidar com o plural em um corpo "apenas" ainda era impossível.

Sendo o corpo, inclusive o do/a *transgender*, o espaço, o limite, ferramenta essencial – é nele onde o sujeito exercerá o direito de originar significados, mas não é necessariamente nele que esse exercício se encerrará. Pois o corpo não deve ser sede prisional de desejos e aquele que não se sujeita às molduras impostas exerce mais livremente sua subjetividade, alongando o raio de alcance da sua fluidez que nunca cessa.

Diadorim não fez do seu corpo biológico feminino espaço limite de seus desejos, tivessem eles origem na expressão de gênero ou na vingança. Ao contrário, o personagem exerceu seu direito ao híbrido e fluiu, a partir de outros prismas, para outras direções, onde o binário não alcança. Foi Maria, foi o Menino, Reinaldo, Diadorim e quantos mais tenham habitado aquele corpo incoerente, caótico e plural que cedeu espaço ao desejo. Como Halberstam explica sobre alguns personagens *transgenders*, estes são capazes de apresentar um senso do "eu" que não deriva do corpo (HALBERSTAM, 2005, p.76). Por isso, talvez essa expansão irrestrita, que ultrapassa questões físicas e/ou biológicas.

Em "Devaneios sobre o devaneio", Gaston Bachelard se refere à ideia de C. G. Jung que parte do princípio de que o sujeito é andrógino. Tal proposição nos apresenta a expressão da dualidade no indivíduo, tendo como intuito, além disso, mostrar que esta dualidade pretende, em sua origem, formar um todo, e não dividir. Tal proposição reforça que aquilo que se interpreta como masculino e feminino não precisa, necessariamente, estar em oposição ou ser separado, mas que, no inconsciente, se complementam, formam um todo harmônico. *Animus* e *anima,* dois substantivos para uma única alma representam um único arquétipo, e não dois:

> De todas as escolas da psicanálise contemporânea, a de C. G. Jung é a que mais claramente demonstrou ser o psiquismo humano, na sua **primitividade**, andrógino. Para Jung, o inconsciente não é um consciente recalcado, não é feito de lembranças esquecidas – é uma natureza primeira. O inconsciente, por conseguinte, mantém em nós poderes de androginidade. Quem fala de androginidade toca, com uma dupla antena, as profundezas do seu próprio inconsciente. (BACHELAR, 2009a, p.55, grifo meu)

Desta maneira, pode-se analisar Diadorim como um personagem audacioso por se permitir aprofundar em si assim como expressar-se em desacordo social, mas de acordo com as oscilações do que há de primitivo em seu inconsciente.

É notório que, devido às inúmeras atribuições dadas a cada sexo, a vida social moderna faz refrear essa androginia primitiva, moldando, desta forma, macho e fêmea conforme exigências alheias ao indivíduo. A matização inata do sujeito é apagada para o avivamento de apenas um, sendo este “um”, uma produção do sistema em benefício dele próprio. Desta forma, o sujeito se perde, desagregando a autenticidade do seu “eu”: "A opinião das outras pessoas vai se escorrendo delas, sorrateira, e se mescla aos tantos, mesmo sem a gente saber, com a maneira da ideia da gente!" (ROSA, 2006, p.462)

No entanto, reforçando o discurso que aponta a primitividade como andrógina, há ainda a ideia de que na origem, não se conhece censuras; portanto, é nela que se exercita possibilidades que serão, mais tarde, proibidas. As crianças, bons exemplos de sujeitos livres da censura, não conhecem diferenças de atribuições de tarefas entre o corpo masculino e o corpo feminino, assim como também desconhecem limites para seus devaneios até que os adultos, indivíduos impregnados pelas regras arbitrária e engenhosamente impostas, demonstrem com a linguagem, em suas diversas formas, o que devem ou não fazer, pensar, sentir, devanear. Enquanto criança, Riobaldo não demonstra qualquer culpa ou noção de pecado por desejar a companhia daquele menino, ou por querer que o gostar fosse recíproco. Somente mais tarde, quando o Menino se apresenta como Reinaldo é que há vergonha, culpa e questionamentos.

Um exemplo claro de que o sistema só trabalha em benefício próprio é a situação pela qual passam os intersexuais no período pós-nascimento. Apresentar um corpo que expõe a genitália masculina e feminina em concomitância é razão para que a medicina, enquanto instituição, se julgue hábil para determinar qual é o único sexo que poderá existir naquele corpo. A duplicidade é apagada, ou melhor, extirpada daquela existência. O benefício do sistema não necessariamente implica preocupação com o bem-estar individual.

Entre outras instâncias reguladoras, a razão e a religião podem se apresentar como claramente castradoras do ser, inibidoras dos desejos, do ser que se expressa desejante. Colaboradoras desse sistema discursivo que se direciona do exterior para o indivíduo, tanto a razão quanto a religião tomam forças de natureza, vestindo as máscaras do razoável, da normalidade, do divino, da bondade convencionada. No entanto, todos esses discursos podem, a partir de outra perspectiva, representar

vetos contra o sujeito que intenciona, mesmo que inconscientemente, exercer sua fluidez e pluralidade.

Em *Grande Sertão*, Riobaldo explica a sua relação com a religião enquanto instância que doutrina o indivíduo e contém seus impulsos.

> Hem? Hem? O que mais penso, testo e explico: todo-o-mundo é louco. O senhor, eu, nós, as pessoas todas. Por isso é que se carece principalmente de religião: para se desendoidecer, desdoidar. Reza é que sara da loucura. No geral. Isso é que é a salvação-da-alma... Muita religião, seu moço! Eu cá, não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Bebo água de todo rio... uma só, para mim é pouca, talvez não me chegue. Rezo cristão, católico, embrenho a certo; e aceito as preces de compadre meu Quelemém, doutrina dele, de Cardéque. Mas, quando posso, vou no Mindubim, onde um Matias é crente, metodista: a gente se acusa de pecador, lê alto a Bíblia, e ora, cantando hinos belos deles. Tudo me quieta, me suspende. Qualquer sombrinha me refresca. Mas é só muito provisório. (ROSA, 2008, p.16)

Essa loucura referida por Riobaldo se assemelha à primitividade que dá espaço para a manifestação dos desejos. Sendo deste estado que a religião e a ciência objetivam resgatar o sujeito. Sarar das loucuras permitidas pelos devaneios, pela fluidez é função tanto da religião quanto da razão, embora essas possam ser contraditórias. Riobaldo, contudo, nem sobre este aspecto, se permite enrijecer e opta pela multiplicidade de práticas, pelo movimento entre as várias formas de “desdoidar”.

Tudo é provisório, inclusive em *Grande Sertão,* desta maneira, nem Riobaldo nem Diadorim escapariam de alguma forma dessa fluidez, dessa "loucura" humana. Por outro lado, Riobaldo não se permite viver o desejo por Diadorim e, apesar de consciente dele, tenta se afirmar no heterocentrismo. Diadorim, por sua vez, não causa questionamento quanto a seu gênero, pois apenas dá prosseguimento às suas características masculinas. De acordo com Halberstam, gays, lésbicas e *transgenders* não necessariamente vivem de maneira muito diferente do que é esperado de alguém que encontre no heterocentrismo algum pertencimento. Nem todas as sexualidades objetivam subverter. No entanto, o *transgenderism* oportuniza performances únicas de masculinidades não dominantes. (HALBERSTAM, 1998, p.40) E acrescenta:

> [...] parte do que tem tornado *queerness* convincente como forma de auto descrição na última década tem a ver com seu potencial para abrir novas

> narrativas de vida e relações alternativas com o tempo e o espaço. (HALBERSTAM, 2005, p.1-2)[111]

Partindo deste prisma, conclui-se que os dois personagens, apesar de não romperem social e abertamente com as regras, são capazes de provocar no/a leitor/a reflexões sobre possibilidades de se estabelecer novas relações com outro, com o tempo, com o espaço.

Pensar o *transgender* como sujeito paradoxal e assim refletir sobre suas possibilidades representa o reconhecimento dos “opostos” que se sintetizam. É importante mencionar, inclusive, que esses opostos não necessariamente se apresentam como apenas um contra apenas um outro, pois assim o binarismo maniqueísta seria reforçado. Penso, então, nas manifestações plurais, fluidas, em conflito ou não sobre o que quer que se refira à subjetividade do indivíduo. "Porque a cabeça da gente é uma só, e as coisas que há e que estão para haver são demais de muitas, muito maiores diferentes, e a gente tem de necessitar de aumentar a cabeça, para o total." (ROSA, 2006, p.311).

E por que não pensar também em Riobaldo como sujeito que mistura o que deveria ser apartado segundo as normas? Afinal, enquanto homem biológico, ele se mostra capaz tanto de amar mulheres de toda sorte quanto outro homem, um jagunço (como Diadorim se apresentava a ele): "Com meu amigo Diadorim me abraçava, sentimento meu ia-voava reto para ele..." (ROSA, 2006, p.21) E mais tarde, "[...] a voz dele era o tanto-tanto para o embabo de meu corpo. Noite essa, astúcia que tive uma sonhice: Diadorim passando por debaixo de um arco-íris. Ah, eu pudesse mesmo gostar dele – os gostares..." (ROSA, 2006, p.50).

Riobaldo não ama como um homem ordinário que segue uma cartilha de normas, ele ama livre, ainda que em silêncio, ama pessoas, e não o sexo biológico delas. Sobre Otacília e Diadorim, ele diz, respectivamente: "Me airei nela, como a diguice duma música, outra água eu provava. Otacília, ela queria viver ou morrer comigo [...]. Mas os olhos verdes sendo os de Diadorim. Meu amor de prata e meu amor de ouro." (ROSA, 2006, p.51-52)

Por vezes, não há a consciência do Outro que habita o sujeito, principalmente que este Outro pode ser plural e que, além disso, este habitar não é um processo

[111] O texto em língua estrangeira é: "part of what has made queerness compelling as a form of self-description in the past decade or so has to do with the way it has the potential to open up new life narratives and alternative relations to time and space."

estático. Em geral, este habitar requer um construir, um repensar constante e desenraizado. É o corpo que se volta para o “eu” enquanto ilha, enquanto útero representativo da origem, ainda que imaginário e mítico. Habitar o próprio corpo construído e refletido sobre si mesmo implica habitar este nada repleto de significância. Mais do que isso, é ter um lugar próprio para se experienciar a androginidade a qualquer instante. Penso, portanto, no habitar-se, habitar o próprio corpo de forma fluida e desatrelada das fórmulas impostas e na consequente infinidade de possibilidades que há para se expressar, assim então donos de si. Para tal, é preciso demorar-se em pensamentos, reflexões, situações: "Só outro silêncio. O senhor sabe o que o silêncio é? É a gente mesmo, demais." (ROSA, 2006, p.422) Habitar-se é um processo longo de relações estabelecidas com Outros, com o mundo, mas principalmente com o “eu”. É o empoderamento da própria subjetividade.

Habitar o próprio corpo é como um sinônimo de conhecimento de si, de seus desejos e potencialidades. O corpo em si não é garantia de existência. Ele existe para o mundo e para o próprio sujeito à medida que ele incorpora significados. Estes podem advir de formas diversas. Uma dessas formas, talvez a mais difundida, é o sentido do corpo enquanto sujeito social, sendo o contato refletido com o outro o que faz o ser, ser humano, como nos explica Stuart Hall. Riobaldo e Diadorim conheciam-se também diante da relação que se estabeleceu de um com o outro, pois antes eram outros, outros desejos, outros anseios. Conheceram algo novo em si quando se conheceram, novo despertar: "Demos no Rio, passamos. E, aí, a saudade de Diadorim voltou em mim, depois de tanto tempo, me custando seiscentos já andava, acoroçoado, de fogo de chegar, chegar, e perto estar. Cavalo que ama o dono, até respira do mesmo jeito." (ROSA, 2006, p.72-73) O trecho começa com uma passagem geográfica, fluida, o encontro com o rio e o atravessá-lo, simbólico inclusive. E então a saudade que desperta uma sintonia instintiva como a respiração de um animal. A relação entre os personagens em questão não obedecia à moldura padrão, mas àquilo que os habitava.

Desta forma, posso ressaltar a relação entre o habitar e o construir de Martin Heidegger já referido no ítem 2.2 desta tese: “Parece que só é possível habitar o que se constrói. Este, o construir, tem aquele, o habitar, como meta.” (HEIDEGGER, 2002b, p.125) O corpo é algo construído para morada, é o tangível. No caso do/a *transgender*, no entanto, o sujeito não consegue habitar aquele corpo biológico de

forma harmônica, pois não se sente confortável ou representado por ele. É preciso construí-lo, reconstruí-lo para que o habitar seja a próxima etapa do processo. O habitar enquanto aprendizado requer sempre formas novas de repensar, repensar o corpo (o que foi construído para morada), repensar o constante desenraizar-se, o habitar de formas diferentes, enfim, repensar novas convocações do "eu" naquele mesmo espaço.

É esse processo infindável de reconstruções que marca fundamentalmente o sujeito *transgender*. Maria Deodorina/ Reinaldo/ Diadorim passa por várias maneiras de desvelar-se e mostra "eus" diversos no mesmo espaço-corpo. O personagem passa por tensões de seus vários e, muitas vezes, antagônicos "eus", mas persiste na ousadia a fim de dar vida a eles. Do contrário, haveria o recuo em vez da expansão:

> Olerê, baiana..
> eu ia e não vou mais:
> eu faço
> que vou
> lá dentro, oh baiana!
> e volto do meio pra trás... (ROSA, 2006, p.67)

E não é dessa forma que desvia-se das novas experimentações, dos novos caminhos? O/a *transgender* está mergulhado em um universo de hesitação. A percepção disso, todavia, é o fator diferencial capaz de levar à reflexão. A exemplo, cito o próprio Riobaldo:

> Meu corpo gostava de Diadorim. Estendi a mão, para suas formas; mas, quando ia, bobamente, ele me olhou – os olhos dele não me deixaram. Diadorim, sério, testalto. Tive um gelo. Só os olhos negavam. Vi – ele mesmo não percebeu nada. Mas, nem eu; eu tinha percebido? Eu estava me sabendo? Meu corpo gostava do corpo dele, na sala do teatro. Maiormente.[...] Que é que queria? Não quis o que estava no ar; para isso, mandei vir uma ideia de mais longe. Falei sonhando: – "Diadorim, você não tem, não terá alguma irmã, Diadorim?" – voz minha; eu perguntei. (ROSA, 2006, p.182)

A irmã desejada por Riobaldo talvez habitasse aquele corpo com o qual ele falava. O corpo que se expressava masculino poderia também ser habitado pela androginidade. O/a *transgender* ousa constantemente por permitir que o duplo o/a habite, por reconstruir-se fluido. E, principalmente, sem qualquer pretensão de estabelecer um discurso piedoso, mas com a intenção de constatar, o/a *transgender*

ousa por suportar o dinamismo, o construir e desconstruir das interpretações alheias, sejam estas despoticamente atrozes ou não.

Diferentemente dos/as transexuais que passam por cirurgias de transgenitalização a fim de adequar-se ao outro lado do binário por razões diversas (que não pretendo explorar aqui), os/as *transgenders*, ainda que possam "passar por", estão mais focados em expressar o gênero desejado do que ter os órgãos genitais adequados. Os motivos de um não desvalorizam os motivos do outro, apenas os diferenciam quanto aos propósitos do uso do corpo como ferramenta de expressão.

Bachelard reconhece a complexidade do binário (masculino/feminino) e de seus desdobramentos inerentes. Além disso, o filósofo corrobora um apagamento das dicotomias institucionalizadas e propõe um olhar para além do dualismo simplório através da seguinte reflexão: "Não se trata, aliás, de uma dialética verdadeiramente paralela, que opera num mesmo nível, como a pobre dialética dos sim e dos não. A dialética do masculino e do feminino se desenvolve num ritmo da profundeza". (BACHELARD, 2009a, p.57)

Não se pode tratar essa questão de forma reducionista apontando apenas para a aparente obviedade da separação entre masculino e feminino. Tal abordagem é superficial bem como determinista. Assim como também não se deve simplificar a união entre essas representações, pois como já foi mencionado, as significâncias desta junção estão para muito além do evidente. Sendo assim, essa união não pretende, em sua origem, ser dual e, talvez por isso, a palavra "união" nem seja adequada. O que existe na origem pode se assemelhar a um espaço psíquico matizado e harmonioso, onde a supremacia momentânea de um não anule a existência do outro, onde esses papéis possam se alternar, sem sofrimento. O mergulhar nas profundezas não implica conhecer a origem do duplo, mas reconhecer que a origem é fluida, permissiva e que, assim como a subjetividade *transgender*, talvez nem se dispusesse à separação, pois "[...] no viver tudo cabe." (ROSA, 2006, p.69)

Além disso, é importante que, socialmente, se acorde em discordar de forma permanente e acolhedora. Perspectivas são idiossincráticas e individuais, ainda que não tenham essa aparência. A coerência que o outro, ou os outros experimentam, sejam eles externos e/ou internos, nem sempre parecerá retilínea, sensata, pois não

é mesmo para ser dessa forma. "Homem, sei? A vida é muito discordada. Tem partes. Tem artes." (ROSA, 2006, p.504)

3.4 **TRAVESSIAS CONSTANTES NO CAMINHAR**

No item 1.1 desta tese, citei a historiadora Susan Stryker acerca dos/das *transgenders.* As palavras escolhidas por ela para delinear o que interessa a esta subjetividade remetem às travessias no *Grande sertão*: "[...] é o movimento através de uma fronteira imposta socialmente longe de um lugar inicial não escolhido – em vez de qualquer destino particular ou modo de transição". (STRYKER, 2008, p.1) Caracteriza-se a supremacia do movimento e do atravessar sobre a biologia do nascimento ou qualquer objetivo no "fim" da trajetória. Neste segmento, privilegiarei algumas perspectivas filosóficas que congregam a questão do movimento, da travessia, do provisório e do fluido na trajetória de Diadorim. Questões tais como o papel desempenhado pelo sertão, a emblemática fluidez do rio, a interferência do Estado e a aparente liberdade serão abordadas, pois caminham ao lado da construção caótica da subjetividade *transgender*. As perspectivas serão predominantemente de Riobaldo, uma vez que é através dele que conhecemos Diadorim, enquanto sujeito plural.

No romance, travessias são espaços que propõem significados inesgotáveis, sempre abertos à possibilidade do ir e vir no percurso. Há, portanto, inúmeros desdobramentos no atravessar que podem levar à pluralização do indivíduo, seu *trâns*ito, suas *trans*formações, ao *transgenderism*.

Se a referência para esta análise da masculinidade na mulher é o sujeito que escolhe o movimento em sua trajetória, observo que este normalmente se propõe a refletir sua condição, construir pontes entre suas perspectivas e tudo aquilo que se apresenta alheio ou diferente. E, mais do que isso, ao atravessar essas pontes, o sujeito agrega possibilidades, se reconstrói, se reposiciona.

Ao ressaltar a importância do movimento, não me refiro ao movimento apressado, mas à fluidez. Pois, é mister apontar que, no sertão de Guimarães Rosa, sobrevive o que souber se demorar, tanto os personagens quanto os/as leitores/as.

A obra confirma a necessidade de pausa ao ser iniciada por um travessão. Como aponta Donaldo Schuller,

> a literatura de Guimarães Rosa não é endereçada a leitores apressados, nem se rende a quem não está interessado em conquistá-la. A palavra vale como palavra. Não lê Guimarães Rosa quem não o lê palavra por palavra e não o relê depois de já o ter lido com todo o vagar. (SCHULLER, 1991, p.367)

O movimento, o vagar, a pausa são espaços de transcendência criados por Rosa capazes de remontar o nada que, paradoxalmente, é tão permeado por tudo e repleto de significância. O sertão, travessia principal presente na obra, nos remete a um *locus* geográfico que convida à reflexão, pois há espaço, há tempo, há ocasião para se demorar.

A demora na travessia é conhecida do/a *transgender*, cuja concentração está no entrelugar. Demora tanto que pode-se dizer que habita aquele lugar. O habitar aqui, novamente, implica também um processo demorado de escuta (de si, muitas vezes), de integração (com aquilo que foi construído, consigo, com o corpo).

Construir significa criar espaços para que as relações mais sublimes possam acontecer. E são nesses espaços onde ocorrem os desencobrimentos que são pontes, travessias, muito presentes na obra de Guimarães Rosa. Como é percebido no trecho a seguir, o sertão foi o espaço encontrado por Riobaldo e Diadorim para que o amor, o desejo, o múltiplo fossem construídos, mesmo que secretamente, desvelados apenas para eles próprios:

> Ao cada dia mais distante, eu mais Diadorim, mire veja. O senhor saiba – Diadorim: que, bastava ele me olhar com os olhos verdes tão em sonhos, e, por mesmo de minha vergonha, escondido de mim mesmo eu gostava do cheiro dele, do existir dele, do morno que a mão dele passava para a minha mão. O senhor vai ver. Eu era dois, diversos? O que não entendo hoje, naquele tempo eu não sabia. (ROSA, 2006, p.489)

Assim como Diadorim, Riobaldo era mais que dois, era sujeito atravessado por identidades diversas, construído com bases plurais. Essas pontes deixam espaço para um trânsito fluido, titubeante, que se permite equivocado e provoca reflexão, reconstruções. Elas permitem que o sujeito caminhe novamente, talvez pela mesma ponte, uma subjetividade diferente. Além disso, é através do olhar desse narrador questionador que enxergamos as nuances de Diadorim, seus conflitos e desencobrimentos.

Sobre as pontes contruídas entre as ambiguidades aparentes, Eduardo Coutinho ainda afirma:

> Ser contraditório, bandido e ao mesmo tempo herói, capaz de ações tanto vis quanto nobres, soldado e marginal, defensor de uma sociedade que o explora pelo seu valor e condena pelas suas ações, este é o jagunço que se encontra nas páginas do Grande sertão: veredas. [...] Esta ambiguidade do jagunço, que faz Riobaldo constantemente oscilar entre o desejo e ao mesmo tempo repulsa de identificar-se com ele, [...] no romance de Rosa [o jagunço] é um ser múltiplo e contraditório, que transcende qualquer limitação que lhe queiram atribuir. (COUTINHO, 1993, p.99-100)

Diadorim, portanto, desperta em Riobaldo o desejo conflituoso. Além de todas as ambiguidades que circundam o universo do jagunço, há ainda e, principalmente, a questão do gênero, travessia feita a partir, não de seu sexo biológico, mas de seus desejos, de origens diversas.

O jagunço de Rosa é a representação do humano, seja no sertão ou fora dele, na escassez ou no excesso. E assim se dá com Diadorim que, embora esteja biologicamente camuflado, torna-se um jagunço, igual a qualquer outro. Suas partes não podem ser excludentes e apenas são contraditórias porque assim os rótulos sociais demandam. Diadorim não se restringe às classificações, pois os nomes ou símbolos não dão conta de sua complexidade, da complexidade do ser humano.

Em *As formas do falso*, Walnice Galvão trata da ambiguidade que atravessa o romance:

> [...] tudo se passa como se ora fôsse ora não fôsse, as coisas às vezes são e às vezes não são. Como, todavia, esses pares não chegam a constituir-se em opostos, [...] não se pode falar em contradição mas apenas em ambiguidade. [...] Se o princípio organizador é a ambiguidade, a estrutura do romance é também definida por um padrão dual recorrente. A coisa dentro da outra, como o batizei, é um padrão que comporta dois elementos de natureza diversa, sendo um o continente e outro o conteúdo. [...] Nas linhas mais gerais tem-se o conto no meio do romance, assim como o diálogo dentro do monólogo, a personagem dentro do narrador, o letrado dentro do jagunço, a mulher dentro do homem, o Diabo dentro de Deus. (GALVÃO, 1972, p.13)

A associação feita por Galvão se faz presente ao longo de todo o romance, uma vez que esses "conjuntos dicotômicos" são frequentemente formados. Não necessariamente na mesma ordem de continente e conteúdo, pois aí, talvez, expressar-se-ia um juízo de valor sobre o que contém e o que é contido, mas todas essas relações são parte do humano e de seus questionamentos.

A mulher dentro do homem e o homem dentro da mulher, é o que enquanto sujeitos autônomos, busca-se ter o direito de exercer livremente. Sem regras acerca do percentual permitido para expressar-se homem enquanto mulher biológica ou o contrário é o que se deseja a respeito das questões de gênero. Que não tenha amarras, mas que percebam, em vez disso, o emaranhado que é o sujeito *transgender* representado aqui por Diadorim.

Ao propor a questão sobre "a coisa dentro da outra" como faz Galvão, pode-se, inclusive, pensar um outro dentro de si, como Riobaldo explica sua relação com Diadorim: "Ele gostava, destinado, de mim. E eu – como é que posso explicar ao senhor o poder de amor que eu criei? Minha vida o diga. Se amor? Era aquele latifúndio. Eu ia com ele até o rio Jordão... Diadorim tomou conta de mim." (ROSA, 2006, p.193) Ao afirmar que Diadorim tomou conta dele, conclui-se que Diadorim, com toda sua complexidade, está internalizado por ele; portanto, o que habita Riobaldo é plural.

A imensidão do sertão rosiano faz com que o/a leitora se depare com inúmeras veredas a cada frase. Ao falar em latifúndio, penso na grandiosidade daquele sertão e ao supor a ida ao rio Jordão, suponho quantas travessias fariam até lá. Ainda que tal jornada não tenha ocorrido geograficamente, Reinaldo e Diadorim, juntos, foram protagonistas de várias travessias, construíram diversas pontes: entre o letrado e o jagunço, o desejo e a ação, o saber e o questionar, a mulher biológica e o masculino, entre o sertão e as veredas. Além disso, a relação entre o querer o nada e o tudo, entre o ser e o estar apontam para identidades que se permitem amplas.

Partindo desse ponto de contato entre lados que não se opõem, mas se congregam, percebe-se o quanto as formas de masculinidades permitem reflexões que culminam em travessias fluidas, onde não há espaço para um sentido único e, em vez disso, possibilita o trânsito livre. A ideia da "coisa dentro da outra" me remete imediatamente ao redondo de Gaston Bachelar e o congregar em si em um espaço onde o continente seria o sujeito e o conteúdo, todas as construções da subjetividade. Quando Guimarães Rosa decide, através da técnica, que não escolherá entre um ou outro, mas unirá um e outro, ele escolhe o movimento aparentemente incoerente que há em tudo, em todos.

Paralelamente, a figura do/a *transgender* no romance retrata essas junções que se ramificam em vários outros aspéctos da narrativa. E, incansavelmente, constato ratificações do plural, do diversificado como natural.

> Embora uma das aparências do sertão possa ser radicalmente diferente de outra não muito distante – a caatinga sêca ao lado de um luxuriante barranco de rio, o grande sertão rendilhado de suas veredas –, o conjunto delas forma o sertão, que não é uniforme, antes bastante diversificado. (GALVÃO, 1972, p.26)

O sertão é terra fértil para a pluralidade e para a fluidez do/a *transgender*. Assim como no sertão, em Diadorim a ambiguidade é uma constância. Segundo Leonardo Vieira de Almeida em seu artigo "Diadorim: o pacto como emblema trágico do corpo", o personagem é ambíguo em abundância de aspectos:

> O emblema em Diadorim salienta a ambiguidade do corpo que não se cala inteiramente pela 'ordem' a que remetem as vestes jagunças. Seus olhos são verdes: ao mesmo tempo esperança e perdição; vida e morte: vegetação e cor dos corpos apodrecidos. A esmeralda, uma pedra papal, é também a de Lúcifer antes da sua queda. Embora o verde, enquanto medida, fosse o símbolo da razão – os olhos de Minerva – na Idade Média tornou-se também o símbolo do irracional e o brasão dos loucos. Essa ambivalência é igual a de todo símbolo ctoniano: Satanás, num vitral da Catedral de Chartres, possui pele e olhos arregalados verdes.[112]

Diadorim, tanto como subjetividade quanto como corpo, se apresenta, desde o início, como um personagem atravessado por questões ambíguas. É movido pelo ódio que encontra o amor, é homem no corpo de mulher, é "neblina" como diz Riobaldo (ROSA, 2006, p.24). Diadorim não se permite ser um ou outro, mas um **e** outro. A constância é nas pontes, no trânsito delas. O ambíguo atravessa não apenas Diadorim, mas as relações construídas a partir desta mulher masculina, de seus desejos e objetivos.

Além da multiplicidade a respeito de Diadorim, vale ressaltar que o nome do narrador/personagem, inclusive, nos remete à fluidez de um rio, Rio-baldo, o que é fluxo, o que quer ser fundo às vezes, e raso, outras. E exatamente como um rio que se mostra simples, Riobaldo também caminha com a aparência dessa simplicidade que, contudo, é capaz de des/encobrir profundezas.

As ambiguidades ultrapassam as personagens e habitam também o sertão, como explica Coutinho:

---

[112] Disponível em www.filologia.com.br/ixcnlf/7/01.htm

> Assim como o protagonista do Grande Sertão Veredas é simultaneamente um tipo regional e um personagem universal que transcende sua tipicalidade por meio da dimensão humana de que é dotado, o sertão presente no romance de Guimarães Rosa é uma região múltipla e ambígua, correspondente, num plano, a uma área física, geográfica, localizada no interior do Brasil, e noutro, a uma realidade interior, espiritual ou psicológica, sem fronteiras externas podendo ser vista como um microcosmo do mundo. (COUTINHO, 1993, p.15)

Encontro profundidade no sertão em suas duas representações aqui colocadas. Pois seja quando for espaço geográfico árido e vasto ou realidade interior, ele convida à reflexão, aceita o plural, pois seus vazios são convites aos encontros, aos preenchimentos ou às resignações ao próprio vazio. É importante ressaltar o quanto o sertão respaldou o exercício de algumas facetas da masculinidade de Diadorim por se apresentar como uma região que tanto é quanto permite o múltiplo, o complexo e o ambíguo.

Como se fosse um personagem, o sertão reage, segundo Coutinho, de uma forma dialética com o outro. Não é fixo ou definido, pelo contrário, inter-age de acordo com o sujeito que se apresenta a ele. Nele, há vida para além das pessoas que o habitam ou que por ele transitam. Há vida pulsante na aridez da terra, nas veredas, nas águas dos rios que correm. Ademais, talvez não haja outro espaço mais semelhante ao entrelugar, espaço rotineiro de *transgenders*, de Diadorim, do que entre o sertão e as veredas.

Naquele sertão, uma microrrepresentação do mundo, da vida e das relações nela estabelecidas, habita o imprevisto, a neblina: "O sertão não chama ninguém às claras; mais, porém, se esconde e acena. Mas o sertão de repente se estremece, debaixo da gente..." (ROSA, 2006, p.522)

Em busca da terceira margem: ensaios sobre Grande Sertão: Veredas foi assinado pelo professor Eduardo F. Coutinho e reune questões imprescindíveis acerca do romance em questão. Uma das propostas do livro é perceber o sertão como um microcosmo representativo de conflitos universais:

> Esta visão do sertão como região universal encontra suporte na narrativa no tema da "travessia", palavra empregada repetidamente através de todo o romance. Pois, se, no nível denotativo, o vocábulo se refere às andanças de Riobaldo pelo sertão, suas marchas e contramarchas em prol da causa dos jagunços, no plano conotativo, ele indica o percurso existencial empreendido pelo personagem em busca do sentido das coisas e da essência da condição humana. A vida, no romance, é uma travessia, busca

> do conhecimento, processo de aprendizagem só interrompido na hora da morte, e cada passo dado pelo homem em seu caminho constitui um instante de risco que o coloca diante do mistério e do desconhecido. (COUTINHO, 1993, p.25-26)

Riobaldo e Diadorim, caminhando par a par no sertão, subjetividades ímpares, ensaiando possibilidades e expondo suas pluralidades. O ambíguo, o conflituoso fazia parte deles:

> Ao por tanto, que se ia, conjuntamente, Diadorim e eu, nós dois, como já disse. Homem com homem, de mãos dadas, só se a valentia deles for enorme. Aparecia que nós dois já estávamos cavalhando lado a lado, par a par, a vai-a-vida inteira. Que: coragem – é o que o coração bate; se não, bate falso. Travessia – do sertão – a toda travessia. (ROSA, 2006, p.502)

Há de se ter coragem por toda parte no sertão, ele re-quer isso. Se por um lado, Diadorim ousava ao se expressar de forma masculina tendo um corpo biológico feminino, por outro, Riobaldo cogitava ousar, dar as mãos a Diadorim enquanto homem e caminhar, pareados pelo gênero e pelo amor. Arriscar-se na travessia é lançar-se à imprevisibilidade do sertão: "A gente vive não é caminhando de costas?" (ROSA, 2006, p.559)

O saber sobre o não saber talvez seja uma das raras certezas. Caminhar de costas pode representar a ousadia ou a insegurança, ambas presentes na inquietude do humano, na trajetória do/a *transgender*. Ademais, o que se encontra ao final da travessia nem sempre é o esperado ou desejado, o que corrobora a importância do processo, do caminho.

Em sua dissertação de mestrado, "O homem provisório no grande sertão", o professor Manuel Antônio de Castro, membro da ordem franciscana, filósofo e cientista literário, ressalta que o questionamento sobre o conhecimento é constante, aspecto importante também nas travessias do romance. Segundo Castro, "[t]oda pergunta implica em um saber e um não saber." (CASTRO, 1976, p.24) Desta forma, penso o quanto o antidogmatismo poderia contribuir para a humanidade, abrindo perspectivas e permitindo novos prismas, novos caminhos. Talvez perceba-se, dessa forma, quão limitadoras são essas representações impostas e fechadas do que é ser humano. Pois, questionando, abre-se espaços para novos trânsitos: "'Ah, o que eu não entendo, isso é que é capaz de me matar...' – me lembrei dessas palavras. Mas palavras que, em outra ocasião, quem tinha falado era Zé Bebelo, mesmo." (ROSA, 2006, p.328)

Pois é na busca pelo saber, pelo que há de humano no indivíduo que ele toma consciência da travessia. E o que há de humano não é uma verdade singular e coerente, mas o plural, o desejo de corresponder às suas vontades em vez de obedecer às dos outros, sendo o corpo, inclusive, sede de desejos plurais e atravessamentos:

> Quase desde o princípio. E, naqueles meses todos, a gente vivendo em par a par, por altos e baixos, amaguras e perigos, o roer daquilo ele não conseguia esconder, bem que se esforçava. Vai, e vem, me intimou a um trato: que, enquanto a gente estivesse em ofício de bando, que nenhum de nós dois não botasse mão em nenhuma mulher. Afiançado, falou: - "Promete que temos de cumprir isso, Riobaldo, feito jurado nos Santos-Evangelhos! Severgonhice e airado avêjo servem só para tirar da gente o poder da coragem... Você cruza e jura?!" Jurei. Se nem toda a vez cumpri, ressalvo é as poesias do corpo, malandragem. (ROSA, 2006, p.191-192)

Corpos cujos desejos se tornam poesias no sertão. Riobaldo e Diadorim escrevem em e com seus corpos, seus caminhos, suas travessias.

Quando Riobaldo diz que "[o] rio não quer ir a nenhuma parte, ele quer é chegar a ser mais grosso, mais fundo" (ROSA, 2006, p.434), entendo que assim como o rio, o movimento que o sujeito faz de experimentar outras rotas corrobora a fluidez. Pois empurrar, com sua força, outros tantos pedaços de terra, para baixo, para os lados, pode representar tentativas de percorrer o novo, de ir mais fundo no velho: “O senhor vê, nos Gerais longe: nuns lugares, encostando o ouvido no chão, se escuta barulho de fortes águas, que vão rolando debaixo da terra. O senhor dorme em sobre um rio?” (ROSA, 2006, p.292) Mesmo no sertão, ouve-se e sente-se o movimento fluido entranhado nele.

A insegurança de dormir sobre um rio pode representar metaforicamente a experiência daqueles que vivem na inconstância de seu curso, relegado às margens ou por outra perspectiva, daqueles que percebem ser beneficiados pela fluidez. O rio se permite transitar por margens diversas e assim como para os/as *transgenders*, as margens não são sempre as mesmas. Ser ou estar à margem é também uma experiência plural, pois não há marginalidade estratificada ou singular.

O movimento é central nessa reflexão, tanto sobre os/as *transgender*, mais amplamente, quanto sobre Diadorim. É fundamental ressaltar que os movimentos do rio não objetivam a chegada, o fim, mas se concentram no atravessar. E são sobre essas travessias as principais considerações neste segmento.

Atravessemos, então, todas as pontes que os desejos convocarem, senão as físicas, principalmente as ideológicas. Quando Riobaldo afirma que "[e]xiste é homem humano. Travessia." (ROSA, 2006, p.608) ele desconstrói possibilidades binárias discutidas anteriormente na obra, abrindo espaço para a pluralidade, para o existir em comunhão. Ainda segundo Coutinho, o narrador/personagem evoluíra através da relativização de perspectivas, se desenvolvendo: a partir de um olhar maniqueísta para uma visão de mundo capaz de relativizar as coisas, as pessoas.

Em *Assim falou Zaratustra*, Nietzsche reflete a importância do aventurar-se nas travessias, do lançar-se feito flecha para o outro lado, assim como exalta o sujeito que assim o faz:

> Zaratustra, porém, observava o povo admirado. Então falou assim:
> O homem é uma corda, estendida entre o animal e o super-homem - uma corda por sobre um abismo.
> Um perigoso atravessar, um perigoso estar a caminho, um perigoso olhar para trás, um perigoso arrepiar-se e estacar.
> O que é grandioso no homem é que ele seja uma ponte, e não um fim: o que pode ser amado no homem é que ele seja uma *passagem* e um *ocaso*.
> Eu amo aqueles que não sabem viver a não ser como poentes, pois eles são os que atravessam.
> Eu amo os grandes desdenhosos, pois são os grandes honradores e as flechas do anseio pela outra margem. (NIETZSCHE, 2014, p.25)

Quem é o sujeito *transgender* senão aquele que atravessa, que anseia pela outra margem, mas que acima de chegar ao seu objetivo, é ponte.

É importante ressaltar que o conceito de "super-homem" usado na obra se refere ao termo alemão *Ubermensch*, que se aproxima com mais propriedade do "além-homem", "além-do-humano". Entre o sujeito que se é e o ideal estabelecido por Zaratustra, há uma longa travessia a ser trilhada, talvez e apenas talvez, inalcançável para o homem, pois ir além de si demanda, ao mesmo tempo, sabedoria e reconhecimento da própria ignorância: "E por que era que há de haver no mundo tantas qualidades de pessoas – uns já finos de sentir e proceder, acomodados na vida, tão perto de outros, que nem sabem de seu querer. [...] Por que?" (ROSA, 2006, p.389). Esse caminho, portanto, só pode ser percorrido através de uma transvaloração de sentidos, de rompimentos com normas, do nihilismo e do olhar perspicaz que transcende a moral.

Aqui, no sertão de Guimarães Rosa, encontramos sujeitos trilhando caminhos de rompimentos e superações. A exemplo de Diadorim que ousa cruzar as fronteiras

do gênero e ser múltiplo, eles estão atravessando e sendo pontes em busca de encontros com novos "si próprios", termo também proposto e explicado por Zaratustra:

> Instrumento e joguete são sentido e espírito: por detrás deles encontra-se ainda o si-próprio.[113] O si-próprio busca também com os olhos dos sentidos, escuta também com os ouvidos do espírito.
> Sempre escuta o si-próprio, e busca: ele compara, subjuga, conquista, destrói. Ele domina e é também o dominador do eu.
> Por detrás de teus pensamentos e sentimentos, meu irmão, encontra-se um poderoso regente, um sábio desconhecido - seu nome é si-próprio. Ele vive em teu corpo, teu corpo é dele. (NIETZSCHE, 2014, p.43)

Dando espaço ao si-próprio, lançam-se corpos avalizados por si, atravessando sertões internos e criando pontes, firmes ou não.

O sertão é o lugar para esvaziar-se e encontrar-se com o si-próprio, pois há espaço vasto para o ser impermanente, para o estar, ainda que seja árido. Pois, em geral, é na aridez e não na abundância que se busca o que está além, talvez o além do humano.

As identidades *transgenders* se formam e reformam através dos conflitos e das pontes criadas. Nas novas e constantes caminhadas, eles/elas conhecem o não fixar-se, o habitar o entrelugar, o lugar nenhum. Considerando a definição de Bauman acerca da representação dos nômades em um determinado contexto, pode-se estabelecer uma relação com o papel desempenhado pelos/pelas *transgenders*:

> Os nômades, que faziam pouco das preocupações territoriais dos legisladores e ostensivamente desrespeitavam seus zelosos esforços em traçar fronteiras, foram colocados entre os principais vilões na guerra santa travada em nome do progresso e da civilização. (BAUMAN, 2011, p.21)

Por esse prisma, os/as *transgenders* seriam os nômades do gênero, das identidades, das subjetividades. Desafiam o sistema involuntariamente, apenas por representar subjetividades atravessadas pelo "ilegítimo", pelo itinerante, pelo ilógico. Fazem pouco, mesmo que involuntariamente, das preocupações dos legisladores do comportamento normativo.

Em "O *Logos* e o *Mythos* no universo narrativo de *Grande Sertão: Veredas*", Günter Lorenz reproduz um trecho da entrevista concedida por Guimarães Rosa:

---

[113] Nietzsche contrapõe Ich ("eu") e Selbst, algo que se encontra ainda "por detrás" de nosso eu consciente.

> A lógica é a prudência convertida em ciência; por isso não serve para nada. Deixa de lado componentes importantes, pois, quer se queira quer não, o homem não é composto apenas de cérebro. Eu diria mesmo que, para a maioria das pessoas, e não me excetuo, o cérebro tem pouca importância no decorrer da vida. O contrário seria terrível: a vida ficaria limitada a uma única operação matemática, que não necessitaria da aventura do desconhecido e inconsciente, nem do irracional. Mas cada conta, segundo as regras da matemática, tem seu resultado. Estas regras não valem para o homem, a não ser que não se creia na sua ressurreição e no infinito. Eu creio firmemente. Por isso também espero uma literatura tão ilógica como a minha, que transforme o cosmo num sertão no qual a única realidade seja o inacreditável. A lógica, prezado amigo, é a força com a qual o homem algum dia haverá de se matar. Apenas superando a lógica é que se pode pensar com justiça. Pense nisto: o amor é sempre ilógico, mas cada crime é cometido segundo as leis da lógica. (LOURENZ, 1983, p.93)

Considerando tal ideia como um norte para esta reflexão, poderia pensar ser um crime contra identidades idiossincráticas toda essa lógica heteronormativa e/ou de expressão do gênero de acordo com o sexo biológico. Não limitar a compreensão dos aspectos da vida ao cérebro é um passo para a abertura de novas perspectivas capazes de vislumbrar questões básicas como respeito e acolhimento do desigual, não por um sentimento vão e prepotente de superioridade, mas pelo reconhecimento da multiplicidade do/no humano. Coutinho deixa claro que Rosa não negava, nem menosprezava o racionalismo. Pelo contrário, fazia bom uso da "megera cartesiana" (COUTINHO, 2002, p.113). Contudo, não aceitava a primazia do racionalismo como o único modo de apreensão do real e, em vez disso, celebrava uma "cosmovisão móvel e plural" (COUTINHO, 2002, p.117): "Então o mundo era muita doideira e pouca razão?" (ROSA, 2006, p.345).

Essa cosmovisão fluida é mais uma das várias travessias experimentadas na obra de Guimarães Rosa. Seu sertão, os sertões demandam aventurar-se no desconhecido, crer no ilógico, esvaziar-se de tudo e preencher-se do nada.

Há, no entanto, diversas outras megeras tão cartesianas quanto o racionalismo. As instâncias reguladoras são exemplos claros que inviabilizam pontes entre o que não é devidamente controlado. Ao falar sobre a questão da culpa e questionar-se sobre o início desse sentimento, Riobaldo, talvez não intencionalmente, ressalta a questão da arbitrariedade das normas, do pecado cristão, do imoral: "Sei que tenho culpas em aberto. Mas quando foi que minha culpa começou? O senhor por ora mal me entende, se é que no fim me entenderá. Mas a vida não é entendível." (ROSA, 2006, p.140) A culpa certamente se referia ao desejo

que Diadorim suscitava nele e, por consequência, à noção de pecado cristão e imoralidade construída. Segundo Nietzsche, contudo, pode-se ouvir a melodia para além do encarceramento.

> Ainda se encontra livre também uma vida livre para grandes almas. Deveras, quem pouco possui é ainda menos possuído: seja louvada a pequena pobreza!
> Apenas lá onde o Estado termina começa o homem que não é supérfluo: lá começa a canção do necessário, a melodia única e insubstituível.
> Lá onde o Estado termina – olhai, pois, meus irmãos! Não vedes o arco-íris e as pontes do super-homem? (NIETZSCHE, 2014, p.57-58)

Lá onde o Estado termina é justamente o lugar onde as regras são questionadas e onde o arbitrário não tem mais espaço. É onde o homem começa a ser capaz de refletir “sózinhozinho” sobre seu “si-próprio” e preencher seus vazios particulares, atravessando pontes, superando o homem enquanto sujeição do Estado e podendo, talvez, vislumbrar o arco-íris.

Diante do exposto, haverá sempre os que insistem em propagar que o "natural" é como uma unidade coerente, que o sujeito "normal" é singular em atitudes e rígido em pensamentos: "De Diadorim eu devia de conservar um nôjo. De mim, ou dele? As prisões que estão refincadas no vago, na gente." (ROSA, 2006, p.316) O que se desvela por trás de tais imposições são redes muito bem engendradas a fim de evitar grandes questionamentos sociais a respeito das regras impostas. A massa manipulada é, portanto, tornada força útil. O título escolhido por Galvão para um de seus capítulos sobre os jagunços retrata com destreza essa habilidade das elites sociais: "O inútil utilizado." (GALVÃO, 1972, p.41)

> Membro de um grupo armado a serviço de senhores em oposição ao governo no momento, partilha a condição jagunça, potencial de força manipulada por outrem para o exercício do poder. Passível de ser utilizada para o trabalho como para a destruição, para manter a ordem como para ameaçá-la, para impor a lei como para transgredi-la, para vingar ofensas como para praticá-las, as razões que decidem de sua atuação num ou noutro sentido independem de sua escolha. O senhor é quem opta, o jagunço executa. (GALVÃO, 1972, p.47)

E tantos anos mais tarde, em outros tantos espaços geográficos, a realidade do sertão ainda se assinala como contemporânea. Jagunços, povo ou qualquer nome que indique um grupo representará a massa conduzida que acredita ser aquele o único caminho. E para todo grupo, há um líder que reflete, questiona,

analisa e escolhe com cautela cada etapa que se seguirá, que seguirão: "Eu tinha medo de homem humano." (ROSA, 2006, p.406).

Talvez, em algum momento, tente-se revogar que já não há mais esse modelo antigo de sociedade e que somos todos mais livres. Me lembro, contudo, das palavras de Bauman a esse respeito:

> Na verdade, nenhum molde foi quebrado sem que fosse substituído por outro; as pessoas foram libertadas de suas velhas gaiolas apenas para ser admoestadas e censuradas caso não conseguissem se realocar, através de seus próprios esforços dedicados, contínuos e verdadeiramente infindáveis, nos nichos pré-fabricados da nova ordem. [...] A tarefa dos indivíduos livres era usar sua nova liberdade para encontrar o nicho apropriado e ali se acomodar e adaptar: seguindo fielmente as regras e modos de conduta identificados como corretos e apropriados para aquele lugar. (BAUMAN, 2011, p.14)

Essa aparência de liberdade é um traço marcante na sociedade contemporânea e representa, fundamentalmente, novas configurações para antigas jaulas. O objetivo difere pouco de tempos primórdios, mas os mecanismos usados estão mais refinados, pois se empenham em mostrar que é o sujeito quem faz as escolhas.

> Vento que vem de toda parte. Dando no meu corpo, aquele ar me falou em gritos de liberdade. Mas liberdade – aposto – ainda é só alegria de um pobre caminhozinho, no dentro do ferro de grandes prisões. Tem uma verdade que se carece de aprender, do encoberto, e que ninguém não ensina: o bêco para a liberdade se fazer. (ROSA, 2006, p.307)

Não pretendo com tal observação afirmar que não há qualquer autonomia ou que o humano está sendo inteiramente robotizado, manipulado, mas que as escolhas são restritas e, além disso, vigiadas, pois podem demandar punições.

Os sistemas binários, maniqueístas, ortodoxos, fundamentalistas, entre outros, estão em consonância no que diz respeito aos vetos, às regras impostas e aos castigos, ainda que uns sejam mais explícitos do que outros: "Os sólidos são moldados para sempre. Manter os fluidos em uma forma requer muita atenção, vigilância constante e esforço perpétuo – e mesmo assim o sucesso do esforço é tudo menos inevitável." (BAUMAN, 2011, p.15) Manter uma subjetividade que se permite fluida, como a de Diadorim, em uma moldura é tarefa árdua e, constantemente, sem garantia de êxito.

Em seu discurso de agradecimento pelo título de professor emérito, Manuel Antônio de Castro descobriu que "identidade é algo muito maior que traços culturais. Identidade é possibilidade de ser".[114] O professor faz um discurso que poderia, assim como sua obra, ser usado como referência teórica por ser provocador de reflexões profundas, além de acolhedor das diferenças e das diversidades: "Somos libertariamente todos diferentes pelo simples fato de sermos". Tal proposição de Castro é capaz de libertar o sujeito de quaisquer amarras, traçando para ele uma trajetória particular e sinuosa: "Acho que eu não era capaz de ser uma coisa só o tempo todo." (ROSA, 2006, p.469)

Provavelmente, o professor não projetou sua fala para as questões de gênero, mas como não transferí-la para esta reflexão e pensar as possibilidades de ser de cada um dos sujeitos aqui tratados? Como seria redentor se *transgenders* pudessem ser libertos/as de formas enrijecedoras e arquétipos pré-estabelecidos e simplesmente dar espaço para o provisório: " Eu estava estando." (ROSA, 2006, p.350).

Castro ainda aponta no próprio título de sua dissertação citado anteriormente uma característica contundente no romance: o provisório. Sendo assim, nada está terminado, nenhuma identidade pode ser permanente, pois não há finitude para as possibilidades do ser. Quando aponta que uma das perspectivas do romance é o enfoque das "faces de um mesmo corpo" (CASTRO, 1976, p.13), ele amplia os prismas dessa transitoriedade pulsante.

Pensando em Diadorim, identifica-se diversas faces naquele corpo. O/a *transgender* é a exposição do múltiplo, mas não é o/a detentor dele. O múltiplo se apresenta como uma entidade avassaladora capaz de invadir qualquer território, qualquer corpo. Rosa deixa claro que o múltiplo e o provisório tomam conta de tudo e todos no sertão. É uma realidade dinâmica cujas conquistas são provisórias e as buscas são intermináveis. Pois a busca pelo que é abstrato em si e no outro é sempre impermanente e o encontrar, uma incompletude. Isso se dá porque quando se encontra algo já não se é mais o mesmo de quando procurava.

Aquilo com o que Riobaldo se depara no "fim" da trajetória é o inesperado em sua totalidade. O narrador encontra o que seus devaneios desejavam no caminho,

[114] Disponível em <travessiapoetica.blogspot.com.br>

no processo das travessias. Ao mesmo tempo, contudo, seu corpo, por razões diversas – impostas e aceitas, não se permitiu experienciar.

> Este papel, que eu trouxe – batistério. Da matriz de Itacambira, onde tem tantos mortos enterrados. Lá ela foi levada à pia. Lá registrada, assim. Em um 11 de setembro da éra de 1800 e tantos... O senhor lê. De *Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins* – que nasceu para o dever de guerrear e nunca ter medo, e mais para muito amar, sem gozo de amor... Reze o senhor por essa minha alma. O senhor acha que a vida é tristonha? (ROSA, 2006, p.604-605)

As interferências no trajeto são muitas e variadas, atravessando as bolhas, estourando-as, traçando novos caminhos para os devaneios, não é assim que se atravessa o sertão? Assim como o rio não tem um fim em si, pois ele não acaba, mas desagua em outras águas, o/a *transgender* não é um ser finito em seu corpo, pois o transcende, sublima-se em seus sertões.

3.5 **COLHEITAS NO SERTÃO: SER *E* NÃO SER, EIS A QUESTÃO**

Em "Um chamado João", poema publicado três dias após a morte de João Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade expõe possibilidades acerca do sujeito João e, a partir de sua ótica, todas as congregações que nele cabiam:

> Era um teatro
> e todos os artistas
> no mesmo papel,
> ciranda multívoca?
> João era tudo?
> tudo escondido, florindo
> como flor é flor, mesmo não semeada? (ROSA, 2001, p.13)

O trecho retrata o que o escritor despertava no olhar atento e sensível do poeta: o ser tudo através do múltiplo, das performances, do constante germinar.

Em "Grande Sertão: Veredas - Estudos", Donald Schuler lembra a respeito da simplicidade do enredo do romance e, inclusive o resume a fim de corroborar sua trivialidade. Todavia, ressalta a genialidade de Guimarães Rosa em transcender o simples e atingir o humano na sua profundidade: "A grande obra é produto da criação do artista que vence a banalidade do banal e toca nos problemas mais

profundos do homem, colocado diante de si mesmo, diante do mundo, diante da transcendência." (SCHULER, 1983, p.362)

O transcender se faz rotina tanto no sertão rosiano quanto no/a leitora que por ele caminha. Percebe-se, com um olhar devotado, que há contestações mesmo nas aquiescências. O discurso da existência do bem e do mal, de Deus e do Diabo, todos apartados em seu respectivos lados é, na verdade, uma proposta de reflexão oferecida ao leitor na sua forma mais poética e filosófica.

> A contestação da lógica dicotômica, alternativa, da tradição cartesiana, em favor da busca de uma pluralidade de caminhos, é uma das tônicas de toda a ficção rosiana e acha-se presente em cada elemento das narrativas do autor, desde os personagens e o espaço até a linguagem utilizada. A obra de Guimarães Rosa é uma obra plural, híbrida, indagadora, marcada pela ambiguidade e pelo signo da busca. (COUTINHO, 2013, p.31-32)

Esta busca, por sua vez, não cessa nem exclui, justamente porque não objetiva encontrar, mas procurar. Como marca da obra de Rosa, a busca faz refletir, ampliar perspectivas e atravessar. Em "Conversa de bois", uma das novelas de *Sagarana* que mistura o lúdico ao irônico, um dos bois explica:

> –Eu acho que nós, bois, – Dançador diz, com baba – assim como os cachorros, as pedras, as árvores, somos pessoas soltas, com beiradas, começo e fim. O homem, não: o homem pode se ajuntar com as coisas, se encostar nelas, crescer, mudar de forma e de jeito... O homem tem partes mágicas... São as mãos... Eu sei... (ROSA, 2001, p.350)

O privilégio de não ter beiradas alonga o alcance das possibilidades do humano. O poder de transformar-se, de estar em processo constante de reconstrução também o diferencia. Vislumbra-se com mais facilidade, dessa forma e através da perspectiva poética de um boi, a existência viável do ser **e** do não ser em concomitância no mesmo sujeito. Talvez essas sejam as partes mágicas do sujeito: ser mulher e não ser feminina no mesmo instante, ou ser mulher em um dado momento e não ser em outro. Aqui, em vez de criar margens e delimitar espaços, aglutina-se e transforma-se, assim como foi a trajetória de Diadorim até o momento derradeiro de sua morte e seu último desencobrimento.

> – "A Deus dada. Pobrezinha..."
> [...] sabendo somente no átimo em que eu também só soube... Que Diadorim era o corpo de uma mulher, moça perfeita... Estarreci. A dôr não pode mais do que a surpresa. A côice d´arma, de coronha...

> Ela era. Tal que assim se desencantava, num encanto tão terrível; e levantei mão para me benzer – mas com ela tapei foi um soluçar, e enxuguei as lágrimas maiores. Uivei. Diadorim!
> [...] Eu estendi as mãos para tocar naquele corpo, e estremeci, retirando as mãos para trás, incendiável: abaixei meus olhos. E a Mulher estendeu a toalha, recobrindo as partes. Mas aqueles olhos eu beijei, e as faces, a boca. Adivinhava os cabelos. Cabelos que cortou com tesoura de prata... Cabelos que, no só ser, haviam de dar para baixo da cintura... E eu não sabia por que nome chamar; eu exclamei me doendo:
> – "Meu amor!..." (ROSA, 2006, p.599)

Diadorim desvelada pela morte corrobora a pluralidade nas possibilidades do ser, uma vez que agrega novos significados à velha existência. Ao longo desta, negou a lógica cartesiana que atenta contra o caos inato do que é ser humano. Do início ao fim, construiu pontes e as atravessou. Esta mulher biológica que se expressa de forma masculina amplia representações até então consolidadas. O personagem não exclui, mas congrega, une em si aspectos aparentemente opostos. Sobretudo, rejeita escolhas unilaterais, pois ousa ser aquilo que o desejo lhe impõe.

Não pode-se dizer que Diadorim desafiou a sociedade em que vivia, pois suas transgressões e travessias foram secretas. No entanto, para o/a leitora atento do *Grande Sertã*o, o personagem foi uma representação do múltiplo, das inúmeras facetas e performances de um só corpo. Diadorim deu vida a masculinidades plurais, do Menino, passando por Reinaldo e Diadorim, até a revelação de seu corpo biológico em sua morte.

O que Diadorim é capaz de demonstrar, todavia, é que embora não tenha desafiado publicamente as regras do binário, foi perspicaz em demonstrar, ainda que silenciosamente, que o sexo biológico não determina o destino. Sendo mulher não teria permissão para ser jagunço, mas o foi, assim como qualquer outro homem masculino que lá estava. Desempenhou a função que desejava com igual destreza.

Diferentemente da maioria dos/das *transgenders* que travam batalhas visíveis, Diadorim parece não ter feito da sua expressão de gênero um conflito existencial ou um movimento político, mas uma travessia inerente à sua existência. Este modo ameno de lidar com o que é socialmente execrado ressalta que o foco de Diadorim era vivenciar suas identidades como uma mulher masculina que conhecia seu caos e se permitia.

Além disso, se o personagem não rompeu com as normas de maneira explícita foi porque suas características masculinas permitiam essa transição sem

questionamentos. Tal situação, por outro lado, rompe com as regras que naturalizam a associação entre sexo e gênero.

> Como mulheres viveram e foram aceitas como homens sem hormônios ou cirurgia? Elas devem ter sido masculinas; elas devem ter sido *transgendered*. Se não eram, como puderam "passar por"? Não sabemos como cada uma das milhares que passaram de mulheres para homens ao longo dos séculos se definiriam hoje – se *transgender* ou *transsexual* ou *drag* ou qualquer outra definição moderna. A questão é que a expressão de gênero delas permitiu a transição. (FEINBERG, 1996, p.85)[115]

O ponto crucial no trecho anterior é que vestimentas não são suficiente para que alguém seja *transgender*. Há algo em Diadorim que o permitiu dar chance às performances, às formas plurais de masculinidades e transitar por lugares aparentemente incombináveis.

Fazendo uma referência ao dilema de *Hamlet*, um dos maiores clássicos da literatura, penso porque até hoje tudo e todos ainda se colocam diante de questões dicotômicas e excludentes como “ser ou não ser”. Em vez dessa dualidade restritiva, pode-se refletir as costuras do sujeito acerca do ser ***e*** não ser. Pois com todos os antagonismos aparentes que podem se apresentar a partir desta perspectiva, há algo de mais humano nisso.

Como ressalta Eduardo Coutinho sobre o romance, "em suas páginas os elementos tradicionalmente tidos como opostos tornam-se não-excludentes, e a dicotomia entre ser ou não ser se dilui num universo híbrido ou sincrético". (COUTINHO, 1993, p.52) Desta forma, a síntese e não a antítese é a presença marcante na obra, assim como nos sujeitos, sendo, inclusive, um elemento fundamental para o questionamento de uma abordagem dualista que possa se impor.

Interessantemente, após nomear este segmento da tese, percebi que outras pessoas no campo da teoria *queer* também se interessavam pela referência à célebre frase de *Hamlet*. Foi relendo *Transgender Warriors* de Feinberg que me deparei com um capítulo intitulado "To Be or Not to Be", cuja introdução discute a ambiguidade *transgender*. Ainda que esta não seja exposta socialmente, que o

[115] O texto em língua estrangeira é: "How could females have lived and been accepted as men without hormones or surgery? They must have been masculine; they must have been *transgendered*. If they were not, how could they pass? We don´t know how each other of the thousands who passed from female to male over the centuries would define themselves today whether as transgender or transsexual or drag or any other modern definition. The point is that their gender expression allowed them to transition."

sujeito "passe por", ela existe pelo simples fato da expressão de gênero não estar de acordo com o sexo biológico.

> "Você nasceu mulher, certo?" A repórter me perguntou pela terceira vez. Eu afirmei que sim pacientemente. "Então você se identifica como mulher agora, ou homem?"
> Ela revirou os olhos a medida que eu repetia minha resposta. "Eu sou *transgendered*. Nasci mulher, mas minha expressão de gênero é masculina. Não é meu sexo que me define, e nem minha expressão de gênero. É o fato da minha expressão de gênero parecer estar em desacordo com meu sexo. Entende? É a contradição social entre os dois que me define." (FEINBERG, 1996, p.101)[116]

O uso do advérbio "agora" denota a noção do provisório, bem como que a identidade pode se apresentar de uma forma agora e de outra, em um outro momento. Além disso, fica claro como um único aspecto do sujeito é incapaz de defini-lo. Nem o sexo, nem o gênero, nada em singularidade pode delinear o indivíduo. Pois ele é o tal conjunto de continente e conteúdos, identidades provisórias, pontes criadas, travessias feitas e refeitas, enfim, um conjunto interminável de possibilidades, de conjunções aditivas e não adversativas.

Sabe-se que o binário maniqueísta e arbitrário já é parte sedimentada no imaginário social contemporâneo. Há, entretanto, uma outra corrente desse rio que se direciona para o vislumbramento de outras propostas que não necessitam de escolhas excludentes para sobreviver no *corpus* social e, por isso, acolhem o plural, o híbrido, o andrógino, o fluido, o *transgender*, Diadorim.

Leslie Feinberg cita a reserva de Navajo, nos Estados Unidos, onde foram observadas, sem pesquisa ostensiva, quarenta e nove expressões de gênero diferentes. (FEINBERG, 1996, p.27) A própria palavra "reserva" remete a algo restrito e, no entanto, se apresenta plural. Assim também ocorre com o sertão que, por sua vez, direciona o pensamento para a aridez, a seca, porém é onde se encontram as veredas que alimentam a terra, as pessoas e mantém a vida, múltipla.

Ao afirmar que “[s]ertão: é dentro da gente.” (ROSA, 2006, p.309), Rosa traz à luz os vazios internos do humano. Por outro lado, faz refletir igualmente a respeito da existência da riqueza daquele sertão em cada indivíduo. Aqui, também não posso

[116] O texto em língua estrangeira é: "You were born female, right?" The reporter asked me for the third time. I nodded patiently. "So do you identify as female now, or male?" She rolled her eyes as I repeated my answer. "I am transgendered. I was born female, but my masculine gender expression is seen as male. It´s not my sex that defines me, and it´s not my gender expression. It´s the fact that my gender expression appears to be at odds with my sex. Do you undestand? It´s the social contradiction between the two that defines me."

escolher entre uma interpretação ou outra, mas devo admitir a união dessas possibilidades.

Assim como o sertão, os personagens sublimam a questão do ser permanente e percebem a primazia do provisório através das performances das quais fazemos uso ao longo da vida e, no caso de *transgenders*, essa questão se torna ainda mais latente. Chego, entretanto, à conclusão que elas não são, necessariamente, representações mentirosas e, portanto, não menos valorosas. Podem, contudo, representar versões de possibilidades do sujeito objetivando o exercício de desejos particulares ou apenas a facilitação da convivência em sociedade. Quando Bauman cita Sennet acerca da civilidade, ressaltando que "[...] [u]sar uma máscara é a essência da civilidade. [...] A civilidade tem como objetivo proteger os outros de serem sobrecarregados com o nosso peso" (BAUMAN, 2001, p.122), percebemos o quanto as performances se mostram rotineiras no convívio social. São, desta maneira, estratégias de proteção, tentativas de pertencimento. Tentativas que, contudo, não excluem um possível deslocamento social.

Não podemos negar que a força da artificialidade consagrada em todo processo civilizatório é característica requisitada para o acesso ao pertencimento e, ademais, ela invade diversas áreas que deveriam ser administradas apenas pelo próprio indivíduo. No entanto, esta invasão é devastadora e alcança, inclusive, o inconsciente. Apenas aquele que se desvencilha do sistema, na medida do que é possível, ainda que temporariamente, é capaz de compreendê-lo através de outra perspectiva, a sua própria. E, ainda assim, questiono se há a possibilidade dessa perspectiva não ser afetada, ser idônea. Tal questionamento, neste momento, me leva a uma negativa, à conclusão sobre a impossibilidade de zerar mentalmente os prismas e analisar tanto o sistema quanto as relações por ele impregnadas.

Nesse momento, cito novamente "Conversa de bois" e reflito sobre a proximidade entre a massa humana e tais animais. Em uma conversa, um deles afirma sobre os outros bois, os que vivem livres: "Eles não sabem que são bois..." (ROSA, 2001, p.331) E logo após, "– Os bois soltos não pensam como o homem. Só nós, bois-de-carro, sabemos pensar como o homem!..." (ROSA, 2001, p.333) Ao reproduzir um modelo maniqueísta, um ideal dicotômico e restritivo o homem se equipara aos bois-de-carro que não experimentam a vida em liberdade, mas caminham para um destino previa e arbitrariamente traçado por outros. Pensar preso é o que rege a vida dos bois-de-carro, assim como a dos homens. Neste caso,

saber pensar como homem não configura poder ou vantagem, mas viver nos parâmetros da moldura. Enquanto ser boi livre é redentor, o ser homem é limitante, pois tem de fazer escolhas entre ser uma coisa ou outra e viver nessa unilateralidade a fim de pertencer.

O beco para a liberdade que ainda não se conhece passa pela estrada onde há direito ao exercício tanto do contraditório quanto do conformismo. O que existe, por enquanto, são tentativas, de conhecer, de libertar, de refletir.

Ao analisar o esclarecimento do compadre Quelemém: “Riobaldo, a colheita é comum, mas o capinar é sozinho...” (ROSA, 2006, p. 58), nota-se como o ato de percorrer caminhos é particular. Ainda que Diadorim estivesse ao lado de Riobaldo e dos outros jagunços, seu percurso foi particular, intransferível. Embora o trajeto fosse partilhado, sua perspectiva foi diversa, pois para cada subjetividade, olhares e experiências diferentes a respeito do mesmo objeto.

No sertão rosiano se colhe alimento abundante para reflexão. A colheita está para além dos questionamentos maniqueístas de Riobaldo e do silêncio de Diadorim quanto à sua biologia. Lá se colhe reflexões profundas sobre a pluralidade e um silêncio multívoco. A colheita, neste romance que aparenta priorizar as peripécias de um bando de jagunços, está mais inclinada ao campo das reflexões do que das ações. Como explica Bernardo Gersen em "Veredas no Grande Sertão", Rosa aborda questões profundas a respeito do humano e as encobre com aventuras:

> [...] no Sr. Guimarães Rosa um gênero aparentemente anódino – história de aventuras – não passa de envólucro e disfarce para um romance de ideias, para meditação grave sobre o destino humano, para uma concepção pessoal do mundo e do homem. (GERSEN, 1983, p.358)

Através dessa concepção do homem é que Diadorim pode se desdobrar e o/a leitor/a, por sua vez, apreciar as meditações feitas a partir de suas masculinidades.

Grande Sertão requer fôlego para compreendê-lo, vivenciá-lo e reconstruir-se. Em "O amor na obra de Guimarães Rosa", Benedito Nunes aponta uma tendência na criação literária do escritor que aponta a interpretação do amor como trajetória, trânsito, passagem. Ademais, faz referência às contradições aparentes bem como à harmonização que pode ser resultante delas: "A harmonia final das tensões opostas, dos contrários aparentemente inconciliáveis que se repudiam, mas que geram, pela

sua oposição recíproca, uma forma superior e mais completa, é a dominante da erótica de Guimarães Rosa." (NUNES, 1983, p.148)

Tal proposição corrobora a ótica agregadora de Rosa. Para ele a tensão entre o ser e o não ser é inerente ao humano, ao mundo que ele habita, portanto à subjetividade de Diadorim. O fixo deve ser abolido e pode haver harmonia a partir dessa proposta. “Tudo é e não é...” (ROSA: 1956, p.11) Rosa escolhe a perspectiva conciliadora.

Está claro que essas tensões opostas só são assim denominadas por conveniência arbitrária. Portanto, a harmonia final (que também é inicial segundo Jung e a androginidade primitiva) é a reconciliação do humano consigo mesmo, com seus devaneios e descentramentos. O sertão rosiano foi espaço propício para tais colheitas. Nele, Riobaldo pode ser rio, que mesmo com suas margens corre e flui; Diadorim pode ser quatro, quantos quisesse, exercendo masculinidades plurais, desvelando-se ao longo de sua trajetória.

Como explica Feinberg, pessoas trans sempre existiram e já foram respeitadas na história da humanidade. No entanto, não é o que acontece na contemporaneidade e a perda por não se permitir conhecer está além do prejuízo individual, pois empobrece toda a sociedade:

> Nós temos o direito de viver de forma aberta e orgulhosa. Quando esses direitos nos são negados, somos os que sofremos essa opressão. Mas quando nossas vidas são suprimidas, a *todos* é negada uma compreensão da rica diversidade de sexo e expressão de gênero e experiência que existe na sociedade humana. (FEINBERG, 1996, p.88)[117]

Por fim, o que se colhe no sertão está fundamentado no campo da ideias, das reflexões sobre a condição humana e sua diversidade. Todavia, cabe ao/à leitora, ao humano transcender a criação literária, construir suas próprias pontes e atravessá-las. Pois, assim como afirma Karl Marx, "Os filósofos apenas interpretaram o mundo de várias maneiras; a questão, contudo, é mudá-lo."[118]

[117] O texto em língua estrangeira é: "We have a right to live openly and proudly. When we are denied those rights, we are the ones who suffer that oppression. But when our lives are suppressed, everyone is denied an understanding of the rich diversity of sex and gender expression and experience that exist in human society."

[118] O texto em língua estrangeira é: "The philosophers have only interpreted the world in various ways the point, however, is to change it." (Disponível em www.marxists.org/marx/works)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o que foi exposto no segundo e no terceiro capítulos, os dois personagens podem ser interpretados como sujeitos *transgenders, transmen* ou *FTM,* uma vez que nasceram com órgãos sexuais femininos e não apenas não se identificam com seu sexo, mas também apresentam características lidas como masculinas desde a infância. Há, todavia, algumas diferenças importantes entre as duas mulheres masculinas analisadas nesta tese que corroboram a questão da pluralidade acerca das formas de exercer o masculino.

As interpretações que os vizinhos faziam de Stephen quanto à sua aparência, à sua expressão de gênero eram comumente identificando um problema, uma divergência, algo que provocava estranheza. O/a leitor/a tem esse conhecimento, pois acompanha Stephen desde o seu nascimento até a evolução e desdobramentos de seu *transgenderism*. Em relação a Diadorim, por outro lado, o/a leitor/a é apresentado a ele quando este é o Menino e já não há mais dúvida quanto à sua expressão de gênero.

Sobre Stephen, tem-se detalhes de sua criação, da perspectiva dos pais sobre aquele sujeito que se transformava ou se adequava visualmente. A narrativa fornece, inclusive, informações a respeito das sensações da protagonista ao longo do processo de descobertas. Ao passo que sobre Diadorim, sabe-se que passou a fazer parte do bando a fim de vingar a morte do pai, mas que já se expressava de forma masculina anteriormente. O/a leitora desconhece sua trajetória e, em vez disso, tem ciência apenas de alguns momentos, como pontos isolados que, mais tarde, ligam-se.

Outro aspecto que diferencia os personagens analisados diz respeito aos seus respectivos desejos sexuais. Enquanto Stephen tem seu desejo orientado para mulheres biológicas e isso fica comprovado através dos episódios amorosos apresentados ao longo do romance, Diadorim deseja um homem, apenas Riobaldo é seu objeto de desejo conhecido. Tal situação reforça a desconexão entre sexo, expressão de gênero e desejo ao mesmo tempo que ratifica os diferentes tipos de masculinidades. Neste caso, considerando o sexo como definidor Stephen tinha relações lésbicas, enquanto Diadorim seria heterosexual segundo seus desejos. Por outro lado, como privilegiamos aqui a expressão de gênero, este teria desejo

homosexual enquanto aquele teria relações heterosexuais. Contudo, acima da expressão de gênero, esta tese prima pela ausência de rótulos castradores, assim como pelo acolhimento de formas plurais de construção da subjetividade. Desta forma, os rótulos se tornam vãos, sendo valorosos o sujeito e seus desejos.

Além disso, as masculinidades são exercidas de maneiras diferentes. Se, por um lado, Diadorim não faz com que o/a leitor/a heteronormativo/a se sinta visualmente agredido/a, por outro, a masculinidade de Stephen ocupa espaços de representatividade e influência social, obrigando a sociedade inglesa da época a pensar sobre o binário.

Há, contudo, algumas paridades nesses personagens tão ímpares.

Por serem *transgenders*, expressam suas masculinidades para além das vestimentas, para além do terno e do chapéu de couro. Foram meninos, em aparência e características (segundo convenções arbitrariamente estabelecidas). Pode-se dizer que foram *tomboys* durante suas infâncias. Mais tarde, o *tomboyism* cede espaço à inversão, pois apesar de serem mulheres biológicas, têm o masculino como traço principal de suas expressões de gênero.

Ademais, pode-se observar que tanto Stephen quanto Diadorim legitimam não apenas a existência, mas também o poder de Deus em suas histórias; todavia, de formas diferentes. Enquanto Stephen, na última página do romance, clama por pertencimento e reconhecimento, Diadorim propicia a discussão acerca da existência de Deus por conduzir Riobaldo, de forma não intencional, a fazer o pacto com o Diabo, estabelecendo, deste modo, um dos antagonismos que se desenvolve ao longo de todo o romance.

Em "Dear Sir or Madam", o transsexual Mark Rees se refere a parentes distantes e se pergunta se eles aceitariam sua transição ou se o melhor a fazer seria desaparecer, aos poucos, de suas vidas. (REES, 2005, p.182) Esta última alternativa me remete aos personagens analisados nesta tese, pois tanto Stephen quanto Diadorim fizeram este percurso. Stephen, de quem se conhece a infância, rompe com seu passado e passa a viver geografica e emocionalmente distante de suas origens e, consequentemente, dos julgamentos que vinham em conjunto. Diadorim, por sua vez, é aquele cujos sentimentos e relações originais pouco se sabe, sendo, desta maneira, uma outra forma de rompimento. Ambos desbotaram seus passados a fim de reforçar as cores e formas das experiências de seus presentes.

Personagens unidos pelo *transgenderism*, mas que conseguem ratificar a pluralidade no exercício de suas masculinidades tão diversas. Enquanto Stephen se expressa politicamente, tornando-se um membro de representatividade cultural de sua época, Diadorim se reveste de introspecção e vive sua masculinidade sem perturbar a ordem social.

As formas de masculinidades dos personagens analisados nesta tese ora se tocam e compartilham similitudes, ora divergem e pluralizam ainda mais o que há de trans no humano. Este prefixo remete a tantas possibilidades e todas vislumbram o ir além: transformar-se em algo ou alguém; transgredir uma norma e romper com o óbvio; transfigurar-se, metamorfoseando-se. Além das palavras que adjudicaram o trans como radical, fundamento, raíz: o transigir sendo aquilo que concilia; transitar, o que caminha entre idas e vindas, fluido. Todas, sem exceção, podem não apenas se referir ao *transgender*, mas principalmente compor sua subjetividade.

Ao recusar e romper com o normativo das maneiras já citadas ao longo desta tese, o/a*trangender* incorpora o plural que busca por espaços ainda mais amplos, por isso, alcança na maioria das vezes, o que há de **transumano**.

Ao fazer uso deste termo, estou ciente de que ele carrega em si uma abordagem talvez tecnológica e científica. Isto também pode ser vivenciado pelo/a *transgender*, assim como por qualquer indivíduo que se transforme mediante as ofertas da pós-modernidade. Reconheço, por isso, que a intervenção da ciência não necessariamente desumaniza o sujeito, mas o amplia em representações, o transforma quanto às possibilidades.

O que me refiro aqui especificamente, no entanto, é à situação de ir além do humano sem necessariamente quaisquer artifícios que não sejam os intelectuais e/ou emocionais. Ir além, aqui, significa caminhar para mais longe, em direções ainda não percorridas, principalmente a respeito de ideias, reflexões, desejos e saberes novos. O transumanismo ao qual me refiro talvez seja tocado pela utopia do conhecer-se e reconhecer-se no outro ainda que este outro seja diferente e, talvez, principalmente por isso.

O sujeito transumano é aquele cujo olhar não está submetido às imposições, ele alcança, portanto, ver para além do determinismo, seja este de que "natureza" for. É o sujeito que transita pelas pontes sem temer o que estará do outro lado, é aquele que realiza travessias constantes. Despido de convenções, ele é capaz de

criar seus próprios códigos morais, seguí-los e des/reconstruí-los quando necessário.

Esta necessidade advém de uma observação constante do outro, de si e das relações estabelecidas. Ao se deparar com o novo, com o desconhecido, em vez de torná-lo abjeto, este sujeito repensa suas diretrizes (que são fluidas) e traça novas rotas. É importante ressaltar que ser fluido, nesta tese, em nenhum momento se refere a uma atitude vã ou fugaz. Ser fluido, aqui, implica reflexão a respeito do movimento e a escolha consciente ou instintiva de romper com rótulos e comportamentos sacramentados.

Ao dizer que o homem é algo que deve ser superado (NIETZSCHE, 2013, p.23), Nietzsche traz neste pensamento total ruptura com quaisquer convenções, com o que quer que se apresente raso, superficial.

O homem supera-se ao romper não apenas *com*, mas *os* pensamentos ortodoxos incutidos ao longo de um processo de aprendizado de convivência social. Desta forma, ao super homem não basta se afastar das molduras arbitrárias se elas continuam a existir e emoldurar tantos indivíduos, transformando-os em uma massa arrebanhada. Ao super homem, ao transumano cabe questionar, apontar e desconstruir, mas nunca redefinir, pois não há definição para a complexidade humana. Sua tarefa é ir além, mostrar que as travessias podem ser becos para a liberdade onde suas expressões, seus sexos, desejos, morais podem ser explorados.

Tratando de pluralidade, toda reflexão feita aqui acerca do humano se deve, inegavelmente, às obras como ferramentas fundamentais de análise. Para Vargas Llosa, a mais alta missão da literatura é oferecer ao homem a possibilidade de se conhecer através da apreensão de todas as circunstâncias que o cercam; portanto, os melhores romances são aqueles que não projetam uma única luz sobre a realidade, mas muitas. (COUTINHO, 2013, p.69) Tanto em *The Well of Loneliness* quanto em *Grande Sertão: Veredas* não há um único prisma ou apenas um caminho identificado. Óticas variadas são apresentadas ao longo dos romances, fazendo dos questionamentos e desconstruções suas maiores ofertas. Conduzindo pensamentos entre claridades, ambos os romances inflamam problemáticas de pertinência inquestionável para o aprimoramento da convivência harmônica entre as diversidades que atravessam o século XXI, sobre os novos caminhos a percorrer. A este respeito, há uma conversa pertinente entre Zaratustra e o anão:

> [...] E havia um portal justamente onde paramos.
>
> "Olha este portal! Anão!", segui falando: "Ele tem duas faces. Dois caminhos unem-se aqui. Ninguém jamais os percorreu até o final.
> "Esta longa estrada para trás: ela dura uma eternidade. E aquela longa estrada para além - é outra eternidade.
> "Eles se contradizem, estes caminhos; chocam-se diretamente, cabeça contra cabeça: e é aqui, neste portal, que se encontram. O nome do portal está escrito acima: 'Instante'.
> "Mas se alguém seguisse por um deles - cada vez mais longe, cada vez mais além: crês, anão, que estes caminhos se contradizem eternamente?"
> "Tudo que é reto mente", murmurou desdenhoso o anão. "Toda verdade é torta, o próprio tempo é um círculo." (NIETZSCHE, 2014, p.154)

O instante experimentado à época da produção e da recepção dos romances difere do instante em que os recebemos e refletimos sobre eles agora. Mas é apenas nele, no instante, em que podemos transformar concepções e atitudes. Na época da produção dos romances havia ainda parco direcionamento acerca da subjetividade *transgender*. Pouco se caminhou em direção ao entendimento da pluralidade de gênero do ser humano. Todavia, não se pode ignorar o caminho percorrido, a estrada para trás. Tampouco não se pode fechar os olhos para o que há de ser feito.

Finalmente, faço uso das palavras de Rosa, por quem me percebo tão encantada quanto grata, a fim de lançar um desejo acerca das intenções principais desta tese:

> Rezei, de verdade, para que pudesse esquecer-me, por completo, de que algum dia já tivessem existido septos, limitações, tabiques, preconceitos, a respeito de normas, modas, tendências, escolas literárias, doutrinas, conceitos, atualidades e tradições - no tempo e no espaço. Isso, porque: na panela do pobre, tudo é tempero. E, conforme aquele sábio salmão grego de André Maurois: um rio sem margens é o ideal do peixe. (ROSA, 2001, p.24)

Poder ser peixe em um rio sem margens talvez possa parecer impossível em uma civilização, tendo em vista que para a existência desta, regras de civilidade são

estabelecidas. O ideal, no entanto, poderia ser que não houvesse a necessidade das margens, que os peixes não precisassem delas para ter um norte, conviver, conhecer seu espaço e fluir.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Leonardo Vieira de. *Diadorim*: o pacto como emblema trágico do corpo. Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos (UERJ). Disponível em: <www.filologia.com.br/ixcnlf/7/01.htm>. Acesso em: 23 maio 2015.

ANZALDUA, Gloria. The Homeland, Aztlán: El otro México. In: ___. *Borderlands / La Frontera*: The New Mestiza. 2. ed. San Francisco: Aunt Lute Books, 1999. p.23-35

BACHELAR, Gaston. Devaneios sobre o devaneio. In: _____. *A poética do devaneio.* Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2009a. p. 53-91.

_____. A fenomenologia do redondo. In: _____. *A poética do espaço.* Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2009b. p. 235-242.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida.* Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. *Comunidade*: a busca por segurança no mundo atual. Tradução de Plinio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. São Paulo: Nova Fronteira, 1987.

BERUTTI, Eliane. Mulheres masculinas: entre a teoria e a literatura. In: MONTEIRO, Maria Conceição ; LIMA, Tereza Marques de Oliveira. *Entre o estético e o político nas literaturas de línguas estrangeiras.* Florianópolis: Editora Mulheres, 2006. p.329-336.

BIRON, Chartres. Judgement (1928). In: DOAN, Laura ; PROSSER, Jay, Ed. *Palatable Poison*: critical perspectives on The Well of Loneliness. New York: Columbia University Press, 2001. p.39-49.

BORNSTEIN, Kate. *Gender Outlaw*: on men, women and the rest of us. New York: Vintage, 1994.

BUTLER, Judith. *Bodies that Matter*: on the Discursive Limits of “Sex”. New York: Routledge, 1993.

_____. *The Physic life of power*. Stanford: Stanford University Press, 1997.

CASTRO, Manoel Antônio de. *O homem provisório no Grande Ser-tão*: um estudo de Grande sertão: veredas. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976.

_____. Disponível em: <travessiapoetica.blogspot.com.br>. Acesso em: 23 jul. 2015.

CIXOUS, Helene. The Laugh of the Medusa. In: BURKE, Lucy, CROWLEY, Tony ; GIRVIN, Alan. (Ed.) *The Routledge language and cultural theory reader.* London: Routledge, 2003. p.161-166.

COUTINHO, Eduardo de Faria. *Em busca da terceira margem*: ensaios sobre Grande Sertão: Veredas*.* Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1993.

_____. O Logos e o Mythos no universo narrativo de *Grande sertão:* veredas. *Scripta*, Belo Horizonte, v.5, n.10, p.112-121, 2002.

_____. *Grande sertão*: veredas. *Travessias.* São Paulo: É Realizações Editora, 2013.

DE LAURETIS, Teresa. Popular Culture, public and private fantasies: femininity and fetishism in David Cronenberg´s M. Butterfly*. Signs: Journals of Women in Culture and Society*, v.24, p. 303-334,1999.

DELEUZE, Gilles. Disponível em: <http://www.oestrangeiro.net/index.php?option=com_content&task=view&id=67&Itemid=1>. Acessado em: 09 abril 2015.

DOAN, Laura ; PROSSER, Jay. Introduction: Critical Perspectives Past and Present. In: ___. (Ed.). *Palatable poison*: critical perspectives on The Well of Loneliness. New York: Columbia University Press, 2001. p.1-31.

_____. The Outcast of One Age Is the Hero of Another: Radclyffe Hall, Edward Carpenter and the Intermediate Sex. In: DOAN, Laura ; PROSSER, Jay, (Ed.). *Palatable poison*: critical perspectives on The Well of Loneliness. New York: Columbia University Press, 2001. p.162-178.

DOUGLAS, James. A Book that Must Be Suppressed (1928). In: DOAN, Laura ; PROSSER, Jay (Ed.). *Palatable poison*: critical perspectives on The Well of Loneliness. New York: Columbia University Press, 2001. p.36-38.

EBING, von Krafft. *Psychopathia Sexualis, with Special Reference to Contrary Sexual Instinct:* a medico-legal study. Translated by Charles Gilbert Chaddock. London: F. J. Rebman, 1894.

ELLIS, Havelock. Commentary (1928). In: DOAN, Laura; PROSSER, Jay. (Ed.). *Palatable poison*: critical perspectives on The Well of Loneliness. New York: Columbia University Press, 2001. p.35

FEINBERG, Leslie. *Transgender Warriors*: making history from Joan of Arc to RuPaul. Boston: Beacon Press, 1996.

_____. *Transliberation*: beyond pink or blue. Boston: Beacon Press, 1998.

_____. *Stone butch blues*. Los Angeles: Alyson Books, 2003.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1*: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. *Vigiar e punir*. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

_____. Não ao Sexo Rei. In: _____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1995. p. 229-243.

FREUD, Sigmund. As pulsões e suas vicissitudes. In: *Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 117-146.

_____. The Uncanny. In: RIVKIN, Julie ; RYAN, Michael, (Ed.). *Literary theory*: an anthology. Massachusets: Blackwell Publishers, 2000. p. 154-167.

GALVÃO, Walnice Nogueira. *As formas do falso.* São Paulo: Perspectiva, 1972.

_____. *A donzela-guerreira*: um estudo de gênero. São Paulo: Editora SENAC, 1998.

GERSEN, Bernardo. Veredas no Grande Sertão. In: COUTINHO, Eduardo F. (Org.). *Guimarães Rosa.* Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1983. p. 350-359. Coleção Fortuna crítica, v.6.

GREEN, Jamison. Introduction to Transgender Issues. In: CURRAH, Paisley ; MINTER, Shannon. *Transgender equality:* a handbook for activists and policymakers. New York: The Policy Institute of NGLTF & The National Center for Lesbian Rights, 2000. p. 1-12.

GOLDMAN, Ruth. Who is that Queer Queer? Exploring Norms around Sexuality, Race and Class in Queer Theory. In: BEEMYN, Brett ; ELIASON, Mickey, (Ed.). *Queer studies*: a lesbian, gay, bisexual and transgender anthology. New York: New York University Press, 1996. p. 168-182.

HALBERSTAM, Judith. *Female masculinity*. London: Duke University Press, 1998.

_____. *In a Queer Time and Place*: transgender bodies, subcultural lives. New York: New York University Press, 2005.

HALL, Radclyffe. *The Well of loneliness*. New York: Random House, 1990.

HALL, Stuart. *Da diáspora*: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva; Guaracira Lopes Louro. 9.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HEIDEGGER, Martin. A questão da técnica. In:_____. *Ensaios e conferências.* Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2002a. p.11-37.

_____. Construir, habitar, pensar. In: _____. *Ensaios e conferências*. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Editora Vozes, 2002b. p.125-141.

HWANG, David. *M. Butterfly*. New York: Penguin Books,1989.

KENT, Susan K.The Well of Loneliness as War Novel. In: DOAN, Laura ; PROSSER, Jay. (Ed.). *Palatable poison*: critical perspectives on The Well of Loneliness*.* New York: Columbia University Press, 2001. p. 216-231.

KRISTEVA, Julia. *Powers of horror*: an essay on abjection. New York: Columbia University Press, 1982.

LAURETIS, Teresa De. Perverse Desire: The Lure of the Mannish Lesbian (1991). In: DOAN, Laura ; PROSSER, Jay. (Ed.). *Palatable* poison: critical perspectives on The Well of Loneliness. New York: Columbia University Press, 2001. p. 109-125.

LISPECTOR, Clarice. Praça Mauá. In: _____. *A via-crucis do corpo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1974. p. 61-67.

LORENZ, Gunter. Diálogo com Guimarães Rosa. In: COUTINHO, Eduardo F. (Org.). *Guimarães Rosa.* Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1983. p. 62-100. Coleção Fortuna crítica, v.6.

MARQUES, José Oscar de Almeida (Org.). *Verdades e mentiras*: 30 ensaios em torno de Jean-Jacques Rosseau. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

MARTINS, Claudio Luis S. *O que os homens querem?* : a mulher perfeita: subvertendo estereótipos em M. Butterfly de David Henry Hwang. 2003. 74f. Dissertação (Mestrado em Literaturas de Língua Inglesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

MARX, Karl. *Selected works*. Moscow: Progress Publishers, 1969. p.13-15. Disponível em: <www.marxists.org>. Acesso em: 3 nov. 2015.

MOI, Toril. *What is a woman?*: and other essays. Oxford: Oxford University Press, 1999.

MUNT, Sally R. The Well of Shame. In: DOAN, Laura ; PROSSER, Jay. (Ed.) *Palatable poison:* critical perspectives on The Well of Loneliness. New York: Columbia University Press, 2001. p.199-215.

NEWTON, Esther. The Mythic Mannish Lesbian: Radclyffe Hall and the New Woman. In: DOAN, Laura; PROSSER, Jay, (Ed.). *Palatable poison*: critical perspectives on The Well of Loneliness. New York: Columbia University Press, 2001. p.89-108.

NIETZSCHE, Friedrich W. Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral. São Paulo: Nova Cultura, 1978, p.51-60. Coleção Os Pensadores.

_____. *A genealogia da moral*. Tradução de Joaquim José de Faria. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2002.

_____. Política e dominação. In: _____. *Escritos sobre política II, v. 2*. São Paulo: Loyola, 2007. p. 35-114.

_____. *Assim falou Zaratustra*: um livro para todos e para ninguém. Tradução de Gabriel Valladão Silva. 1. ed., Porto Alegre: L&PM, 2014.

NUNES, Benedito. O amor na obra de Guimarães Rosa. In: COUTINHO, Eduardo F. (Org.). *Guimarães Rosa.* Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1983. p. 144-169. Coleção Fortuna crítica, v.6.

PLATÃO. *Platão diálogos*: Teeteto / Crátilo. Tradução (direta do grego) de Carlos Alberto Nunes. 3. ed. Belém: Editora Universitária UFPA, 2001.

PROSSER, Jay. No Place like home: the transgendered narrative of Leslie Feinberg´s Stone Butch Blues. *Modern Fiction Studies*, v. 41. Routledge, 1995. p.483-514.

_____. Some primitive thing. In: DOAN, Laura ; PROSSER, Jay. (Ed.). *Palatable poison*: critical perspectives on The Well of Loneliness. New York: Columbia University Press, 2001. p.129-144.

PUENTE, Fernando Rey. (Org.). *Os filósofos e a mentira.* Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.

REES, Mark. Dear Sir or Madam. In: AMES, Jonthan (Ed.). *Sexual metamorphosis*: an anthology of transsexual memoirs. New York: Vintage Books, 2005. p.179-200.

ROSA, Guimarães. *Sagarana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROSA, Guimarães. *Grande sertão*: veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

RUBIN, Gayle. Of Catamites and kings: reflections on butch, gender, and boundaries. In: _____. *Deviations*. Durham: Duke University Press, 2011. p. 241- 253.

RULE, Jane. Radclyffe Hall (1975). In: DOAN, Laura ; PROSSER, Jay (Ed.). *Palatable poison*: critical perspectives on The Well of Loneliness. New York: Columbia University Press, 2001. p.77-88.

SHAKESPEARE, William. *Hamlet*. London: Penguin Books, 1994.

SHULLER, Donaldo. Grande sertão: veredas: estudos. In: COUTINHO, Eduardo F. (Org.). *Guimarães Rosa.* Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1983. p. 360-377. Coleção Fortuna crítica, v.6.

SLOTEDIJK, Peter. The Allies; Or, The Breathed Commune. In: _____. *Spheres, v.1*: bubbles. Microespherology. Translated by Wieland Hoban. Cambridge: MIT Press, 2011. p. 17- 45.

STRYKER, Susan. *Transgender history*. Berkeley: Seal Press, 2008.

WILLIAMS, Tennessee. *The Rose Tattoo*. Harmondsworth: Penguin, 1976.

_____. *Cat on a Hot Tin Roof*. Tennessee: The University of the South, 1986.

WOODWARD, Kathryn. Concepts of Identity and Difference. In: WOODWARD, Kathryn (Ed.). *Identity and difference*. London: Sage Publications, 2002. p.21-61.

WOOLF, Leonard. A selection of early reviews. In: DOAN, Laura; PROSSER, Jay. (Ed.). *Palatable poison*: critical perspectives on The Well of Loneliness. New York: Columbia University Press, 2001. p.50-76.